

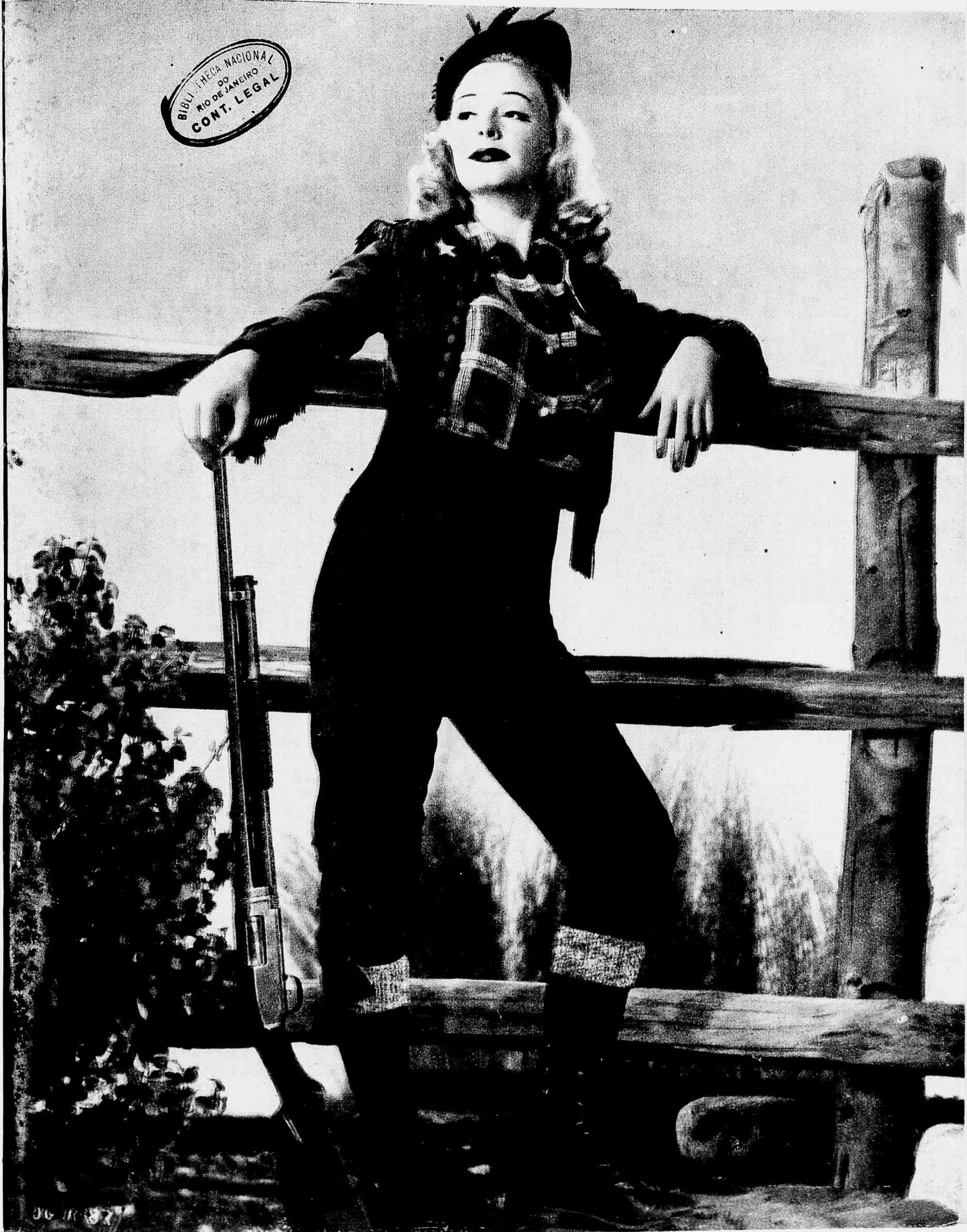
REVISTA DA SEMANA

Nº 6

CR \$ 2,00 EM TODO O BRASIL

8-2-47

BIBLIOTECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL





O CARNAVAL VEM AI!

E' com as preocupações nas escolhas das fantasias, portanto, resolvemos ajudar às nossas leitoras nesta difícil escolha, apresentando 3 lindas sugestões apresentadas à esquerda por Ginger Rogers, à direita pela encantadora Angela Greene, e finalmente em baixo, por Joan Caulfield, todas muito interessantes e bastante variadas. — (Fotos Universal, R.K.O. e Paramount).





TERMINOU a apuração do pleito no Distrito Federal, sendo derrotado o Partido Comunista no tocante à terceira senatória, pois coube a mesma ao Sr. Mário de Andrade Ramos, que deixou longe o Sr. João Amazonas, mais longe ainda o Sr. Heitor Beltrão, longíssimo o Sr. João Mangabeira e a perder de vista o quinto candidato, o Sr. Antonio Bittencourt, de quem ou quase ninguém tomou conhecimento... Entretanto, desforrou-se o Partido Comunista nas eleições para vereador, de que saiu majoritário, elegendo doze vereadores na exata e mais seis com as sobras dos outros... Da próxima Câmara Municipal, farão parte nada menos de quatro mulheres: Ligia Maria Lessa Bastos, da União Democrática Nacional; Sagamor de Severo, do Partido Republicano, Arcelina Mochel e Odila Schmidt, do Partido Comunista. Os nossos leitores com certeza já as conhecem de vista, porque os retratos de todas elas já saíram na REVISTA DA SEMANA, ilustrando uma reportagem do nosso companheiro Marcelo Torres. Os partidos que menos vereadores fizeram foram a Esquerda Democrática, o Partido Trabalhista Nacional e o Partido de Representação Popular, nome novo da Ação Integralista, de triste memória, dirigida pelo Sr. Plínio Salgado... Os dois primeiros são partidos novíssimos e ainda se compreende a modéstia da sua representação. Mas o P.R.P., que arrotava grandezas, com cartazes coloridos, escolhidos em concurso, e outros rataplans de propaganda, — francamente... É um partido velho, mas parece que não está mesmo interessando a ninguém... A Associação dos Artistas Brasileiros teve uma bela ideia, — a de reabrir a Urca, para quatro bailes de carnaval em seu benefício. Assim os foliões poderão se divertir num ambiente refrigerado e cheio de saudosas memórias, do tempo em que existiam ao mesmo tempo o Estado Novo, a roleta livre e o "chemin-de-fer" pela noite a dentro... Uma verdadeira saraivada de pau no lombo do pintor Osvaldo Teixeira, na nossa imprensa, na última semana. Começou a roda de fogo em "Diretrizes", através da pena de Gondim da Fonseca. Continuou no "Diário Carioca", na coluna de Antonio Bento. E acabou sob a rubrica "Hoje, amanhã e depois", que R. Magalhães Junior mantém na "Folha Carioca". A causa de tudo isso? Um artigo absolutamente bobo do inimigo declarado dos pintores, em geral, e da pintura moderna, em particular, alcunhando-se a si mesmo, num rasgo de petulante narcisismo, o "bonitão" da arte nacional. Diagnóstico do Dr. Peregrino Junior: o Osvaldo está de miolo mole... O brigadeiro Eduardo Gomes foi visitado pela bancada udenista na Câmara dos Deputados, inclusive o governador eleito, Sr. Milton Campos, e pelo Sr. Otávio Mangabeira, governador eleito da Bahia. A visita de Sr. Otávio Mangabeira, ainda em exercício da presidência da U.D.N., foi retribuída pelo brigadeiro, que esteve no Hotel Central, com o líder baiano. O deputado Sampaio Vidal, criticando os erros de tática do Partido Social Democrático em São Paulo, onde triunfou o Sr. Ademar de Barros, candidato da coligação PSP-PCB, declarou que o grande mal da política possuída naquele Estado reside no fato de que é uma política de simples casos que se julgam gerais... Pela segunda vez um pintor vai ter assento no Congresso Nacional, com a eleição de Candido Portinari para senador por São Paulo. O outro pintor que participou do legislativo federal foi Pedro Américo, deputado à Constituinte de 1891 pelo seu Estado natal, a Paraíba do Norte. Representantes de duas tendências inteiramente diversas da arte nacional, Pedro Américo e Candido Portinari tem outra coisa em comum. Ambos foram condecorados com a Legião de Honra, distinção que nenhum outro dos nossos pintores mereceu. Com uma facada no peito, foi assassinado, em circunstâncias misteriosas, o velho artista comico, cantor excêntrico e sapateador Gus Brown, que durante mais de trinta anos deliciou as nossas platéias com as mesmas canções e as mesmas anedotas. Ultimamente, vivia como professor de dança, na Associação Cristã de Moços e outros lugares. A Rússia respondeu a uma nota do Ministério das Relações Exteriores, sobre o caso do secretário de Embaixada Soares de Pina, dizendo que a versão real da história não era bem aquela, mas dava o assunto por encerrado. E prometia, ainda, proporcionar melhores instalações, não só à Embaixada do Brasil, como às de outros países, que reconhecia estarem mal instaladas, atribuindo esse fato ainda às consequências da guerra. O governo francês enviou um energico memorandum aos embaixadores dos Estados Unidos, da Inglaterra e da Rússia em Paris, pleiteando o estabelecimento de controle internacional para o carvão de pedra do Ruhr, afim de evitar a possibilidade da preparação de uma nova guerra pelos alemães. Um caso tristíssimo, — e acima de tudo uma vergonha para a civilização norte-americana, — a insólita manifestação de arianismo no Estado de Georgia, nos Estados Unidos, onde uma maioria fanática, na assembleia Legislativa, acaba de proclamar "a supremacia da raça branca" e de retirar aos negros o direito de voto... Exatamente a mesma coisa que Adolf Hitler fazia com os judeus na Alemanha! Quem havia de pensar que dentro dos Estados Unidos, — a nação campeã dos direitos humanos, — um dia apareceria um corpo legislativo capaz de justificar o "fuehrer" germanico!... Um lance dramático, no julgamento dos assassinos do líder socialista Matteotti na Itália: quando Amadeo Totti, um dos acusados, exibiu aos julgadores pedaços do corpo do parlamentar assassinado. Num movimento altamente simpático de solidariedade profissional, figuras de relevo do nosso meio jornalístico resolveram promover um almoço em homenagem a Rafael Correia de Oliveira e a Vitor do Espírito Santo, dois jornalistas processados administrativamente, — não como homens de imprensa, mas como funcionários, — pelos ministros da Fazenda e do Trabalho, em razão de críticas formuladas contra a administração pública. O novo chefe de polícia, general Lima Câmara, com um espirito muito liberal e compreensivo, autorizou os blocos, ranchos e cordões a desfilar na Avenida Rio Branco, assim como permitiu o uso de máscaras em recintos fechados. O mundo marcha... para o carnaval!

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; em fim não se tem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!



Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**

OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

CONCURSO DE CONTOS — São estas as bases do nosso concurso permanente de contos: 1º — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade; 2º — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos; 3º — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana na publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem; 4º — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo officio, em espaço dois, e no máximo oito folhas; 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração no envelope: "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA"; 6º — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem leterariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

CONCURSO DE TEATRO — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer.

CONCURSO DE ROMANCES — Foram recebidos os seguintes originais: "Eterno estribilho", de Raul Vital; "Alvaro Gonçalves", de Paulo Licio Rizzo; "O destino é que nos leva", de Graciema P. Genore; "Angustiado estou por ti", de Henrique Consoni Junior; "Heróis e pecadores", de Jary Gomes; "Vereda luminosa", de Leda S. de Andrade; "Paixão e sensualismo", de Antonio Tibiriçá; e "Alvorada", de Betina Diniz, além de um romance sem nome de autor e sem título, que começa com a frase: "Eram sete horas menos dois minutos". Ao autor desse trabalho, rogamos a gentileza de se identificar. "Atlantida Soterrada", do Sr. Mário (pseudônimo); "Um cachorro e outras pessoas", de Alberto Leal e "Tempestade", de Adelino Volfar (pseudônimo). Todos os originais já foram por nós distribuídos à comissão julgadora, constituída pelos escritores João Luso e Berilo Neves.

OFICINA DE 1.º ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

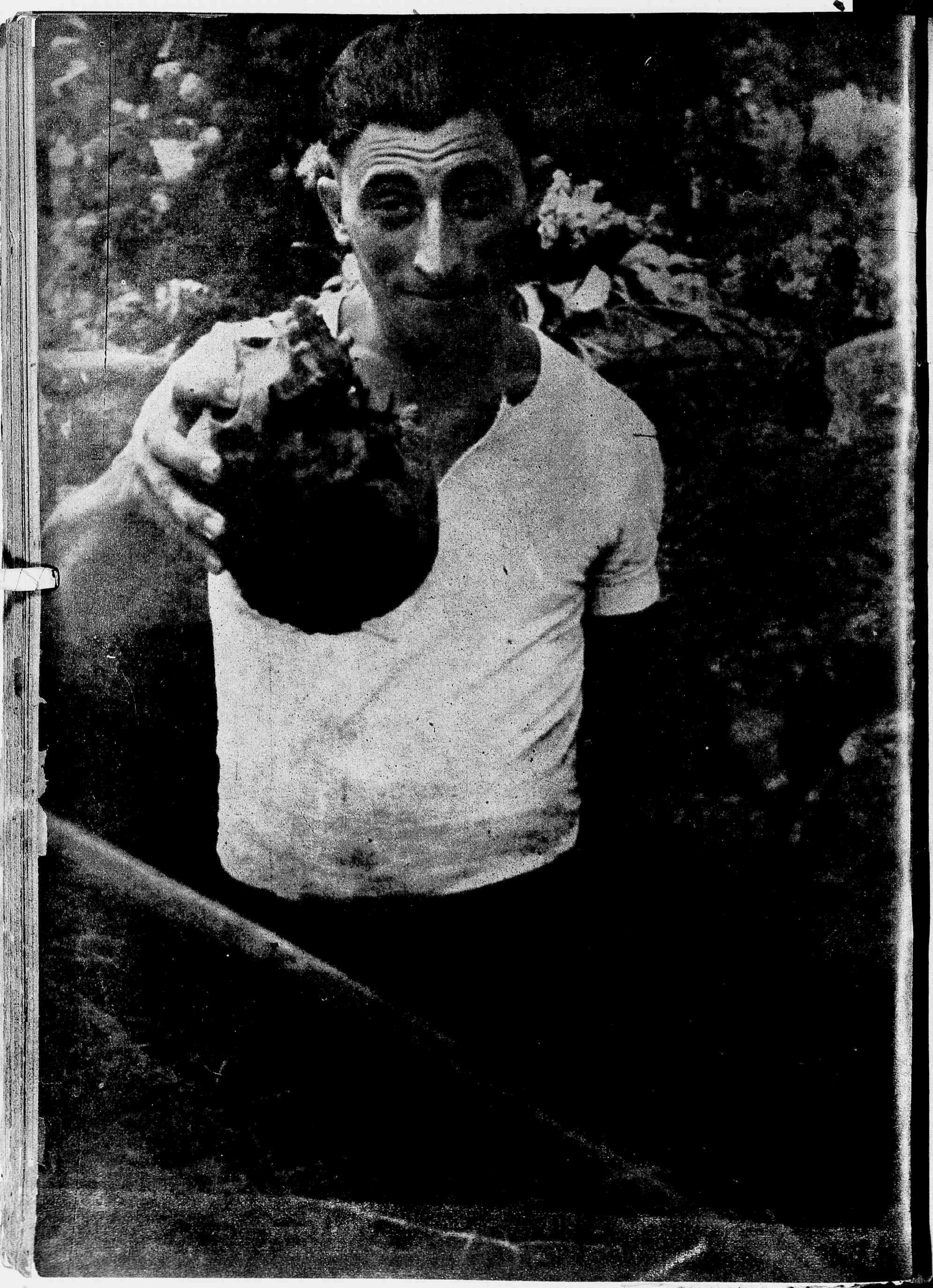
R. CARIOCA N.º 28

Loalheria

LUIS R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

TOAL, RELÓCIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES





Na página à esquerda: O reporter se acabrunha com isto? Qual, uma caveira como outra qualquer! Não faz mal a ninguém. Pode pegar e examinar. Não faça cerimônia... Em cima, no início da profissão uma caveira impressionava um pouco. Val-se para a casa pensando coisas... Arlindo dá a impressão de quem está filosofando sobre a precariedade das coisas terrestres.

QUANDO A MORTE AJUDA A VIVER...

Os coveiros também têm reivindicações — O homem que já enterrou 50.000 pessoas — Classe que não pode fazer greve — "Assombração é coisa que não existe", declaram os coveiros da cidade — A Santa Casa quer fazer a "caveira" deles — Uma classe a procura de sindicato: serão comerciantes ou industriários? — O sapateiro Pichelin.

Reportagem de NEY MACHADO



Fotos de NEWTON VIANA

PARA a maioria das pessoas o coveiro é um ente fabuloso, de sombrio e terrífico aspecto. O contacto que o público tem com esses trabalhadores do campo-santo é sempre nas horas tristes em que acompanha ao cemitério seus parentes ou amigos. Os homens que descem os caixões para dentro das covas, com um ranger de correntes e baques surdos, vistos através da cortina de lágrimas que embaça os nossos olhos, tomam para nós um aspecto diferente do que têm na realidade. Julgamos que a atmosfera de tristeza criada por nós mesmos naquele momento, seja o ambiente usual daqueles jardins de paz. Puro engano. Porcos serão os lugares tão aprazíveis e raras são as profissões onde o ambiente de trabalho seja mais bem humorado. O coveiro é tão alegre no seu trabalho como o operário junto à sua máquina ou o comerciante no seu balcão. As dores extravasadas diariamente diante de seus olhos o impressionam menos do que a dor de um calo que lhe está avisando do mau tempo. Augusto dos Anjos quando falou dos coveiros, numerando sepulturas e carneiros, reduzindo carnes podres a algarismos, fê-lo em tom lúgubre, apresentando-os como homens que tivessem prazer mórbido em enterrar e desenterrar ossadas humanas. Bem se vê que o poeta do "Eu" nunca fora reporter. Se tivesse sido, teria ido em primeiro lugar ao cemitério mais próximo e depois de alguns minutos de palestra, exclamaria espantado: — "Como são alegres esses coveiros!" Essa foi a impressão que tive-

mos. Enquanto fazíamos hora no botequim que fica de frente do cemitério São João Batista, entraram dois portugueses troncudos e bronzeados, cada um trazendo uma pequena vassoura de piassava nas mãos sujas de cal. Enquanto um deles emborcava um chope duplo, o outro insistiu:

— Anda, Machado! Vamos exumar o 1.079...

E o Machado, limpando nas costas das mãos a espuma do chope, redarguiu:

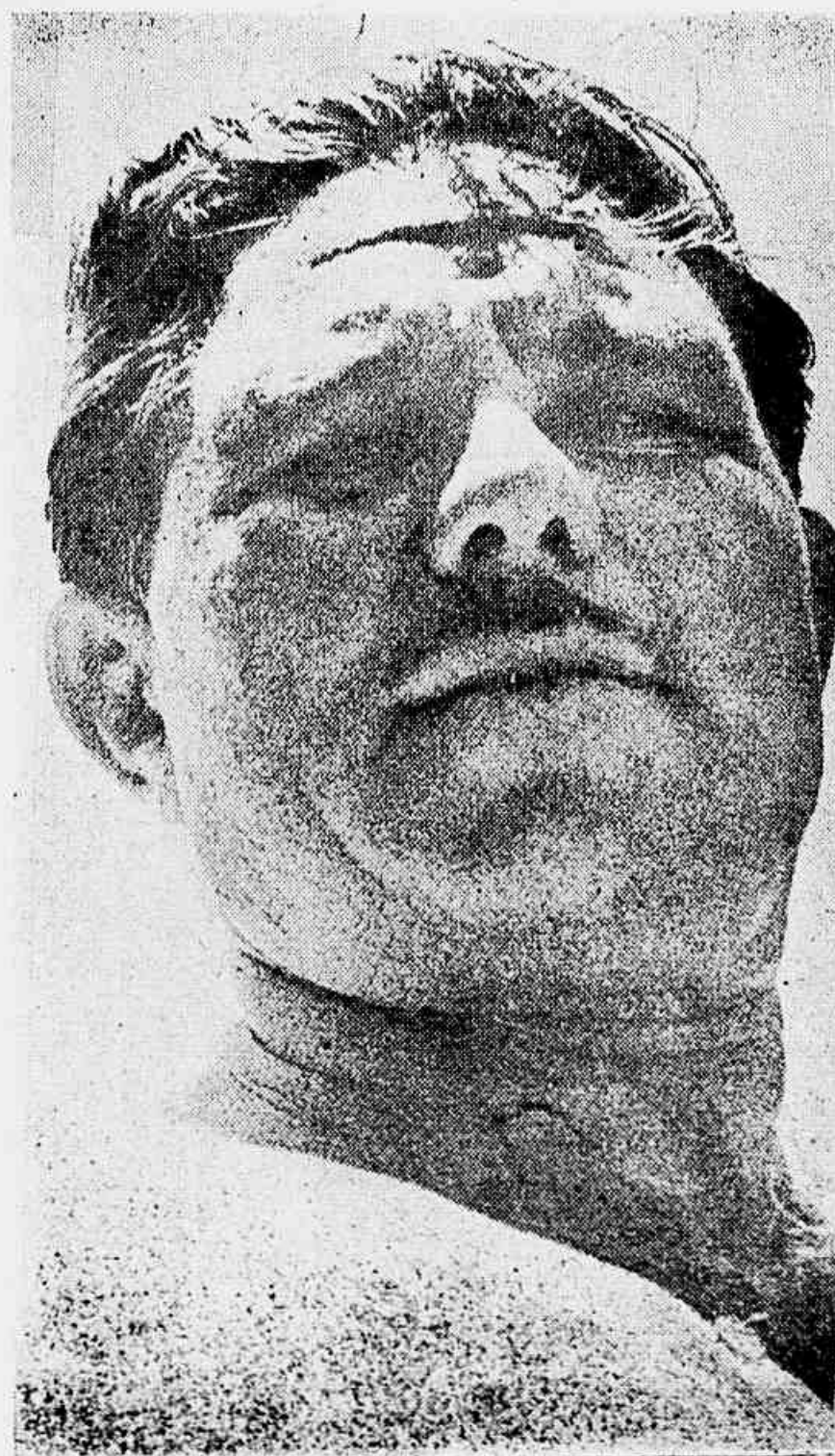
— Calma, rapaz, que o 79 não tem pressa.

O dono do bar, depois que os dois saíram, fez-se de amigo da onça:

— Gente "folgada", esses coveiros...

UMA VISITA AO CAJÚ

O dono do bar não tinha razão, como verificamos depois. Dos empregados de cemitérios, tais como pedreiros, marmoristas, guardiões, capinadores, ajudantes e coveiros, esses últimos são os que pegam no "batente" pesado o dia inteiro, quer faça sol ou chuva, porque — como nos disse um deles — "defunto não tem dia pra morrer". O cemitério do Cajú, um dos maiores da cidade, tem, aproximadamente cem mil sepulturas, com as suas diversas categorias que vão desde o carneiro de 1ª classe aos sete palmos de terra cedidos por curto prazo aos indigentes. A sociedade, mesmo depois que o cidadão não está ligado



Manoel Gomes da Silva Coveiro há vinte anos. "Não penso em mudar de profissão. O ordenado não é lá essas coisas, mas o ofício é tranqüilo e o lugar muito agradável!"

A caminho da cremação. Os ossos que não vão para o ossuário seguem para o forno crematório. Uma geração inteira pesa alguns quilos de pó. Quanto pesará uma ambição?

ao que lhe façam, teima em separá-lo de acôrco com suas possibilidades financeiras. Quem tem dinheiro compra por algumas dezenas de contos de réis a sua morada perpétua. Alguns preferem ser enterrados em uma espécie de gavetões abertos numa larga parede, reminiscência dos sepulcros dos tempos de Cristo. A classe modesta consegue quando muito pagar uma "cova especial" e a classe pobre tem que fazer rateio entre os conhecidos do morto para custear uma modestíssima cova rasa. Os indigentes eram, antigamente, jogados numa vala comum, sendo impossível a qualquer pessoa da família localizar o lugar exato do sepultamento. Hoje os homens de boa vontade concederam covas rasas também a esses desprotegidos. A família do indigente pode, com segurança, humedecer com suas lágrimas o local exato do sepultamento.

COVEIRO HÁ 35 ANOS...

Alegre e bonachão, transpirando saúde por todos os poros, o português Manoel da Cunha recebeu com um largo sorriso os repórteres. Manoel é um dos coveiros mais antigos do Rio. Trabalha nesse ofício há trinta e cinco anos, sempre no mesmo cemitério, do Cajú. Chegando de Portugal em 1910, passou um ano na nova terra brasileira fazendo pequenos biscates e estudando o ambiente. Em 1911 decidiu-se: iria ser coveiro.

— Por que, Manoel?

— Ora! Cada um tem as suas preferências...

Não entrou logo para esse alto posto. A nenhum dos candidatos é permitido o acesso direto ao cargo. Ali existe uma hierarquia... Entram como capinadores, passam mais tarde a servente e, depois, quando se abre uma vaga no quadro, são nomeados coveiros. Manoel da Cunha tira o chapéu de palha que o defende do sol de meio dia e vai contando:

— Naquele tempo o serviço era mais "duro". Trabalhávamos das sete da manhã às sete da noite. Muitas vezes o serviço de enterramento ia pela noite a dentro, pois tínhamos ordens de enterrar os indigentes a qualquer hora da noite. Muitas vezes estavam soando as doze badala-

das e nós, alumiados por um lampeão de querosene, estávamos batendo a última enxada sobre a cova dos pobres diabos

— E o ordenado? — perguntámos.

— A tabela era a seguinte: capinador três mil réis por dia, ajudante quatro mil réis e coveiro cinco mil réis.

— Dava par as despesas? — perguntamos nós, que somos da era da inflação.

— Oh! — fez o coveiro — Se dava! Com as gorjetas de vintens e tostões que recebíamos levávamos um viadão! Depois veio a guerra de 14 e as coisas foram piorando. Tudo aumentava de preço. Não tanto como agora, mas já fazia muita diferença. E em 1918 nós fazíamos a primeira e única greve de coveiros que já se fez no Rio de Janeiro.

A GREVE DOS COVEIROS...

— Conte-nos como foi isso, Manoel. Vocês deixaram mesmo de trabalhar?

— Claro! Vendo que a Santa Casa não atendia às nossas justas pretensões fizemos greve geral. Ajudantes e coveiros, abandonamos o Cajú e durante quatro dias, quanto durou a greve, não havia ninguém para fazer os enterramentos.

— E os defuntos?

Manoel tem um sorriso, ao se lembrar das aperturas por que passou a administração. E responde:

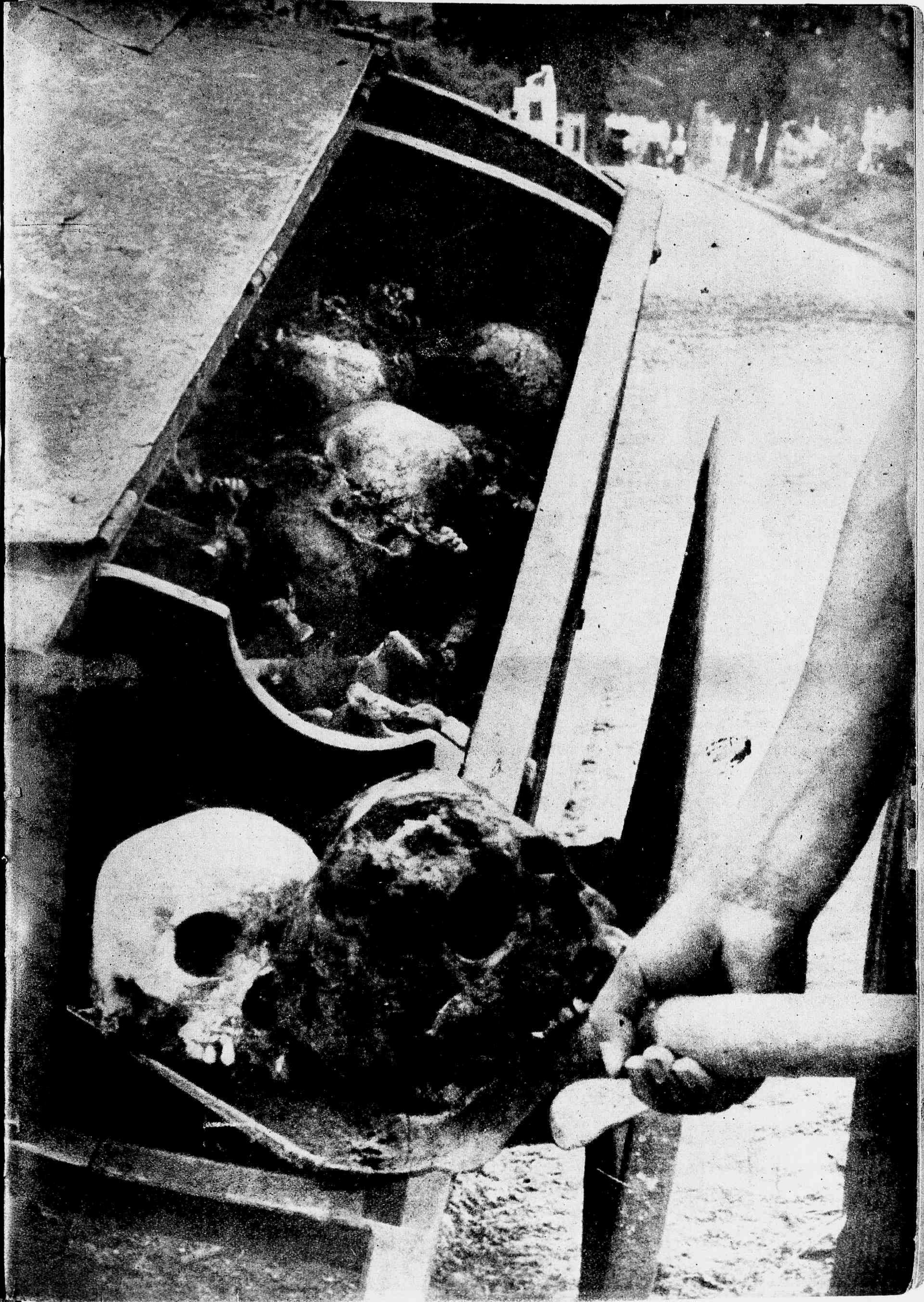
— Continuavam morrente e chegando todos os dias, sem respeitar a greve. No fim de quatro dias havia mais de 30 mortos armazenados na Capela. O povo reclamava, a Saúde Pública gritava que poderia haver uma epidemia e a Santa Casa viu-se obrigada a ceder. Fez o aumento. Aliás a Saúde Pública tentou substituir-nos pelos garís, mas não deu certo. Defunto não é lixo.

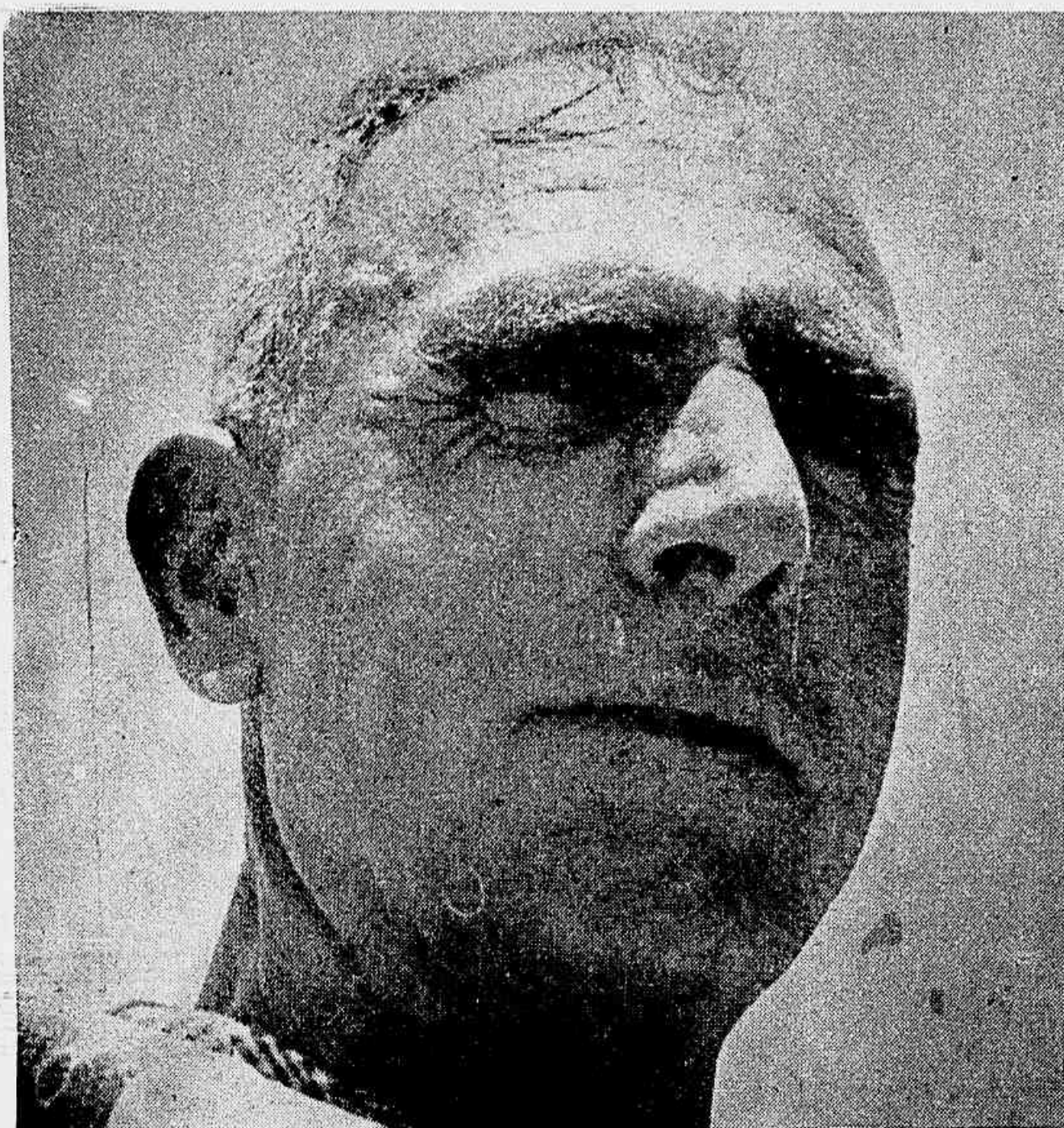
— De quanto foram aumentados?

— Passamos a ganhar 5\$500. Quando voltámos da greve o senhor não imagina que trabalhão para pôr o serviço em dia!...

Em baixo: Arlindo Rodrigues é um coveiro novato. Tem seis meses apenas de trabalho. Por enquanto está um pouco desambientado, mas isso passa... A direita: Trinta crânios humanos dentro da carrocinha. Resultado de um dia de trabalho árduo, desenterando esqueletos, aproveitando as covas que são poucas, para muitos que estão na fila.







A esquerda: Manuel Cunha, o velho. Trinta e cinco anos de bons serviços no cemitério do Cajú. Já enterrou 50.000 pessoas e está forte e riço para enterrar outras tantas. A direita: Manuel Cunha, o moço. 11 anos de serviços como ajudante de coveiro. Ajuntou uns cobrinhos e vai se casar. A qualquer hora do dia está sempre com a noiva no pensamento.

RECORDAÇÕES DA "ESPANHOLA"

Manoel da Cunha acabou de desenterrar os últimos ossos de uma cova rasa e esclareceu ao repórter.

— A ossada que o senhor está vendo nesse carrinho é parte do que desenterramos hoje. Olhamos para o interior do carrinho. Vimos uns trinta crânios humanos.

— Onde estão os outros ossos? — perguntamos.

— Estão mais para o fundo da terra. Ainda chegaremos lá.

Quisemos saber qual a mais triste recordação da sua vida de coveiro. Sendo testemunha diária da dor alheia não seria difícil encontrar alguma passagem dolorosa na sua existência profissional. Ele não pensa muito tempo para responder.

— Todo coveiro que tem mais de 27 anos de profissão

O cemitério só é triste para os que estão cá fora. Enquanto desenterram uma tibia e uma costela, há sempre tempo para um bate-papo e até para uma boa piada.

tem a mesma lembrança. Foi no tempo da epidemia da "espanhola", em 1919. O senhor se lembra? Morria gente como mosquito. No período agudo, que durou um mês, mais ou menos, recebíamos mais de cem defuntos por dia. Não havia tempo nem para pô-los num caixão. Vinham escoteiros. Era só o tempo de dois de nós pegarmos no corpo, um nas pernas, outro pelos ombros, e atirá-los para dentro de uma enorme fossa. O cemitério nesse tempo dava medo a quem não estivesse acostumado. Por todos os lados, ardiavam barricas contendo alcatrão para desinfetar o ar.





De noite haviam lampadas de emergência colocadas nas alamedas, pois os côches fúnebres não paravam de chegar.

Sentando-se sobre o mármore de um mausoléu, o velho coveiro arrematou:

— Parecia que aquela mortandade não teria mais fim...

ENTERROU 50.000 PESSOAS...

Fizemos uma pergunta que deixou o português um tanto desconcertado:

— Quantas pessoas você calcula ter enterrado até agora?

Depois de pensar, calcular, contar nos dedos, disse-nos ele com certo orgulho profissional.

— Não deixo por menos de cinquenta mil. Se o senhor

Ao meio-dia descansa-se um pouco. Os que moram perto vão almoçar em casa. Outros comem ali mesmo. Uma palestra agradável, um bom sanduiche, até que o sino ordene o recomeço da tarefa.

duvida faça o cálculo. Com a média de quatro por dia e trinta e cinco anos de trabalho, dá daí para melhor... A média de enterros é de oito por dia, uns duzentos e cinquenta por mês, mais ou menos. Não os faço todos, porque não é possível e, mesmo, para certas quadras, já existem determinados coveiros e ajudantes.

"ASSOMBRAÇÃO" NÃO EXISTE

Enquanto conversávamos com o veterano da turma, outros mais foram se chegando. Cada um dava o seu aparte, a sua opinião e a conversa às vezes rapidamente

passava de um polo a outro, sem conexão do assunto iniciado. Uma coisa interessante: há no cemitério do Cajú onze coveiros e dezoto ajudantes. Entre todos esses homens só um é brasileiro. Os demais são todos de Portugal. Será que o brasileiro é supersticioso? Terá medo de assombrações e almas do outro mundo? Um ajudante, um rapaz chamado Antonio pede licença para o seu aparte:

— Eu acho que é por ser o trabalho muito "pesado" e relativamente mal pago. Cavar e desencavar durante todo o dia, com chuva ou sol, não é para qualquer um.

Talvez o rapaz tenha razão. O coveiro tem que ser antes de tudo muito forte. O trabalho é exaustivo e o brasileiro, em geral, não tem constituição para enfrentar essas "paradas".

A esquerda: Eles esperam pacientemente que as últimas lágrimas e a derradeira pá de cal desçam sobre o caixão. O pranto alheio não os comove. Tudo isso é rotina, nada mais. A direita: Dentro daquela caixa, levada displicentemente pelo coveiro, vão os ossos de alguém falecido há cinco anos. Quantos desejos, sonhos, trabalhos e dores reduzidos a pó...





— Vocês nunca tiveram medo de assombrações e coisas semelhantes?

Todos eles soltam gostosas gargalhadas ante uma pergunta tão ingênua. Um deles faz-se porta-voz para declarar:

— “Seu” moço, esse negócio de alma do outro mundo foi inventado por gente que tem medo do cemitério. Lugar mais sossegado do que este não existe. Ninguém aqui tem medo dessas coisas, mesmo porque tudo isso é invenção.

O reporter é um pouco supersticioso e insiste:

— Mas vocês, nem mesmo quando começam a trabalhar, não têm uma certa prevenção com o serviço?

Manoel da Cunha, que se conservava calado, voltou a conversar:

— Homem medroso não vem ser coveiro. No princípio o estômago embrulha um pouco, mas não é de medo, é de falta de costume. Depois a gente não liga mais a coisa alguma.

A “CAVEIRA” DOS COVEIROS

Um rapaz sorridente, vindo do Minho há meia dúzia de anos, traz um outro assunto à baila:

— E’ isso mesmo — diz ele, de dedo em riste. — A Santa Casa quer ver a nossa “caveira”. O senhor não acha que o nosso ordenado é miserável para os tempos de hoje?

— Vamos devagar. Quais são os ordenados atuais que ela lhes paga?

— Há mais de dez anos que o salário do pessoal dos cemitérios é o mesmo. Capinadores e ajudantes de coveiro, Cr\$ 510,00 e coveiros Cr\$ 700,00 mensais. Como se pode viver assim. E’ verdade que o que nos garante são as gorjetas nos enterros e as pequenas mensalidades que nos são pagas por particulares para que cuidemos dos mausoléus. Mas propina é coisa incerta e, depois, não acompanha a ascensão do custo da vida.

Um outro rapaz, ajudante de coveiro, de nome Antonio Manoel, põe o assunto em cifras:

— As famílias nos pagam para conservação dos jazigos importâncias que variam entre cinco e vinte cruzeiros. Há muitos anos que as mensalidades não variam. Relativamente, como o senhor vê, estamos ganhando menos.

Um outro coveiro apartela:

— E essa conservação diminui de ano para ano. Parece que hoje em dia os que continuam vivendo não se importam muito com os que já se foram. Antigamente havia pessoas que durante toda a sua existência pagavam regularmente a conservação dos túmulos dos seus entes queridos. Hoje, quando contratam a conservação, o fazem no máximo durante um ano. Depois disso não aparecem mais por aqui ou se cá aparecem é no enterro de um outro parente. Nesse andar em que vamos, dentro de alguns anos não haverá mais conservação de mausoléus.

Um rapaz nortista, o único coveiro brasileiro que existe no cemitério do Cajá volta ao assunto dos salários:

— A Santa Casa está fazendo “cera” porque sabe que não podemos fazer greve. Mas já estamos em dissídio e dentro de algumas semanas contamos com a decisão final. O que nós pleiteamos não é nenhum absurdo. Queremos 80% de aumento nos nossos salários. A Santa Casa vem aumentando ano após ano os preços dos enterros, dos carneiros, das catacumbas e das covas rasas e especiais...

A QUE CLASSE PERTENCEM OS COVEIROS?

A que classe pertencem os coveiros? Como se poderá classificar a sua atividade profissional? Serão comerciantes ou sua profissão estará incluída no rol das indústrias? O próprio governo não o sabe. Desde 1940 os coveiros estão completamente desamparados. Contaram-nos que até essa data pagavam sua contribuição para o Sindicato dos Empregados da Construção Civil. Um belo dia, a diretoria desse sindicato, após mais de seis anos de arrecadação, resolveu que o trabalho de coveiro nada tem a ver com construções civis e eles foram, assim, excluídos do sindicato. Depois desse “desejo” sindical, nenhum outro sindicato os aceitou, todos tendo a mesma justificativa: a de que a profissão dos empregados de cemitérios é um tanto singular, não se aliando a qualquer uma das outras já sindicalizadas.

Diz-nos depois o brasileiro da turma:

— Fomos postos para fora do sindicato sem receber qualquer indenização. Eu, por exemplo, havia contribuído regularmente durante seis anos. Nada me devolveram. Perdi bestamente o meu dinheiro, que pagava mensalmente àquele sindicato. O senhor acha que isso está direito?

Um outro ajudante nos informa:

— Vamos organizar agora o nosso sindicato que deverá chamar-se Sindicato dos Empregados em Cemitérios. A classe é grande. Somos mais de oitocentos. E se nos unirmos o sindicato sai.

RECORDAÇÕES DO SR. MANOEL

Depois da discussão sobre o aumento dos salários o coveiro Manoel pediu licença. Tinha que ir para o trabalho. Acompanhámo-lo e, durante o trajeto, ele nos foi contando coisas curiosas já acontecidas ali.

— O senhor se lembra do caso do sapateiro Pichelin? Dissemos que não nos lembrávamos. E o coveiro foi contando:

— Foi um caso estranho, embora nada tivesse de sobrenatural como o povo espalhou. Esse Pichelin foi um sapateiro remendão muito sovina, que vivia aqui em São Cristóvão, trabalhando muito e guardando todas as patacas

(Continua na pág. 53)

A última morada. E’ o único lugar onde tão diversos números tem um denominador comum: a morte.

Carnaval

PARA SI E PARA OS SEUS AMIGOS — ANISETTE MARIE BRIZARD.



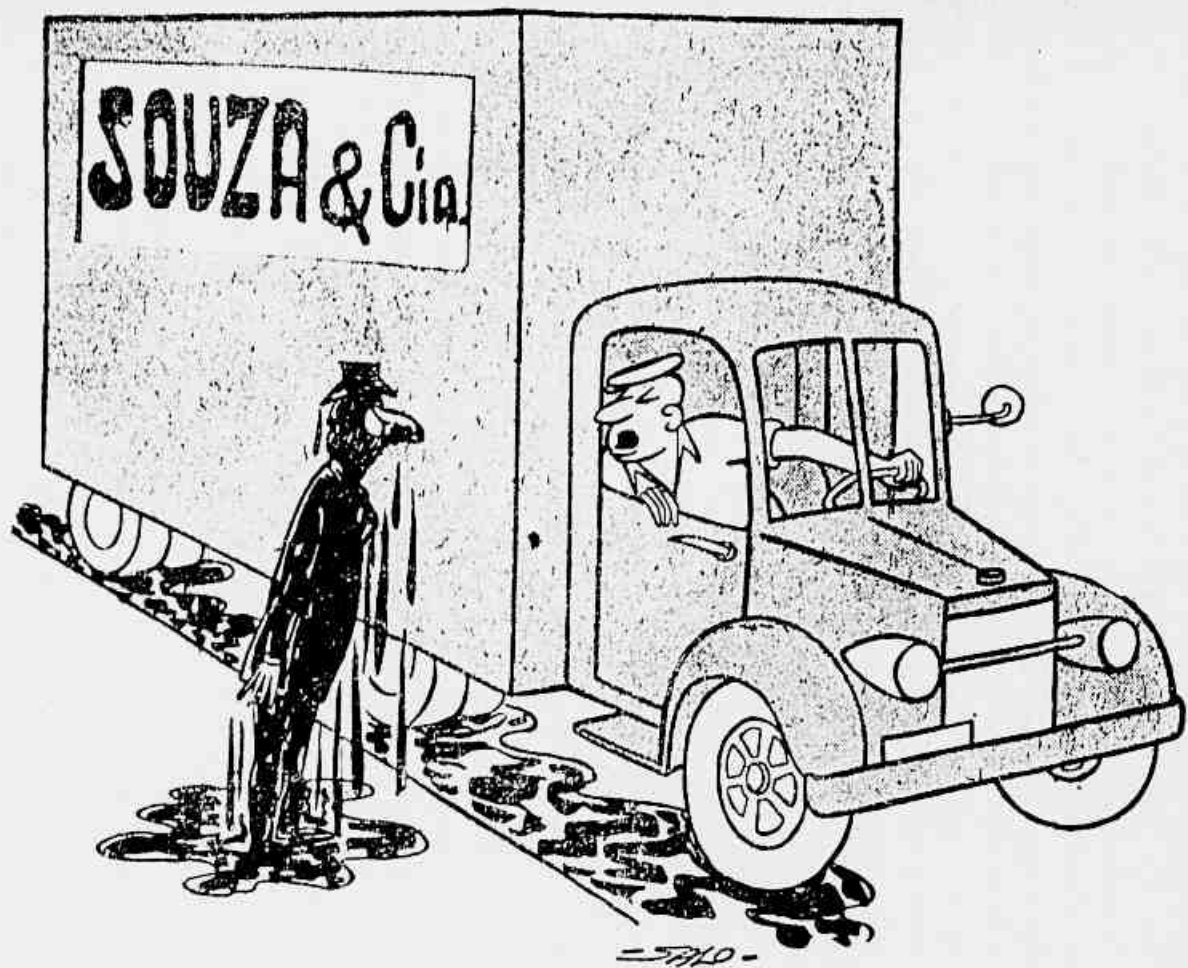
Anisette

COM ÁGUA GELADA

MARIE BRIZARD

200 ANOS DE QUALIDADE

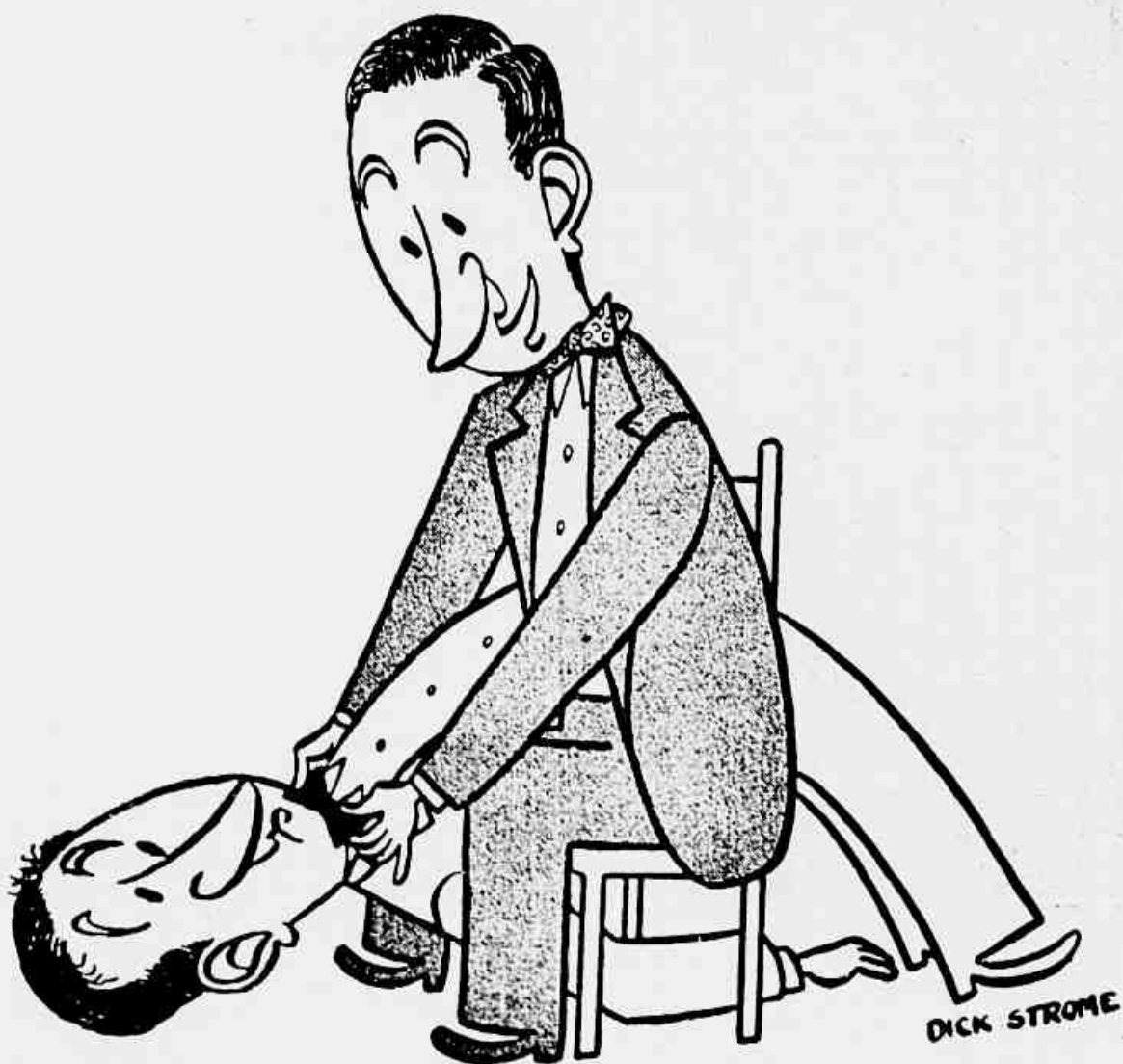
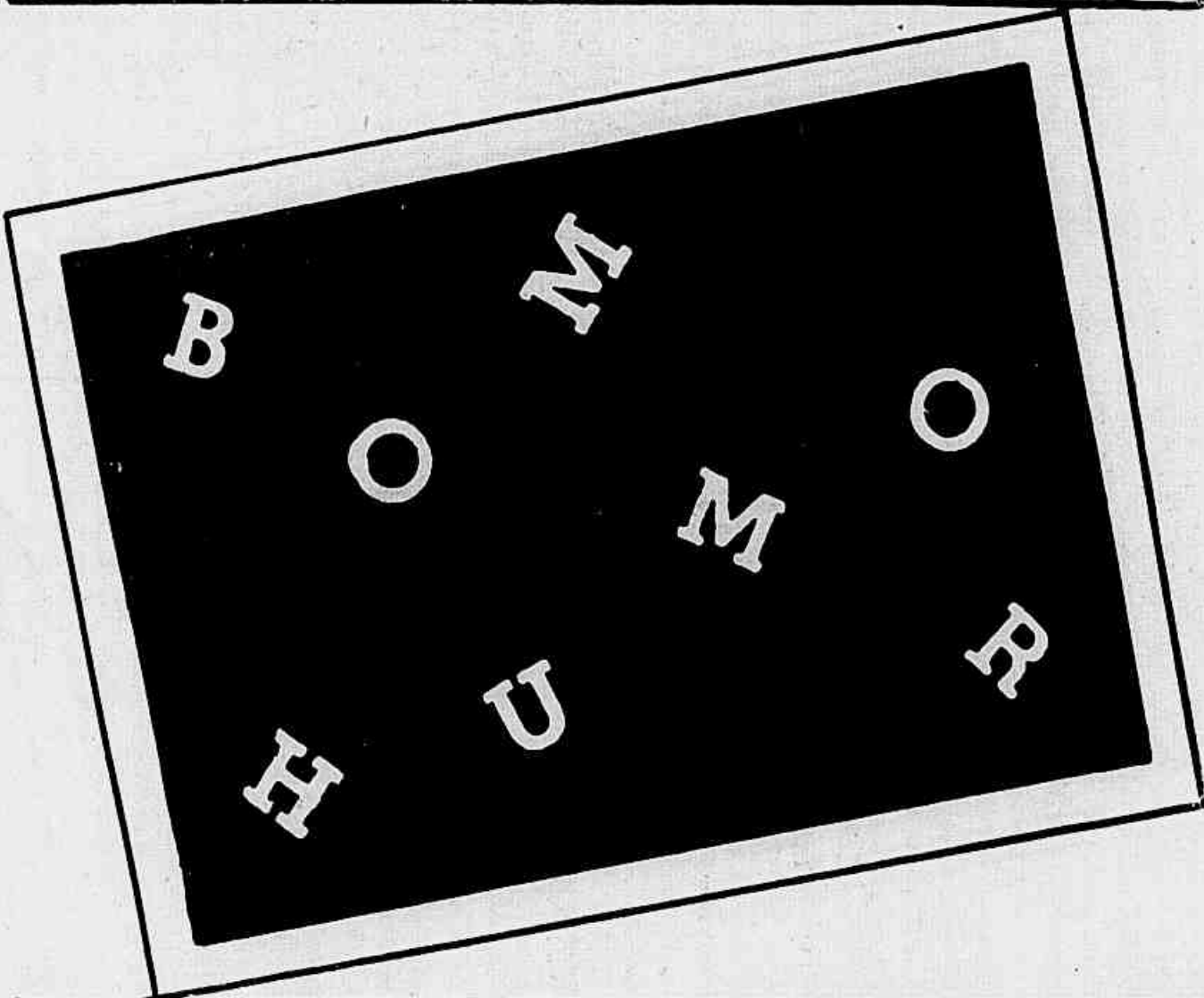
JUNTE
3 PARTES
DE ÁGUA
POR UMA
DE
ANISETTE



— Peço-lhe que aceite as minhas humildes desculpas...

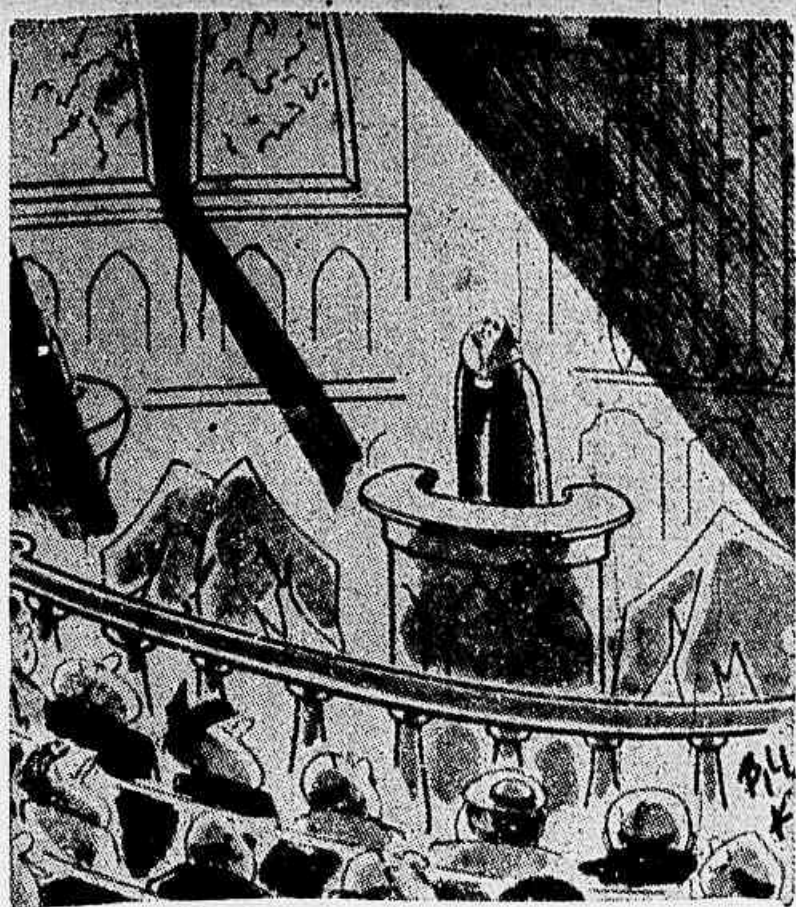


— E agora, ao som embalador e romantico da "Aloha", dizemos adeus ao lindo Hawaii...



— Está compreendendo, Juca? E' a mesma coisa que dar um beijo no coração dos sapatos...





— Sendo o sermão de hoje sobre a incontinência de linguagem, ficarei meia hora calado...



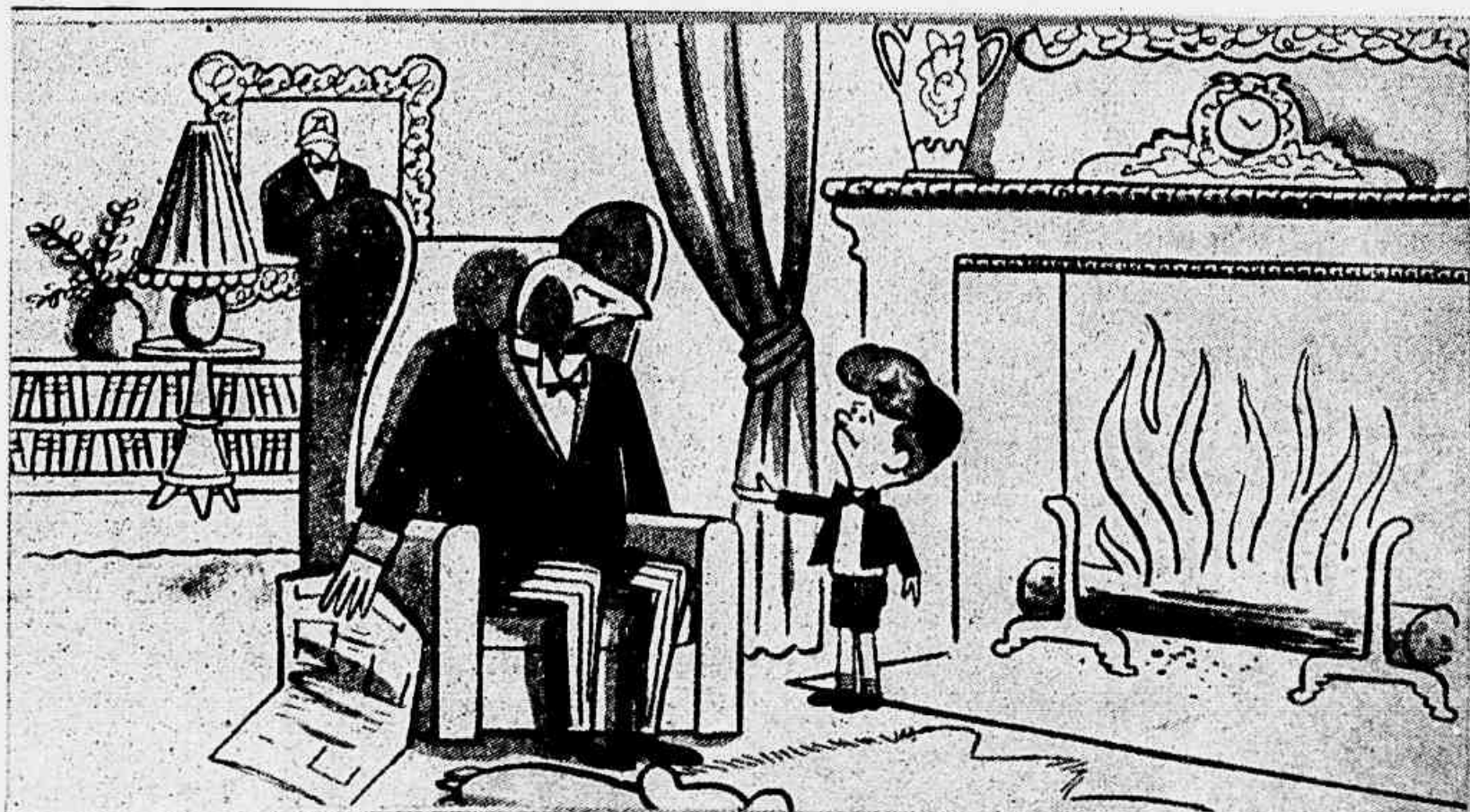
— Alguém está soprando !



— E de quem é que você é o cachorrinho queridinho da mamãe ?



— Oh, senhor Gouveia ! Que prazer revê-lo depois de todos estes anos !



— Deixe de me amolar ! Amanhã direi à minha secretária que lhe mande um cheque de cinquenta centavos !



Roddy, um cão alsaciano de três anos e meio, que acompanhou seu dono, o aviador C. Morecombe, durante toda a campanha da Itália. Em baixo: Lassie e Laddie, dois cães que são atores cinematográficos, dão bem uma idéia da extraordinária inteligência desses animais. O treinamento dos cães pelos ingleses para descobrir minas e armas enterradas mostra que a gente britânica é capaz de todas as astúcias para manter o seu império...



OS CÃES NA GUERRA

Como os ingleses treinam os seus mastins para a descoberta de minas e de armas enterradas.

Por KATHLEEN COURLANDER (Especial para REVISTA DA SEMANA)

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, na qual inúmeros cães foram treinados para auxiliar as forças armadas a derrotar o inimigo, deu origem a grande número de belas histórias sobre feitos de cachorros.

Ainda agora, na Palestina, os cães prestam valioso serviço procurando localizar armas escondidas. Mick, por exemplo, um cachorro de raça cruzada e de aparência comum, fareja um acampamento perto de Jerusalém. Num determinado ponto pára, põe as orelhas em pé e olha para o soldado que o acompanha, que é também seu tratador. O soldado começa a cavar com uma pá e encontra um cano. Apesar de não ser isso o que procura, o cão acertou, porque a sua missão é descobrir objetos metálicos enterrados. O animal é recompensado com um biscoito e algumas palavras de encorajamento.

Durante a guerra Mick e outros cães do Exército foram usados na Alemanha para descobrir minas enterradas. Eram conduzidos presos a uma longa corrente e assim que ela era posta os animais sabiam que deviam começar o trabalho.

A experiência ensina que o trabalho excessivo estraga o faro dos cães. Esses animais trabalham melhor nas manhãs frescas e à noite.

O cão que mais brilhou nesse serviço foi Rex, um cachorro, como outros, de raça mista e de origem desconhecida. Rex distinguiu-se na busca dada aos acampamentos de Dorot e de Rubama.

Não obstante o fato de que já haver sido empregado antes naquela área um detetor de minas elétricas, Rex indicou ao seu treinador haver localizado algo sob o chão de areia de um barracão. O detetor de minas nada havia indicado, mas Rex insistia.

Os soldados começaram a cavar e logo encontraram um alçapão de madeira. Levantado este viu-se que conduzia a um subterrâneo no qual foi descoberta grande quantidade de pistolas, fuzis-metralhadoras, rifles, metralhadoras leves e pesadas, morteiros e munições.

Ao mesmo tempo o cão Dumbo descobria um aparelho rádio-transmissão e o cão Gyp indicava um lugar onde, depois

(Continua na pág. 58)



JOEL DE ALMEIDA nasceu a cinco de novembro de 1921, enquanto Francisco Rangel, seu companheiro de dupla, mais conhecido por Gaúcho, veio ao mundo no dia vinte e nove de junho de 1911. Ambos ingressaram no rádio pela vontade de ganhar dinheiro, o que tem acontecido, felizmente. Antes do rádio, Joel, que pesa cinquenta e sete quilos e tem um metro e setenta e quatro de altura, era bancário; ao passo que Gaúcho, com seus sessenta e oito quilos, mais seu metro e setenta e seis de altura, exercia funções numa repartição. Ambos já trabalharam em todas as emissoras do Brasil, excluindo a Rádio Jornal do Brasil que não cultiva o gênero popular... Recentemente estiveram no Paraná, obtendo enorme sucesso artístico e financeiro, razão por que deixaram de gravar para este carnaval, embora possuíssem uma autêntica bomba atômica, que é o "Boogie-woogie do rato", gravado pela Odeon e incluída num filme nacional. Os grandes êxitos da dupla Joel e Gaúcho até aqui, foram "Estão batendo", "Aurora", "Pierrot apaixonado", "Guiomar" e "Cai, cai...". Como todo artista, eles possuem seus astros preferidos, sendo que Joel é francamente de Ingrid Bergman, gosta de Dulcina e admira a voz de Rui Rei. Seu companheiro adora Greer Garson, aprecia Procópio Ferreira e ouve satisfeito o Sílvio Caldas. Os dois praticam a natação, gostam de uma carne assada com coradas ou uma feijoada completa, nas cores escolhem o azul e o amarelo. Em matéria de "foot-ball", Joel é Flamengo e Gaúcho é América.

DENTRE os novos valores da atual geração radiofônica, está Altamar de Matos, artista exclusiva da Rádio Nacional, apesar dos seus doze anos. É uma garota que nasceu artista, levando-se em conta que aos quatro anos já tomava parte nos espetáculos de rádio-teatro da Tupi. Sua atuação já se fez sentir na Cruzeiro do Sul, Mauá, Globo e Guanabara, de onde saiu para assinar contrato com a PRE-8, que a tem trabalhando em "A lua nasce em frente à minha janela", "Filha adotiva" e "A felicidade pode esperar". três destacadas novelas, isto sem citarmos os programas. Sem ter predileções por artistas de rádio, pois gosta de todos, cada qual no seu gênero, ela é torcedora ferrenha do Flamengo. Em matéria de cinema, seu gosto recai em Margaret O'Brien e Mickey Rooney, ao passo que no teatro aprecia Rodolfo Mayer e Maria Sampaio. A propósito de escritores, ela prefere Monteiro Lobato com suas admiráveis histórias; Joraci Camargo, com seu teatro profundo e Ghiaroni, com suas peças radiofônicas, bem movimentadas. Nas cores ela escolhe o branco, o rosa e o azul. Quanto ao prato preferido, não tem, mas, adora um sorvete. Principalmente no calor. Seus grandes sucessos foram nas novelas "Titio Heitor", de Haroldo Barbosa; "Um lírio na correnteza", de Raimundo Lopes, "Os amores de um homem triste", de Eurico Silva e "Para toda a vida", de Oranice Franco. Pratica "volley-ball", anda de patins, nunca trabalhou no cinema nem utiliza pseudônimo.



PAULO GRACINDO, ao contrário do que muita gente supõe, é carioca de nascimento. Aos quatro meses de idade foi levado para Alagoas, lá permanecendo até os sete anos, quando, em companhia do progenitor, seguiu para Londres. Ao regressar, cursou o Colégio Nóbrega, em Recife, onde tirou os preparatórios. Depois ingressou na Faculdade de Direito de Recife. Aí o foi encontrar a revolução de trinta, da qual participou como soldado, sob as ordens do capitão Juraci Magalhães, vindo parar na sua terra natal. No Rio, não lhe foi difícil ingressar no teatro, pois contava com o talento artístico e as amizades de seu primo, o senhor Gilberto de Andrade. Fê-lo no elenco do Teatro Cassino, ao lado de Luis Barbosa. Mais tarde, foi parar no Broadway, ao lado de Olgarita del Amico. Daí, entrou para a companhia de Dulcina, estreando em "A Bela e a Fera", de Bernard Shaw, onde teve como colega o cantor Carlos Galhardo. Nessa ocasião, atendendo a um convite de Olavo de Barros, fez seu "debut" através da Tupi. Nessa emissora, não só fez rádio-teatro, como apresentou diversos programas. Trocou-a pela Nacional, atuando nas grandes novelas de Oduvaldo Viana e comandando alguns "broadcasts", inclusive o "Programa Paulo Gracindo". Em 1946 retornou à Tupi, estreando na novela de sua autoria "A Mulher dos meus sonhos". Paulo Gracindo, cujo verdadeiro nome é Pelópidas, escreveu um livro de poemas, já exgotado. No cinema, trabalhou em "Onde estás felicidade?", "Anastácio" e "Está tudo aí". Esteve nos Estados Unidos por duas vezes, pretendendo voltar.

CORDELIA FERREIRA é filha de dois famosos atores, e irmã desse conhecido e apreciado Olavo de Barros. Sua estréia no teatro ocorreu na peça "Outono e Primavera", encenada pela Companhia Leopoldo Fróes e na qual fez o papel de melindrosa. Contava então quatorze primaveras. Foi nessa companhia que ela veio a conhecer Plácido Ferreira, com quem se casou na cidade de Pelotas, tendo como padrinho Abadie Faria Rosa. Esteve na Argentina e no Uruguai, com um elenco de Oduvaldo Viana. Trabalhou com Raul Roulien, depois com Odilon Azevedo, mais tarde com Hortência Santos e finalmente com Cazarre. Seu ingresso no rádio ocorreu em 1936, convidada que foi por Ari Barroso, para animar o programa "Hora H", na Cruzeiro do Sul, onde permaneceu até receber vantajosa proposta da Mayrink Veiga para estreitar seu elenco de rádio-teatro. Aí, ela se mantém até hoje, tendo tomado parte em todos os espetáculos do "Teatro Plácido Ferreira", além de atuar em "Cortina Sonora", no "Ela e Ele" e vários outros programas. Nascida no Paraná, é viúva do saudoso ator Plácido Ferreira e tem um filho chamado Leopoldo. Torce pelo Fluminense; gosta dos filmes de Charles Boyer e de Bette Davis; não passa em baixo de escadas nem gosta do número três; admira Dulcina, Alma Flora, Procópio, Jaime Costa e Teixeira Pinto. Cordélia, num concurso de ídolos, obteve a primeira colocação. Nos Estados, existem vários elencos de amadores com o seu nome, fato bastante significativo para quem sempre se dedicou à arte.



GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS





A esquerda : Madeleine Rosay, no papel de Lília, no filme "Querida Suzana", que marcará a estréia da jovem e festejada bailarina no cinema nacional; em cima, uma cena romântica da película, com o galã Anselmo Duarte e Madeleine Rosay. Em baixo, um flagrante de Tônia Carrero, a garota que acaba de ser descoberta e que promete fazer sensação, por ser uma das caras mais lindas que já apareceram no nosso cinema...

MADELEINE ROSAY

ESTRÉIA NO CINEMA BRASILEIRO

É a figura central de "Querida Suzana", produção da Cinelândia Filmes — Tônia Carrero, uma garota que vai causar sensação — Nelson Vaz, Silvino Netto e outros valores estão no elenco

FECHADOS os cassinos da cidade, desapareceu do cartaz a figura de Madeleine Rosay, que, com seu talento de bailarina, conquistara os aplausos do público, primeiro no palco do Municipal e, mais tarde, nos espetaculares "shows" da desaparecida Urca. Desligada do corpo de baile do nosso teatro oficial, não querendo participar da aventura do elenco da Urca no Teatro Carlos Gomes, sob a direção de Chianca de Garcia, — aliás com êxito notável, — Madeleine Rosay embarcou para os Estados Unidos, afim de aperfeiçoar os seus estudos, com os grandes mestres da coreografia, e para assistir à temporada de "ballet" do Metropolitan e de outras companhias. Depois de alguns meses em Nova York, voltou Madeleine Rosay e, assim que chegou ao Rio, começou a ser assediada pelas nossas companhias cinematográficas, que desejavam obter o seu concurso para suas novas películas. A Cinelândia Filmes, que está se lançando na produção de longa metragem, sob a orientação de Alípio Ramos, foi a que lhe fez a mais tentadora proposta. Madeleine Rosay pediu alguns dias para pensar e uma sinópse do argumento para ler. E, ao fim desses dias, punha sua assinatura num contrato, concordando em aparecer no cinema nacional, como a primeira figura do filme "Querida Suzana".





Em cima : meia dúzia de alunas do Colégio Internacional, estabelecimento que é virado às avessas por esta meia dúzia de alunas insubordinadas, capazes de violar a mais severa das regras do estabelecimento, — aquela que impedia a entrada de homens...

O produtor Alípio Ramos faz questão de salientar que não se trata de uma aventura. A Cinelandia Filmes está fazendo uma experiência, que decidirá da sua existência como produtora de filmes de longa metragem, mas se trata de uma experiência maduramente pensada, com base sólida, sem nada de aleatório ou de improvisado. Não tendo ainda estúdio próprio, a Cinelandia Filmes obteve, por aluguel, o estúdio da Cinematografia Imperial Ltda., à avenida Henrique Valadares. E, considerando de capital importância para o êxito de uma iniciativa dessa ordem a escolha de um diretor competente e experimentado, apressou-se a contratar o Sr. Alberto Pieralisi, "regisseur" de vários filmes italianos de sucesso, há pouco tempo chegado ao Brasil, onde pretende radicar-se. O nome da Cinelandia Filmes já é conhecido em todo o Brasil através do seu jornal cinematográfico semanal, o Cinelandia Jornal, um dos mais noticiosos e bem feitos que se produzem

no Rio. Trata-se, pois, de uma iniciativa que não tem laivos de aventureirismo cinematográfico, representando apenas um passo à frente de uma organização que vem preparando honesta e pacientemente o seu caminho para realizações de maior amplitude.

* * *

O produtor de "Querida Suzana" está muito satisfeito com a marcha da filmagem. A película será uma comédia. E uma comédia de gente moça e buliçosa, com um bocado de ambiente colegial. Nele, Madeleine Rosay aparece pela primeira vez no nosso cinema, representando, cantando e dançando. E o faz com muita graça, arte e finura, segundo o depoimento de Alípio Ramos, que está na verdade orgulhoso de sua descoberta. Além

Em baixo : apesar da severidade do Colégio Internacional, o estabelecimento cultiva o esporte da natação e do remo, para que os frequentadores dos cinemas de todo o Brasil possam ver estas lindas pequenas em "maillots"...

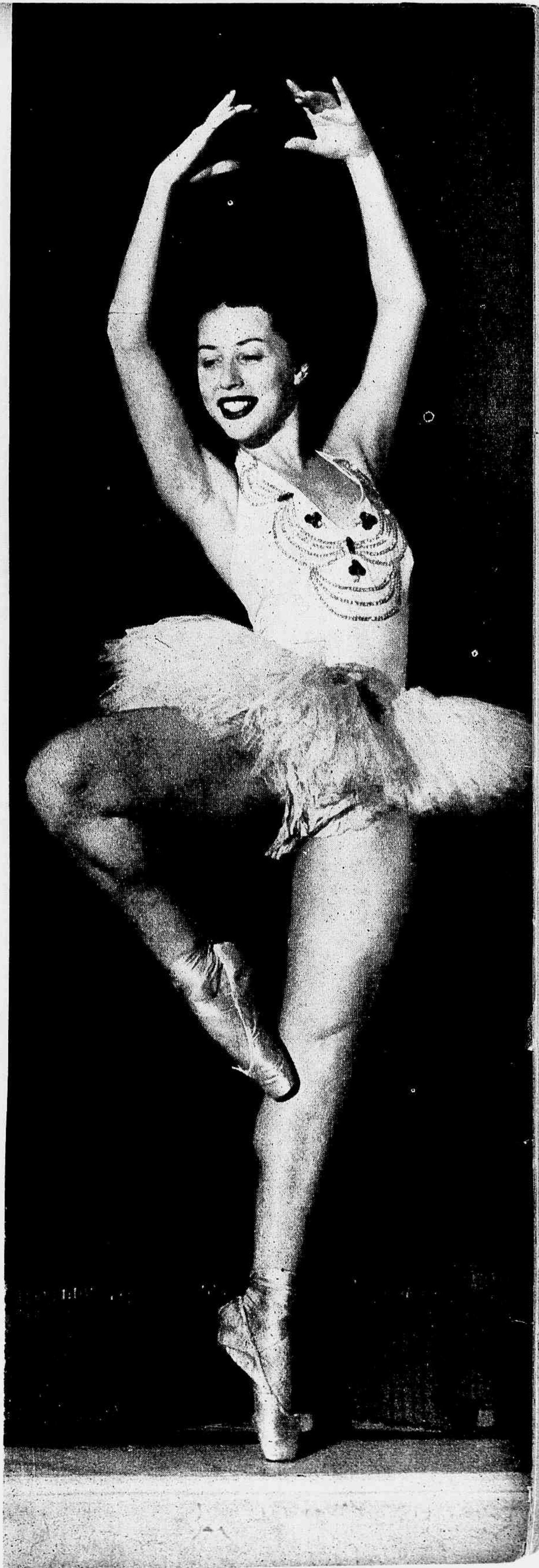




Madeleine Rosay em repouso, depois de um número de dança. A direita, um flagrante da jovem bailarina que se fez atriz de cinema, numa das suas criações coreográficas.

desse nome já consagrado nos nossos círculos artísticos, aparece em "Querida Suzana" uma das mais lindas garotas que até hoje colaboraram no nosso cinema. Tônia Carrero é o seu nome e, de tão fotogênica, até parece uma "star" de Hollywood ou uma das famosas Goldwyn-Girls. De tal modo Tônia Carrero está fotografando que a Cinelandia Filmes já está fazendo planos sobre o seu futuro. E' muito provável que ela se converta numa nova sensação cinematográfica. Madeleine Rosay, Tônia Carrero e, mais, Geny Moreira, Vera Braga, Nicette Bruno, Yvette Linhares e Lillian Fayne, — todas figuras jovens e interessantes, — fazem o papel de alunas do Colégio Internacional, centro de toda a intriga do filme. Nesse colégio severíssimo é proibida a entrada de homens, mas a verdade é que uma das jovens acaba admitindo ali o seu namorado e esse namorado, além do mais, leva um amigo... Mas não convém revelarmos o enredo do filme. Basta dizermos que o Dr. Freitas, interpretado pelo ator Nelson Vaz, que conquistou fama em "Os Comediantes" e no Teatro das Segunda-Feiras, em peças como "A verdade de cada um" e "A Família Barrett", fica verdadeiramente furioso com o sucedido. O namorado é Anselmo Duarte, um jovem também descoberto pela Cinelandia Filmes e do qual muito se espera, e seu companheiro não é outro senão o popular comico do rádio, Silvino Netto, o criador de Pimpinela, Anestésio e outros típicos grotescos. Diz o produtor de "Querida Suzana" que a estréia de Silvino Netto é também das mais auspiciosas.

Em baixo: Nelson Vaz, o ator que tão bem viveu, com "Os Comediantes", a peça de Pirandello, "A verdade de cada um", e com o Teatro das Segundas-Feiras, a peça de Rudolph Besier, "A Família Barrett", faz o pai de Madeleine Rosay e aqui aparece, numa cena de expansão familiar, com a jovem "estrela" de "Querida Suzana".



EM três tempos revoltos da história do Brasil surgem dois estrangeiros em aparição até hoje nebulosa. Nebulosa à minúscula de informações precisas sobre o par de alienígenas partícipes de sucessos da nossa história.

Trata-se do barão de Bülow e do austríaco Wisner. O primeiro foi figura de momento nos sucessos de rebeldia militar e indisciplina social assassinares da Regência Permanente Trina. A este o destino daria afinal sorte irônica de Uma por acabar se concentrando na pessoa do regente Lima e Silva, desde 1831, alvo principal dos ataques políticos.

Bülow de figura nebulosa no período regencial republicano iria encontrar companheiro na quadra do Segundo Reinado.

Envolvendo-se de motu próprio ou envolvido por aventura no movimento restaurador de abril de 1834, em esboço de guerra civil, Bülow saiu-se mal da empresa revoltora de gente não dele, a nossa muito mal inspirada ao recorrer a estrangeiro, fosse qual fosse a causa espiciada.

Quanto a D. Pedro I não era descabido perguntar a muitos, se concorressem para a retirada do homem da Independência por que de novo o quereis de coroa e trono?

D. Pedro, exilado duque de Bragança, depois de rei em Portugal e imperador do Brasil assustava a Regência. Dizia o Eduardo Pontes, encarregado de negócios de França no Rio de Janeiro e testemunha de papel saliente à última hora do Sete de Abril e sua madrugada.

Segundo Pontes, o regente Costa Carvalho mandara à Europa o francês Buschental, estabelecido no Rio, para ir ter com D. Pedro, a pedir-lhe que dissuadisse os seus partidários de reentronizá-lo.

Enquanto o embaixador viajava os partidários agiam dentro e fora da paço de São Cristóvão onde os filhos menores de D. Pedro, "as imperiais crianças, eram tuteladas por José Bonifácio, tão restaurador ou caramurú quanto os mais caramurús com as cautelas exigidas pelo cargo tutório, cautelas não raro esquecidas.

Buschental escurar-se a Regência opôs a agitadores um padre Feijó ministro da Justiça. Por natureza o titular da pasta devia ser o ministro da Ordem Pública no momento o paulista Feijó adversário ao paulista José Bonifácio.

A 3 de abril de 1832 partira da fortaleza de Villegagnon uma insurreição vinda à terra para uma decena tentativas que a história política de todos os povos está farta de conhecer, a de derrubar o governo.

O movimento de 3 de abril abortou. Mas as tentativas goradas da espécie deixam caldo de cultura para reteração de propósitos.

A 17 de abril de 1832, os caramurús, à socapa favorecidos pelos liberais, apelavam para as armas que os sediciosos de 3 de abril tinham sido obrigados a depor.

Desta vez para derrubada do governo a insurreição tomou o caminho de S. Cristóvão pelo Aterrado, ora avenida da Mangue, visando o Campo de Santa Ana onde o Sete de Abril efervescera o caminho do Aterrado podendo ser tido pois pelo caminho da Revolta.

Infantes e cavaleiros saíram de S. Cristóvão esperados pela guarda nacional mobilizada por Feijó. A força incurreta em marche-marche vinha antinacionalmente comandada por oficial alemão de serviço no exército brasileiro em o Primeiro Reinado.

Era Augusto von Hoiser barão de Bülow. Cabe a geonôlogistas saber se Bülow de 1832 entronca com a nobreza feudal dos Bülows de Mechlemburgo e de 1154, com pleno direito ao almanaque de Gotha, muito depois do século XII havendo Bülows condes e príncipes prussianos até com papel político na dividida para unificada "Deutschland".

FIGURAS NEBULOSAS

ESCRAGNOLLE DORIA

No Aterrado travou-se a refrega de 17 de abril entre caramurús e regenciais, tão breve a luta quão pronto o desbarato. Para maior leveza de corrida muitos revoltosos vencidos atiraram armas ao chão.

Com mais vantagem, por estar a cavaço, o chefe Bülow, sem dúvida com o galope compreensível no momento, dirigiu-se a um oculto na chamada fazenda do Macaco, hoje de espaço a Vila Isabel.

De nada valeu a Bülow o precipitado esconderijo. Há sempre quem procure sempre quem denuncie.

Pela vitória da legalidade a Regência e Feijó receberam as felicitações levadas a todo o vencedor. Este, se versado em história romana, deve saber que em Roma e nos triunfos atrás do carro do vencedor ia um escravo, isto é a humilhação, clamando que para não cair se precavesse o triunfador.

Após a Abrilada do Aterrado, Bülow eclipsase, na história pátria passa a figura de luz rápida. A exemplo astronômico, a história tem suas estrelas cadentes.

Dez anos se interpoem entre sucessos de revolta em 1832 e outros da espécie em 1842. Inicia-se então o Segundo Reinado.

Vivem ainda dois ex-regentes de 1832, Lima e Silva e Costa Carvalho ambos senadores, o segundo presidente de S. Paulo, onde lavra revolta na qual figura o ex-regente de 1835, Feijó.

Apaziguada a revolta paulista, acende-se outra em Minas, revolta por fim concentrada em Santa Luzia.

O Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, membro da Regência Permanente Trina contra a qual dirigiu as insurreições de 1832.



Na Abrilada de 1832, Bülow fora vencido em campo raso. Os rebeldes mineiros de 1842, como os seus antecessores cariocas, apelaram para a direção de um estrangeiro ou este se lhes foi oferecer.

Aos de Santa Luzia apresentou-se o austríaco Wisner von Morgenstein.

Dando-se ou sendo estrategista, Wisner castramestrou Santa Luzia para onde se dirigiu quem deveria revolta em São Paulo, o brigadeiro já atendendo ao nome de Caxias.

Estava em Minas à frente de soldados que os revoltosos paulistas haviam qualificado de "cadáveres ambulantes" tais os acunhados deixaram de lado o seu inanimado mostrando-se vivos para mal de rebeldes entre os quais Wisner, o entrincheirador do arraial de Santa Luzia por ele declarado inexpugnável numa terra onde a massa imensa das montanhas já de si é barreira.

Escaramuças aqui, combates parciais ali, a revolta mineira teve gope final no combate em grosso no arraial de Santa Luzia.

Da luta herdariam os liberais a alcunha de "luzias", em aumento da lista de alcunhas políticas registradas na história pátria. Seriam "luzias" os liberais do Segundo Reinado como "corcundas" haviam sido os lusitanos no Primeiro Reinado, "chimangos" os moderados da Regência. Nas províncias então que florascência de alcunhas, em todos os tempos só no Segundo Reinado: "miúdos" e "gráudos" cearenses, "lisos" e "cabeludos" alagoanos, "judeus" e "cristãos" catarinenses, "farroupilhas" sul rio grandenses sucedendo de nome a outros "farroupilhas" ou exaltados da guarda regencial.

Pacificada Minas em 1842, Wisner, o fortificador de Santa Luzia, reentra na névoa histórica para se encontrar novamente com Caxias, vinte e seis anos depois, desta vez fora do Brasil no Paraguai de Solano Lopez, oposto às palavras de "Paz e Justiça" das armas nacionais paraguaias.

A mansa ou à força Lopez tinha a seu serviço diversos estrangeiros um deles o fortificador de Santa Luzia em 1842, em 1868 Wisner chamado àquele mister em Lomas Valentinas, eminências diante das quais se apresentou Caxias no traço vitorioso da "Desembrada" pelo velho marechal tido pelo traço final da guerra do Paraguai.

O traço da marcha da Desembrada vinha da ponta de Itoró, passava por Avahi, por Lomas Valentinas para findar em Angostura, coroada a série de vitórias com a entrada do exército brasileiro em Assunção. Aí hasteou o pavilhão auri-verde poucos dias após o Ano Bom de 1869, o da paz no juízo de Caxias quando Lopez ainda tinha pé no Paraguai e nele recto de forças, domínio intacto no terror, adeptos e recursos.

Durante e sobretudo depois da guerra do Paraguai houve desejos de vê-lo ou fixar-lhe o teatro, levou alguns brasileiros, em Vitor Meirelles, outro o senador Silveira da Motta.

Correu caminho de batalha de Pequisiri até Santa Antonio onde o exército brasileiro desembarcava ao passar do Chaco. Segundo Silveira da Motta, Santo Antonio era também conhecido por Galpon-Wisner.

Silveira da Motta encontrou Wisner em Assunção e, com auxílio do ex-auxiliar de Lopez, organizou um mapa das Lomas Valentinas, Silveira da Motta declarando Wisner "um dos mais inteligentes oficiais estrangeiros ao serviço de Lopez".

Como já acontecera ao legítimo ou falso barão de Bülow, de 1868 em diante, para a história brasileira, Wisner entra em névoa. Mesmo apurado o paradeiro final de Bülow e de Wisner já não interessam os nossos anais nos quais em 1832 e 1842 são figuras nebulosas.



Um quarto exíguo abriga este refugiado político, sua mulher e seu filho... Todos vivem miseravelmente, mas preferem o inferno à Espanha de Franco.

“PREFERIMOS O INFERNO A’ ESPANHA DE FRANCO”!

O drama de uma comunidade de refugiados espanhóis — Vivendo mais ou menos miseravelmente, alimentados pela esperança de dias melhores — Organizados politicamente sob o signo do socialismo e unidos por uma grande camaradagem.

Por JEAN BATTY



(Especial para REVISTA DA SEMANA — Fotos adquiridos à France-Press)

PRREFERIMOS o inferno à Espanha de Franco, — declaram, com firmeza, os exilados espanhóis que, batidos pela borrasca política, encontraram abrigo em terras da França.

A vida desses exilados espanhóis é dura e difícil. E’ uma vida feita de renúncia, de sacrifícios, de heroísmos diários. Entretanto, nenhum deles capitula. Nenhum

deles se deixa abater, nenhum deles desespera. Esses homens são homens de muita fé e acreditam piamente que, assim como passou Mussolini, como passou Hitler, como passou Horthy, há de passar também o generalíssimo Francisco Franco y Bahamonde, o opressor da Espanha, o assino das liberdades públicas da pátria de Unamuno e de Garcia Lorca.

— Sim, Franco passará, — declarou-me

um simples sapateiro espanhol, lambendo o prego que ia enfiar na sola de um sapato. — Ele não passa de um reflexo de Hitler e de Mussolini... Acabando a causa, terá de acabar o efeito...

Achando-o muito bem falante para um simples sapateiro, ele me informou que era mestre-escola, na Espanha, antes de exilar-se. Havia, na juventude, sido aprendiz de sapa-



Estes dois refugiados, instalados num barracão, ganham a vida concertando sapatos e fabricando botinas sob medidas...

Para que se tenha uma idéia dessa triste situação, basta dizer que famílias inteiras, de cinco e seis pessoas, tiveram de ficar alojadas num só aposento, quase que umas por cima das outras, em deplorável promiscuidade. São dessa espécie os frutos do governo totalitário da Espanha. Para muitos milhares de espanhóis, a dominação franquista significa exílio, fome, miséria e morte.

A maioria dos homens dessa população exilada está encontrando trabalho no programa de reconstrução da França, que vai desde a restauração de portos, ferrovias, pontes, edifícios públicos, etc., ao reaparelhamento de fábricas destruídas. Outros se dedicam ao mister de cortar lenha, rachá-la e ir vendê-la em Toulouse. Outros, ainda, se instalaram nessa cidade, com pequenos comércios, oficinas mecânicas, de funileiro, etc., ou ainda com sapatarias, onde o calçado é feito sob medida, com vaqueta curtida na própria região. Contudo, há entre os exilados espanhóis muitos sem trabalho, por falta de adaptação ou de oportunidade, — e esses "chomeurs" geralmente se reúnem nas praças de Toulouse, para ler os jornais que lhes caem nas mãos e nos quais procuram indícios da queda futura do governo franquista. Ou, então, ficam discutindo política. Têm entre outras organizações a da Juventude Socialista Unificada, que se incumbem, além da doutrinação política, da distribuição de socorros aos mais necessitados.

teiro e esse ofício lhe valera, naquela contingência. Era, agora, o seu ganha-pão.

Vários milhares desses refugiados espanhóis vivem presentemente na França. Estão agrupados na cidade de Toulouse e nos seus arredores. Depois da libertação dos prisioneiros e deportados para a Alemanha, grande número dessas vítimas do nazismo, de nacionalidade espanhola, não querendo voltar à Espanha de Franco, vieram se juntar aos seus compatriotas, engrossando ainda mais a população anti-franquista dessa grande cidade do Midi.

O grande problema, para a maioria deles, era o de encontrar um abrigo. Havia falta de casas, não apenas em Toulouse, como em toda a França, em razão das devastações da guerra. E especialmente para quem, como eles, estava reduzido à mais extrema penúria.

Numa reunião da Juventude Socialista Unificada, quando era feita uma exposição sobre as "demarches" do governo de Giral... Todos eles nutrem a esperança de volver a uma Espanha livre e democrática...



As horas de lazer são empregadas na leitura de jornais e em conversas sobre política.

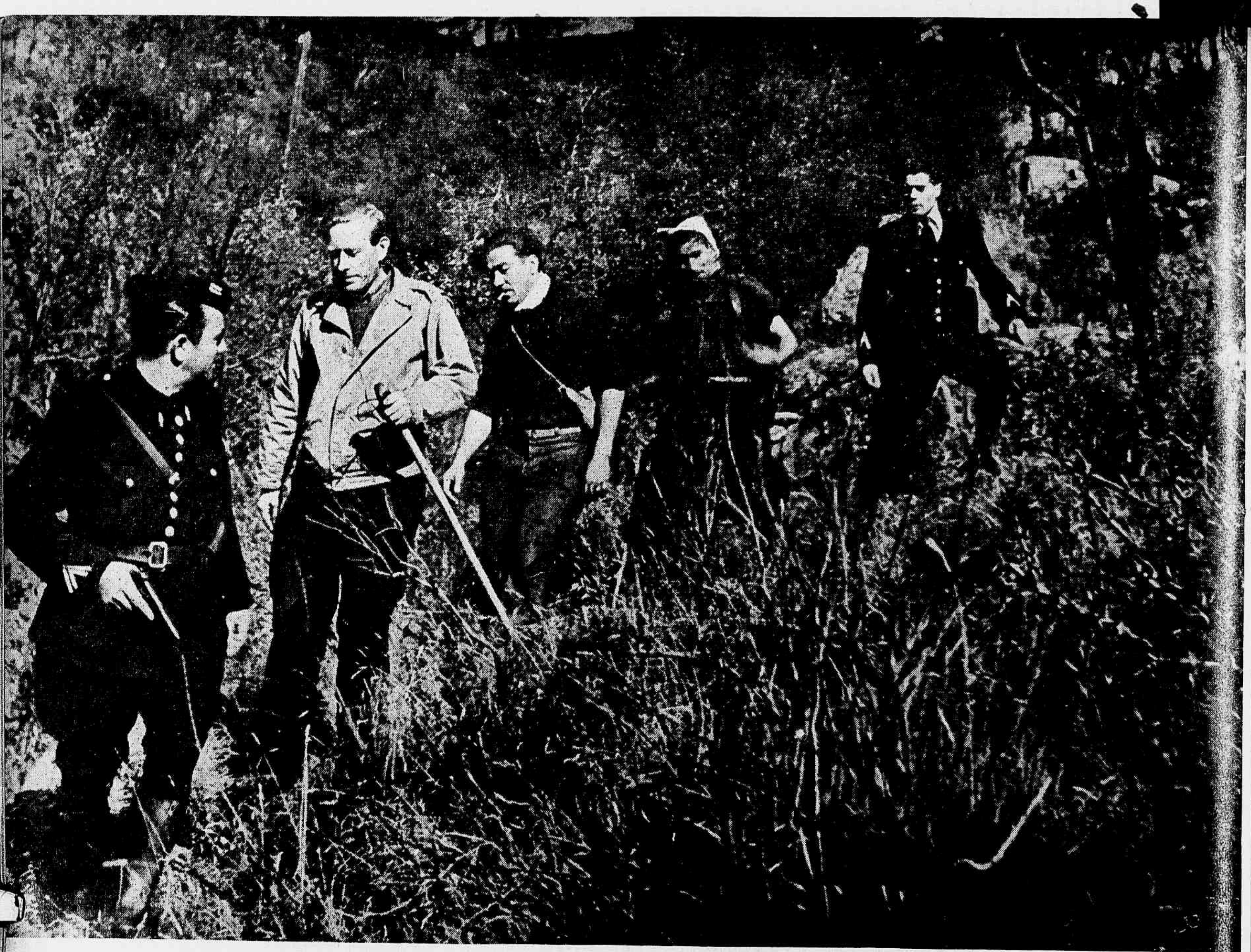
Assim como há exilados espanhóis no Sul da França, há também em vários países da América do Sul. Ninguém ignora, por exemplo, — e estas informações eu as colhi entre os exilados de Toulouse, — que em Montevideu, em Santiago do Chile, em Buenos Aires, no México e em Cuba há numerosas concentrações de elementos anti-franquistas. Os elementos de maior destaque do teatro espanhol e da música foram viver fora da Espanha, por considerarem intolerável o ambiente criado pelo fascismo de Franco. Em Buenos Aires, estabeleceram-se Manuel de Falla, o grande compositor do "Amor Brujo" e do "Sombrero de três picos", há pouco falecido. Na mesma capital, radicaram-se alguns dos maiores artistas dramáticos da Espanha, como Ernesto Vilches, Pedro Lopez Lagar, Antonia Herrero, Margarita Xirgu, Lola Membreves, — estas duas últimas intérpretes incomparáveis das obras de Garcia Lorca, — Catalina Barcena, etc., dramaturgos como Alejandro Casona, poetas como Rafael Alberti, jornalistas como Ramon Gomez de la Serna, músicos concertistas como Paco Aguilar e seus irmãos, em suma, toda uma elite intelectual e artística, cujo destino seria contribuir para maior glória e maior desenvolvimento das artes na Espanha, mas teve o seu destino truncado, como o destes pobres obreiros que suportam o frio e as mais duras necessidades materiais, no seu retiro do Midi. Os espanhóis espalhados pelo mundo, os homens livres da Espanha, que dispõem de recursos e de prestígio, não devem esquecer o drama dos seus irmãos, dos seus compatriotas que aqui vivem, ao Deus dará, amparados pela simpatia dos franceses, é verdade, mas não podendo obter muito deles, pois que são também necessitados e sofrem, ainda, as consequências brutais da última guerra. Entre as coletividades sofredoras do mundo, — tão sofredores quanto os judeus de Chipre e da



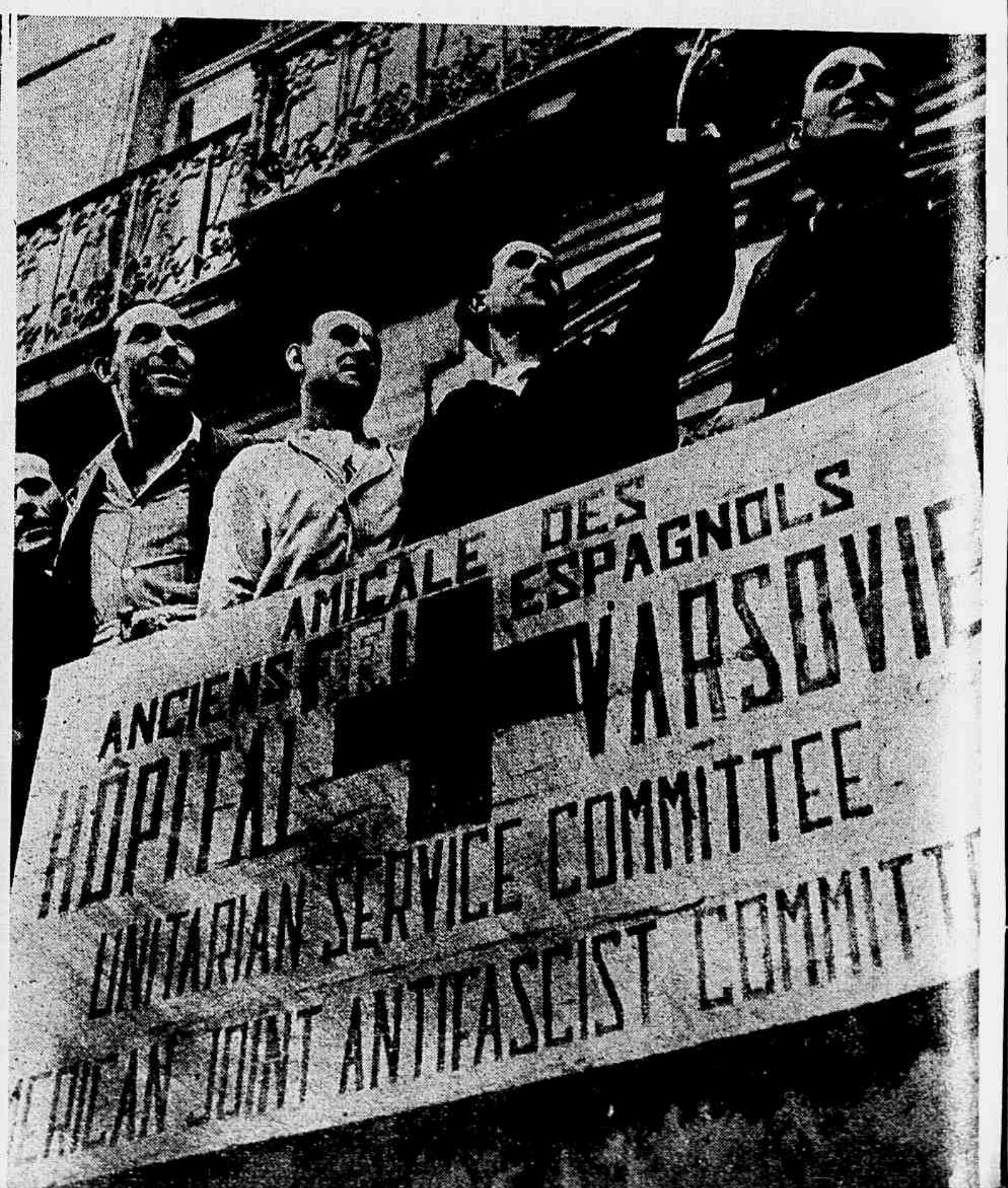
Palestina, gente sem terra e escoraçada de todas as partes da Europa, — estão os milhares de espanhóis que hoje vivem no Sul da França, pensando no dia em que poderão regressar à Espanha...

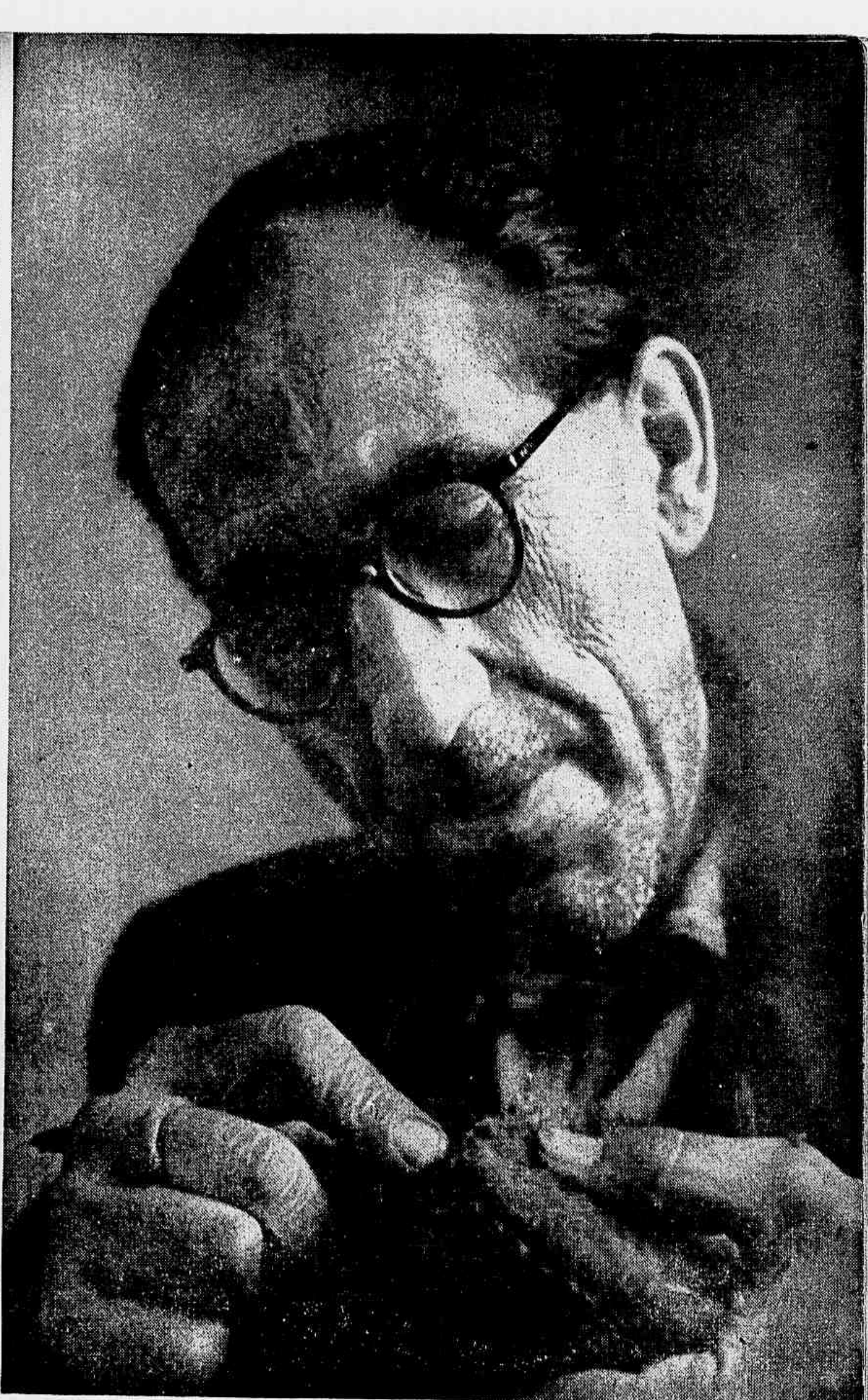
Entre esses exilados, teve grande repercussão a recente decisão das Nações Unidas contra Franco, recomendando a retirada dos chefes de missões diplomáticas de Madrid, — o que começou logo a ser feito. Outra notícia que repercutiu intensamente nos centros espanhóis do sul da França foi a da renúncia do chefe do governo espanhol democrático, José Giral, e de todo o seu ministério no exílio, afim de que pudesse ser feita uma recomposição, incluindo todas as correntes políticas interessadas na queda de Franco e na restauração do regime democrático na Espanha. Terão ainda esses refugiados o privilégio de voltar à sua pátria? E poderão vê-la outra vez livre, reabilitada aos olhos do mundo e reintegrada na comunhão democrática? Esperamos que sim, porque a marcha dos acontecimentos mundiais está longe de favorecer um caudilho totalitário como Franco. Que esse dia não tarde muito, pois que será um dia de festa para estes exilados e para toda a Espanha humilhada e oprimida.

A assistência presente à reunião da Juventude Socialista Unificada era toda ouvida. Depois da exposição, foram dadas informações de caráter geral sobre a Espanha e houve um debate aberto a todos.

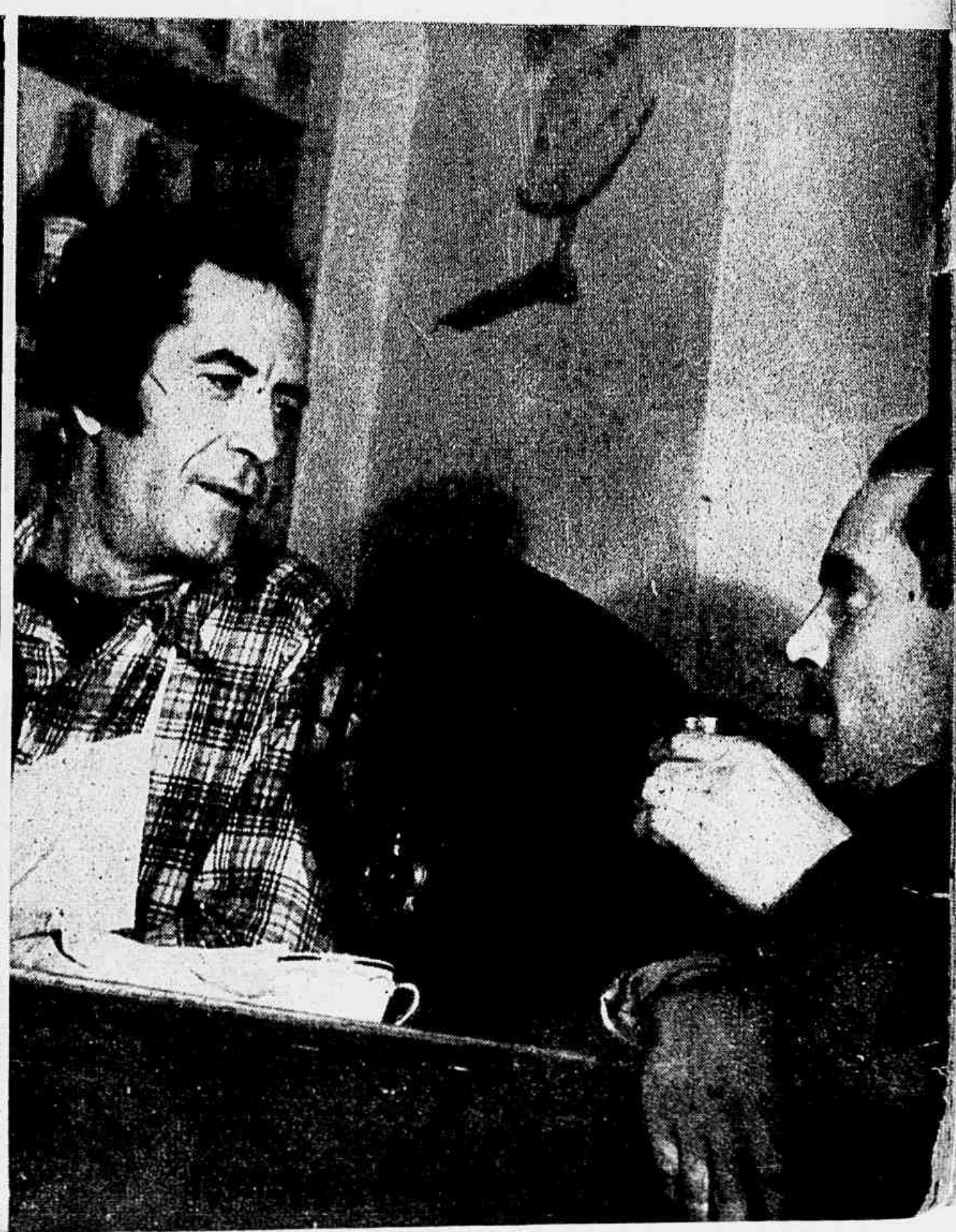


Em cima : Nas imediações de Perthus, pequena cidade a cavaleiro sobre a fronteira franco-espanhola, a policia francesa acaba de prender três republicanos, que, fugindo à Espanha de Franco, se aventuraram a entrar em território francês sem passaporte... Em baixo, à esquerda, um refugiado político, Maxim Martin, tem um atelier de fotografia. Ele aqui aparece, retocando um retrato da famosa Passionária. Em baixo, à direita, o hospital "Varsóvia", mantido pelo Comité Anti-Fascista Norte-Americano, é o centro de saúde que serve à comunidade de exilados espanhóis.





Em alguns pequenos bares, os emigrados se reúnem e tratam dos seus problemas comuns. Ali como vemos em cima, à esquerda, eles encontram um pouco da atmosfera do seu país. Em cima, à direita, um refugiado político, Manuel Ruiz Carrera, antigo combatente republicano, depois soldado na luta contra a Alemanha. Esse veterano de duas guerras é um fabricante de chinelos e espera a qualquer hora a chegada de sua família da Andaluzia. Em baixo, à esquerda, outro refugiado político, Juan Picornel, que trabalha como ajustador de peças numa fábrica de aviões. O botequineiro Antonio, que aparece em baixo, à direita, é um dos que podemos chamar de "refugiados econômicos", porque deixou a Espanha anos antes da ascensão de Franco. Os refugiados políticos e os refugiados econômicos apesar de tudo se entendem.



A ENTREVISTA

TU, caro leitor, que te abandonas preguiçosamente aos braços de tua poltrona preferida, já tiveste algum dia uma entrevista com a Morte? Por certo pensarás imediatamente que não. Tal idéia talvez nunca tenha passado pela tua cabeça abarrotada de preocupações pela manutenção da vida. São tantos os que dependem de ti... Eu também costumava considerar a Morte como qualquer coisa semelhante aos vícios do velho mundo, terríveis e devastadores para os que os rodeiam, mas para mim inofensivos como a brisa da tarde. Sempre ouvi com absoluta calma o sino dobrar a finados, e ao ver passar por mim um cortejo fúnebre, lamentei o coitado que pela última vez passeava as ruas da cidade. Nunca, porém, coloquei-me em seu lugar. Era uma idéia impossível! Absurda! Mas um dia...

Eu andava apressado, pois já passava de cinco e meia, e eu só pensava nos bon-



Zaluar
1972

des cheios da Praça Sete a esta hora da tarde. Demorara-me comprando uma bolsa para Lôla, que estava fazendo anos. Havia muitas bonitas, com techos dourados, vistosos, justamente o que convinha ao porte elegante de minha mulher. A escolha fora difícil apenas por causa do meu salário de funcionário público classe "E". Mas afinal, depois de uns cálculos mentais feitos sob o olhar de desprezo da caixeirinha, ali estava a caixa sob o meu braço, e...

— Ó estúpido dos Quintos! — ressoou a voz do português por entre os guinchos da frelada do caminhão, e os gritos de populares que cercaram o possante carro de lenha.

Minha cabeça estava zunindo como se fora uma colméia. Abri lentamente os olhos. Céus! Eram pneus o que via na minha frente. Enormes! Duplos! Abandonnei-me sobre o asfalto. Sentia o corpo esmagado. E as pernas? Nem quis olhar. Ouvia uma confusão de vozes aflitas ao redor. Não podia distinguir bem o que diziam, mas uma pergunta pareceu-me clara entre o vozeirão:

— Morreu? — Morreu?

Ah!... Então era isso. Eu estava morrendo, não havia dúvida. Os pneus ali estavam na minha frente para provar.

Quis dizer alguma coisa, mas senti sob os ombros a pressão de uns braços fortes que me levantava do chão. Apoiei-me nas pernas, e, com surpresa, vi que não havia nada de anormal nelas. Apalpei-as para certificar-me. A cabeça já não zumbia tanto, e, pouco a pouco, fui distinguindo os rostos curiosos que se aglomeravam ao redor. As perguntas se acumulavam e eu não sabia como responder. Eu mesmo não estava bem certo sobre se estava vivo ou morto. Balbuciei algumas palavras desconexas, procurando dar a entender que estava bem, que tinha a cabeça já completamente lúcida. Deram-se uns tapas na roupa para tirar a poeira, e apresentaram-me a caixa descoberta pelo papel rasgado. Alguém sugeriu que eu fosse levado ao Pronto Socorro, mas protestei afirmando que me sentia perfeitamente bem.

Abri passagem entre os populares que já não tinham no rosto curiosidade, mas sim um indisfarçado desapontamento. Não posso dizer como andei aquela quadra e entrei no café. Lembro-me, porém, de que só um pensamento me enchia a cabeça:

Eu podia estar morto. A esta hora meu corpo poderia estar esmagado, mutilado, sobre a mesa comum do necrotério. Aqueles que havia pouco me olharam desapontados, certamente estariam a discutir os pormenores do desastre, cada um querendo ter visto mais do que o outro. Todos me lastimariam.

— Coitado! Tão moço!

E os jornais? Com certeza fariam uma reportagem escandalosa na primeira página. Primeira? Não. A última é que é destinada aos desastres. Bem, mas isso

não tem importância. O fato é que publicariam o meu retrato. "Saturnino da Cruz e Silva Filho, a vítima. Trinta e quatro anos de idade. Casado com d. Leonor..." Lôla! Coitada! Como será que lhe dariam a notícia?

O garçon trouxe um cafezinho. Já me havia esquecido de que o pedira. Tomei-o sófregamente e logo saí em direção a casa.

★

Peguei um bonde, acomodando-me como pude num banco super-lotado. Quis me distrair lendo os anúncios, mas não consegui. A lembrança de minha morte não me saía da cabeça.

Como Lôla receberia a notícia? Logo no dia do seu aniversário! E eu lhe ia levando um presente...

— Marido amoroso, — diriam todos.

— Morreu tendo consigo um presente para a esposa.

Seria apontado como exemplo de amor conjugal. Bem que nós já tivemos nossos dias maus, como aquele em que eu apanhei a carta na gaveta da cômoda. Lôla ficou mais branca ainda, quando me viu com o envelope na mão.

— Você não vai abrir essa carta, — disse ela, os lábios trementes.

— Não vou por que? Então você pensa que casou comigo para ficar guardando declaração de amor de qualquer cretino que lhe mostre os dentes? Pois está muito enganada!

Ela avançou para me tomar o envelope, e empurrei-a para cima da cama. Começou a chorar quando desdobrei as folhas amareladas, escondendo o rosto na colcha para não me ver desvendar o seu segredo.

Eu estava furioso, ofendido em meu amor próprio, e fiquei um tanto decepcionado quando vi que era uma carta de Eugênio, um rapazola que ela namorara há muitos anos, e que hoje mora em São Paulo, casado com um parenta minha. No entanto, não quis demonstrar o meu desapontamento. Rasguei a carta em pedacinhos e saí pisando duro, tendo o cuidado de bater com força a porta da rua.

★

Quando depois de meia-noite, voltei para casa, Lôla estava me esperando, os olhos vermelhos de tanto chorar. Disse que se sentia envergonhada, que guardara a carta sómente por uma vaidade fútil de que se arrendia, mas de quem ela gostava realmente era...

Supliquei-lhe que calasse, pois não cabia em mim de vergonha pelo meu procedimento infantil e grosseiro.

Lôla, porém, não se lembraria disso numa hora tão triste. Não era possível. Nem a D. Angélica, que deixara de falar comigo uma semana por causa do ocorrido.

A vizinhança toda iria ao enterro. O pessoal do seu Menezes, os Vilar, o Antonio. O Antonio na certa ficaria bem perto do caixão, coitado! Ele sempre gostou tanto de mim. O caixão na sala, cheio de flores. Haveria corôas? Talvez os colegas da repartição mandassem uma com uma faixa roxa e letras douradas: "Ao muito querido e saudoso colega Saturnino da Cruz e Silva Filho..." Será que punham mesmo "muito querido"? Afinal, nunca fiz mal a ninguém. O fato de eu ter tido uma desavença com o seu Moreira não quer dizer nada, pois também a gente não vai se rebaixar para qualquer chefazinho, só porque recebe um pouco mais de cruzeiros por mês. Mas quando ele me visse esticado em cima da mesa, haveria de me dar razão.

— Fonto final! — gritou o motornelro. Já havia poucas pessoas no bonde. Desci e comeci a subir a Ladeira da Pedra. Aquela ladeira que durante tantos anos me vira descer às pressas pela manhã para pegar o bonde, e à tarde, cansado, subir a passos lentos, seria também testemunha da minha desgraça. Por ela passaria os carros atrás do esquife.

Das janelas das casas, apinhadas de gente, uma só exclamação perpassaria todos os lábios contritos:

— Coitado! Tão moço!

Lôla ficaria em casa, inconformada, sem acreditar que eu a deixava pela última vez.

★

Parei em frente ao "bungalow" vermelho de que eu tanto gostava. Parecia-me ouvir o pranto de Lôla. Podia vê-la, através das paredes, atirada no sofá, chorando inconsoladamente.

Com as mãos trêmulas abri o portão e encaminhei-me para a varanda.

A porta da sala abriu-se de repente e a silhueta querida de Lôla desenhou-se contra a luz do interior.

— E' você, Saturnino? Como estávamos preocupados!

Corri para ela e apertei-a nos braços até que as forças me faltaram.

— Que aconteceu? — perguntava ela aflita, sem entender nada do que se passava. — Diga, homem de Deus! Que aconteceu?

Quis falar, mas o célebre nó apertava-me a garganta.

— Eu... Eu...

— Mas, Saturnino! Você está chorando!...

★

Conto de MARIA LUIZA RAMOS

Ilustração de ABELARDO ZALUAR

Premiado no Concurso Permanente da REVISTA DA SEMANA





Ao alto : José Iturbi sofreu um rude golpe com o suicídio de uma filha. E, para se refazer desse golpe, realizou longa série de concertos para os mutilados dos hospitais de guerra. Aqui o vemos ensaiando com Jeanette MacDonald, ao lado do produtor Joe Pasternak. Em baixo : José Iturbi ao piano.



JOSÉ ITURBI TEM SAUDA

**O FAMOSO PIANISTA E
CARREIRA COMO ATOR
FICO -- SEUS ULTIMOS FILM
CERTOS PARA OS MUTILA**

Por LUIS SERRANO ★ (Correspondente especial da

JOSÉ ITURBI, um dos pianistas e maestros mais dinâmicos a serviço do cinema, que também tem aparecido como ator em algumas películas da Metro-Goldwyn-Mayer, dedicou e dedica mais tempo em divertir os heróis da campanha contra o nazismo que ainda se encontram hospitalizados do que qualquer outro artista. E o fato de continuar o grande cultor da música contemporânea gastando cerca de três dias de cada semana em concertos para os mutilados de guerra, vem provar que ele é mesmo dinâmico e tem prazer em divertir os outros com a beleza e o conforto espiritual de sua arte.

— Divertir os heróis da guerra, — disse-me ele quando o entrevistei, — é mais necessário agora do que nas horas negras do grande conflito mundial por que acabamos de passar. Durante a guerra os soldados que se encontravam hospitalizados tinham muitos meios de diversões. Desfile das bandas e corporações militares. O espetáculo diário da chegada de novos feridos... Agora, tudo mudou. A guerra já terminou para milhares desses soldados. Mas para aqueles que ainda continuam presos a um leito de hospital ainda continuará por muito tempo. As organizações que promovem "shows" para seu divertimento já não desenvolvem suas atividades como dantes. Os hospitais agora são silenciosos. Não chega de vez em quando um combatente ferido para contar aos outros o que vai pelo "front". As manchetes dos jor-

nais não
neste o
zes pre
sação d
concida

A H
feridos
rasgado
refado,
nas seis
nima fi
contrat
dia est.

—
centou
preferê
popular
porção
um de



Ao alto : José Iturbi falando a Luis Serrano, nosso correspondente especial em Hollywood. Em baixo : José Iturbi apresenta suas netinhas Toni (a da esquerda) e Therese (a da direita) ao diretor George Sidney, durante um intervalo da filmagem de "Romance no México" (Holiday in Mexico), e parece orgulhoso delas...

SAUDADES DO BRASIL...

NISTA E REGENTE FAZ O ATOR CINEMATOGRA- MOS FILMES E SEUS CON- S MUTILADOS DA GUERRA

pondente especial da REVISTA DA SEMANA em Hollywood)

mais não trazem mais as sensacionais notícias das vitórias ou derrotas neste ou naquele setor ou zona de batalha. Enfim, esses pobres rapazes precisam de diversões, muitas diversões. Eles precisam ter a sensação de que o seu sacrifício na guerra não foi esquecido pelos seus concidadãos.

A história das atividades de José Iturbi com o fim de divertir os feridos de guerra é realmente edificante e digna dos maiores e mais rasgados elogios. Durante a guerra esse artista esteve sempre atarefado, correndo de um hospital para outro. Basta dizer que em apenas seis meses ele realizou mais de 1.000 concertos com essa magnânima finalidade. Muitas e muitas vezes o artista deixou de aceitar contratos para realizar concertos sob pagamento porque no fim do dia estava exausto. Prejudicava até a sua vida profissional.

— Os mutilados de guerra são a minha platéia favorita — acrescentou o artista. E como eles são sinceros no que diz respeito às suas preferências! Pelo que pude constatar, Chopin é o compositor mais popular entre eles. Segundo observações minhas é a seguinte a proporção do seu gosto artístico: cinco pedidos de música clássica para um de "boogies-woogie". E essa última preferência não me desagrada.

(Continua na pág. 50)





Detalhe da "Vida Senhorial", tapeçaria pertencente ao Museu de Cluny. Essa obra, compreende uma série de tapeçarias, e acha-se atualmente em exibição no Museu de Artes modernas de Paris. — (Foto S.F.I.).

GRANDEZA E DECADÊNCIA DA TAPEÇARIA FRANCESA

PEÇAS FAMOSAS EXPOSTAS NO MUSEU DE ARTE MODERNA DE PARIS — OS OPERÁRIOS QUE TRABALHAM NOS Gobelins TÊM PRESENTEMENTE À SUA DISPOSIÇÃO 14.420 TONS DIFERENTES — A HISTÓRIA DO "APOCALIPSE"

De RAYMOND COGNIAT

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

A EVOLUÇÃO iniciada durante o Renascimento tendente a aproximar a tapeçaria do quadro encontra sua confirmação e fortifica-se com as poderosas personalidades do século XVII. A fundação de "ateliers", no século XVI, por Francisco I em Fontainebleau e depois, do "atelier" da Trinité por Henrique II, em Paris colocados sob a proteção oficial do rei impuseram a fórmula que destruíram completamente as tendências da Idade Média.

No século XVII, as pinturas feitas segundo Simon Vouet eram majestosas composições que possuíam todas as características que a tapeçaria irá conservar até os nossos dias. Quando Luis XIV criou a manufatura real dos Gobelins instaurou definitivamente uma técnica e uma estética sujeitas à vontade dos pintores. O papel essencial, então representado pelo pintor Le Brun, mostra bem esta técnica, embora conserve ainda uma indiscutível majestade. A parte do artífice continua importante. Embora já não goze da liberdade total que antes conhecia, continua ainda senhor de sua profissão e, até certo ponto da escolha do colorido. A prova está nas tapeçarias dessa época reproduzidas em vários exemplares segundo o

mesmo modelo e que diferem umas das outras, sensivelmente, conforme o artífice que as executou.

Pouco a pouco porém, esta independência vai se atenuando até desaparecer completamente no século XVIII quando o pintor Ondry, tomando por sua vez a direção dos "gobelins", impõe ao artífice, total submissão.

A manufatura de Beauvais, fundada pouco depois da dos Gobelins utilizando um ponto sensivelmente menor, permite uma execução ainda mais minuciosa. Representa papel importante nesse domínio.

O artífice tinha então adquirido tal habilidade que toda sua ambição se voltará para a imitação da pintura. Certas obras levarão tão longe esta semelhança, que não mais servirão para guarnecer as paredes: serão colocadas em molduras como quadros.

E' verdade que as condições de vida iam, pouco a pouco e até certo ponto, justificar estas mudanças. As dimensões dos aposentos tornam-se mais modestas. A superfície das paredes, mais reduzida, não necessita, destas grandes decorações para guarnecê-la e animá-la. Trata-se apenas de um ornamanto parcial.

Numerosos foram os pintores que, nos séculos XVII e XVIII, forneceram modelos.

As séries mais notáveis são devidas a Pierre Desportes François Boucher, J. B. Huet, Le Prince e Casanova.

Não existindo mais a preocupação de se conservar lisa a superfície das paredes, criam-se composições de perspectivas longínquas, vastos céus, amplas paisagens e cenas que se sucedem no espaço. Somente as molduras conservam qualquer coisa de exclusivamente decorativo.

Esta arte, tão perfeita ainda, pelos meios postos em prática e pelos artistas que criam os modelos já é entretanto, uma arte decadente, mesmo quando Bérain propõe novo estilo decorativo e se afasta das cenas daquele gênero. A elegância um pouco afetada do século XVIII encontra ali ocasião de se manifestar com grande requinte, mas sem cuidar do que antigamente caracterizava esta técnica especial.

Não se fazem mais os "degradés", por exemplo, com pontos de cores nítidas, mas pela mistura de lãs que permite a passagem insensível dos tons para os meios-tons e as mais sutis transições. De

fato, a recusa em acatar os caracteres essenciais de uma técnica, permite a composição de conjuntos de grande unidade, em todos os seus elementos.

A harmonia entre a pintura mural, e mobiliário, o estófo das poltronas, as cortinas que guarnecem as janelas, cria uma atmosfera perfeitamente homogênea, excelente em si mesmo, mas que, à força de habilidade técnica anula os efeitos e as características dos materiais empregados.

Desta maneira a tapeçaria não podia sustentar o mesmo brilho, senão com o concurso de artistas de primeiro plano, felicidade que teve durante todo o século XVIII.

Entretanto, o mesmo não aconteceu no século XIX, quando os costumes requintados fizeram os sistemas políticos, nascendo outra sociedade, incapaz de criar um ambiente de acordo com suas aspirações. Foi, com efeito no século XIX que se assistiu à pior produção nas artes chamadas "menores". O progresso da industrialização, as tentativas de imitação da arte antiga por processos mecânicos, a recusa à toda inovação, o desprezo, também, pelas obras das grandes épocas, notadamente da Idade Média, impediram todo renascimento que teria tido, por ba-

se, os recursos e as realidades técnicas.

A tapeçaria, no século XIX não passou de imitação mediocre e banal, incapaz de escolher, entre os modelos mal imitados do passado, o que tinha valor e o que devia ser eliminado.

Juntamos a isso o mau gosto que reinou de maneira quase geral nos meios oficiais, o que não permitiu às manufaturas desenvolverem-se num sentido artístico.

Estas foram, então, reduzidas a fazer experiências de ordem técnica, avançando, cada vez mais longe, nesse terreno.

Era, no que concerne à tapeçaria, encerrar-se num erro sem saída, no qual ela afundou tão profunda e totalmente quanto se pode imaginar.

A Exposição da Tapeçaria Francesa, no Museu de Arte Moderna de Paris, ofereceu o ensejo de serem lembrados alguns fatos essenciais da história desta arte da qual foi magnífica ilustração. Viu-se, ali, com particular interesse, parte dessa peça excepcional, que é o "Apocalipse" e a cujo respeito há importantíssimas observações a fazer. A tapeçaria do "Apocalipse" de Angers é a mais antiga que a França possui de sua própria produção. As obras anteriores, citadas em documentos da época, desapareceram. Essa foi legada à Catedral de Angers pelo rei Renato, ao morrer, em 1480, mas tinha sido encomendada por volta de 1375, a Nicolas Bataille, de acordo com modelos de João Bando, dito João de Bruges, célebre miniaturista, que se inspirou, para esse trabalho, em composições das quais várias foram encontradas em manuscritos hoje conservados na Biblioteca Nacional de Metz, Cambrai e Namur.

Com o decorrer do tempo, a tapeçaria de Angers sofreu várias depreciações, notadamente a partir do século XVIII, que desprezava deliberadamente todas as obras da Idade Média. Foi mesmo esse desprezo que salvou tão importante peça, permitindo que um admirador a adquirisse, no século XIX, por uma quantia irrisória. Anteriormente, dela se haviam utilizado para múltiplos fins: serviu em estufas para proteger laranjeiras contra o frio; foi empregada como tecido de enfiamento e chegou mesmo a enfiar uma estrebria para evitar que os cavalos se ferissem nos anteparos. Enfim, o que dela subsistiu foi vendido em leilão, em 1843, e monsenhor Angebault pôde assim adquiri-la pela soma de 300 francos.

Na sua origem, a tapeçaria apresentava noventa assuntos e media 150 metros de comprimento por quatro e meio de largura. Restam atualmente uns cem metros. É o conjunto mais importante que há no mundo.

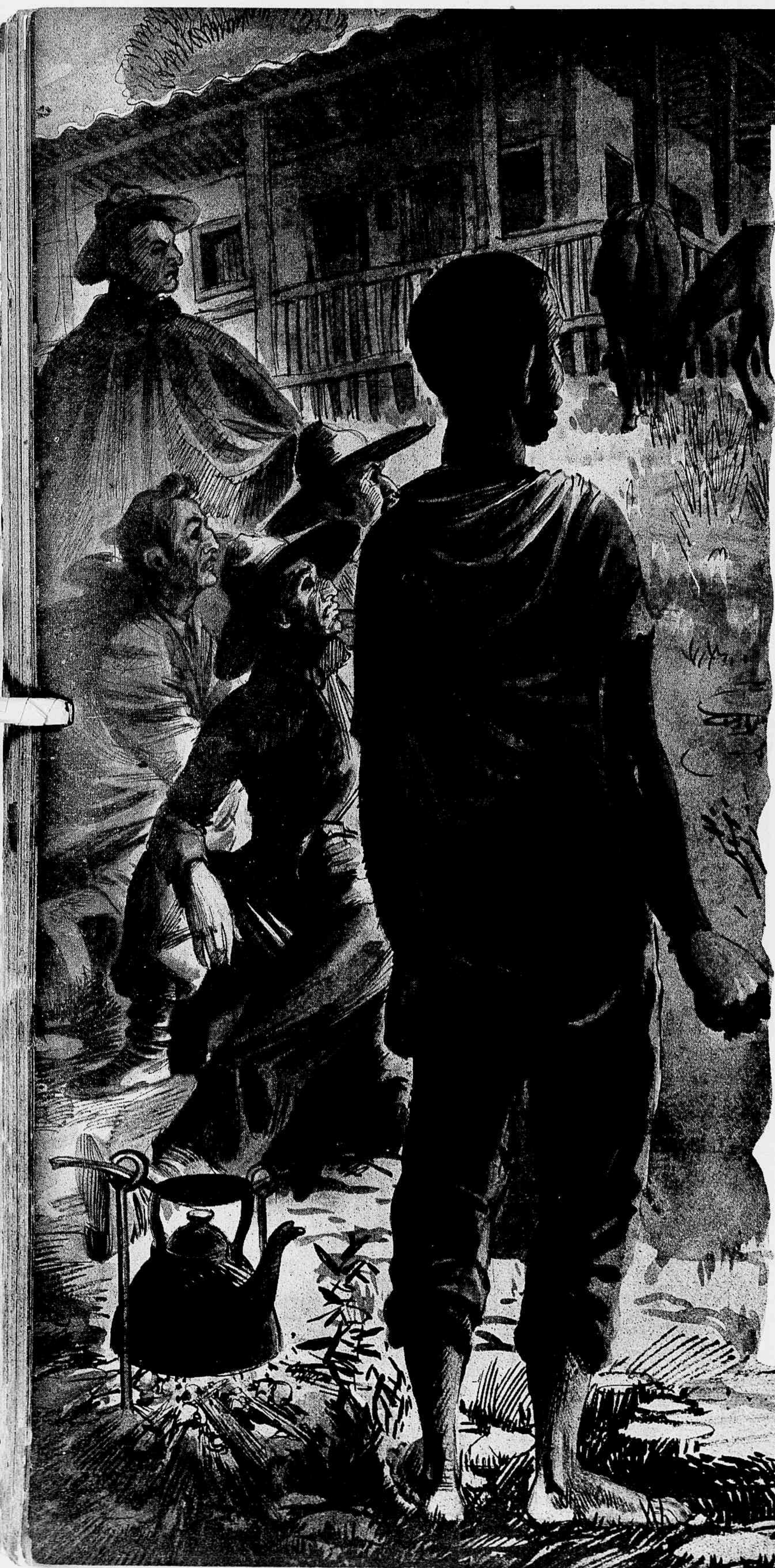
Para fazer essas composições o artesão daqueles tempos dispunha de meios bem mais modestos que o operário de hoje. São vinte os tons que entram na composição do "Apocalipse", ao passo que os operários que trabalham nos Gobelins, têm a sua disposição atualmente quatorze mil e quatrocentos e vinte tons. Isso prova que os aperfeiçoamentos técnicos nem sempre produzem uma melhoria artística.

Os "ateliers" de Paris de onde sai aquela tapeçaria não conservaram, entretanto, seu prestígio. A Guerra dos Cem Anos, as pilhagens dela resultantes e as reindas de soberanos hesitantes provocaram o inevitável declínio em proveito de regiões mais felizes, principalmente de Flandres. Arras e Tournai passam a ser centros ativos, ao mesmo tempo que surgem ateliers ambulantes, que percorrem diversas regiões da França, por vezes, da Europa.

Dá em diante, às composições simples mais nobres do "Apocalipse", preferem-se cenas com numerosas personagens, que se superpõem e ocupam toda a superfície, quase não deixando espaço vago. Essas obras continuam a adornar as igrejas a servir, em pleno ar livre, nas festas públicas, etc.

(Continua na pág. 50)





Conto de THEREZA ALMEIDA

Ilustração de A. PACHECO

Premiado no Concurso Permanente da
REVISTA DA SEMANA

— O CAPITÃO NEGRO! — exclamou um dos carneadores clandestinos e os outros se ergueram rápidos, com os facões gotejando sangue quente ainda.

O sussurro baixo foi como um grito dentro da noite enluarada e quieta. O mais moço do bando atirou longe a faca e com uma exclamação de horror correu para o cavalo. O tiro rápido de um dos próprios companheiros prostou-o em terra no momento em que suas mãos trêmulas procuravam alcançar as rédeas. Ele caiu de bôrco e por instantes ficou murmurando para o chão úmido de sereno as palavras cheias de terror.

— O Capitão Negro! O Capitão Ne...

O vulto veio se aproximando, cavalo a passo, enrolado num poncho escuro, como ignorando o medo que inspirava e o perigo que havia em cada cano de revólver e em cada fio daquelas facas.

Salvo o estampido forte do tiro nenhum outro som perturbou o silêncio pesado da noite.

Quatro vultos de pé, ao lado da rez semi-carneada, fitavam estáticos a sombra que se chegava sem um ruído. Nem mesmo as patas do cavalo batiam no chão. Era como se fosse um assombro, uma alma do outro mundo, um emissário do Inferno, que deslizava silenciosamente pelo campo.

Mas eles sabiam que não era assombração! Era gente! Era o Capitão Negro! Seus ombros largos, seu vulto diferente empinado no lombo do cavalo eram visíveis até nas sombras mais fortes da noite. E o medo, o horror que tinham a aquele homem cujo nome a lenda, a conversa ao redor do fogo, já cercara de histórias fantásticas e heróicas, os impedia de levantarem a mão até à cintura e, pegando a pistola, defenderem-se a tiros. O próprio Basílio que matara o Fermiano sem pestanejar, deixou cair o revólver no chão.

O Capitão Negro apeou.

Como se o cavalo lhe emprestasse o muito de fantástico, os ladrões respiraram fundo e um deles, o mais alto, foi erguendo de leve a mão molhada de sangue e conseguiu a custo pegar o cabo do revólver. A mão trêmula e fria aferrou-se a ele e Corisco esperou que o Capitão chegasse mais perto para que a bala entrasse bem fundo. Agora sim, havia de ver se o negro era feito de bruxaria! No memento em que ia apertar o gatilho sentiu um sóco no peito, um barulho forte zunindo nos ouvidos se uma coisa morna empastando-lhe a camisa rasgada, grudando-a contra o corpo. E caiu de costas e ficou olhando para a lua muito clara que pouco a pouco foi se apagando em suas pupilas, ficando apenas trevas nos olhos que começaram a vidrar.

— Vamos!

Pela primeira vez o homem entreabria os lábios. Os restantes tremeram sob a chicotada daquela voz e os dedos amoleceram deixando cair as armas no chão.

— Vamos!

GENTE DOS PAGOS

Sacudidos pelo grito os três vultos se moveram e aproximaram dos cavalos. Era impossível resistir a aquele homem! Não estava se vendo o Corisco ali no chão, banhado em sangue?

E o Capitão Negro foi levando por diante "os carneadores do Diabo", como dizia o velho Maneca, a pedido de quem ele fora rondar o capão dos Marmeleiros. — "Deixavam o bucho, não mais, os desgraçados, e eram mais espertos que toda a peonada junta".

Foram arrodando o mato, bem no tranquinho, aqui desviaram do banhado onde o grito de um socó rasgou a quietude e mais ali adiante tomaram a estradinha sinuosa feita pelo gado do rodeio.

Passaram a cancela e lá da lomba puderam ver a luz vermelha da fogueira do galpão, piscando dentro da noite quando um que outro peão passava pela porta estreita.

A cachorrada gritou com raiva, saltando em roda dos recém-chegados, ameaçando morder as patas dos cavalos que já começavam a andar de lado, bufando, com as orelhas murchas.

— Ó de casa!

— Ó de fóra! Se apele!

— Mas é o Capitão!

— Buenas, buenas, como le vá, Capitán?

— Buenas. Assim, nem bem nem mal. Trago os rapazes.

O grupo negro formado pelos peões aproximou-se às risadas, prendendo as rédeas dos cavalos, convidando entre diálogos e gracejos a apearem os rapazes que andavam batendo no rodeio.

— Mi madre! Tan pocos? Vaya el diablo que les ayudó!

— Ficaram dois por lá.

— Escaparam?

— Não. Morreram.

— Ah! — E a exclamação estava dizendo: — Claro que do Capitão ninguém foge. Ou ele pega ou então mata, mas dexá fugi não dexa!

— Amanhã vai se buscá, — disse um.

— É' melhor hoje mesmo. São bem capais de avoa, — disse outro.

— É quem sabe? Pode que não tenham morrido de um todo.

Os outros concordaram e usando os cavalos dos próprios ladrões foram buscar os mortos.

O Capitão se recusou a que chamassem o velho Maneca.

— Não! Deixa o velho dormir. Amanhã ele dá uma olhada.

— Como quera, seu Capitão.

— N'. Esses diabo não valem a pena, — resmungou o velho Felix.

O negrão andou um pouco por ali, foi lá fora largar o zaino e voltou com es arreios para fazer cama. Acomodou-se num canto e ali ficou.

Os dois velhos que ficaram chimiravam descansados. Quando ouviram os roncões do Capitão, começaram uma conversinha muito baixa "que pode que ele ciga".

— E' o home vê e óia até dormindo!

Bem que é melhor a gente chegá mais prá longe, ou quem sabe vamo lá prá ramada?

— Vamo, cumpadre, que nunca se sabe o que tá prá acontecer. Ele é bem capaz de desconfiar da gente e... Deus nos acuda! E' homem prá se ter amizade, nunca prá pelejá.

Os dois se levantaram. Um segurou a cuia e o outro tirou a chaleira de ferro de cima das chamas e saíram sem ruído.

Dai há pouco voltou o Dionizio e saiu com dois bancos de cortiça.

— Pois é, cumpadre, é bem cumu eu tava le dizendo, que esse home é cheio des mistério.

— Mas prá quê? Tendo coragem e uma boa pistola não se precisa de mistério.

— Eu digo o que toda gente diz dele, mas também não acredito nessas bobagens. Mistério? Que vem a ser isso? Tudo coisa do povo. Bem se vê que o Capitão andou pelas vilas, vivendo com gente cheia de coisa. Quem sabe teve conversa com alguma curandeira, que prá se livrar do que ele se livra é preciso ter o corpo fechado por alguma reza.

— Quem sabe? Mas quando ele saiu daqui, ainda gurisote, lá pelos dezoito anos, dava muita risada quando ouvia falar de bruxaria e de mandinga. Era o guri mais guapo dessa zona. Sempre foi assim, corajoso, de sai de noite prá campeará ladrão. Bem me lembro aquela vez que sumiu o touro fino dos Guabijú. Eu e o Capitão era peão de lá. Puxa que o velho ficou brabo! Esbravejou uma noite inteirinha até que ao clarear do dia o Capitão, nessa época chamavam ele de Socó porque era muito magro e já alto como é agora, até que ele se apresentou pedindo licença prá ir buscar o bicho. O velho se amansou um pouco mas não quis deixar, que ele prestava muito e que não era prá morrer em qualquer espera que algum semvergonha fizesse pelo caminho. Mas o gurisote era cabeçudo como o quê! Acabou indo.

— E trouxe o touro?

— Pára aí, cumpadre. Deixa eu terminar com esse mate que já tá ficando frio.

O outro remexeu no banco e ficou olhando para a lua que aparecia nas frestas do mata-olho que cobria a ramada.

— Pucha! que velho enjoado! Sabe muita coisa prá contar, mas é desse jeito. Pára que nem a mula do patrão e fica esperando, aticando a vontade que a gente tem de escutar o resto.

— Pois é... intão... Onde é que eu parei?

— No touro, — respondeu o velho Felix, já meio embriado.

— Mas que touro?

— Que sei eu? Se tu é que tava contando o caso!

— Ah! — fez o outro picado com a resposta. — Pois é, eu tava dizendo que o Capitão é muito cerajoso. Só.

Um ronco forte no bojo da cuia abafou a exclamação de raiva do Felix.

O Dionizio devolveu a cuia e ficou pensando.

— Que é que esse velho tá querendo? Que eu esteja às ordens dele prá contá tudo que ele peça? Se nem sabe mais o que eu tava dizendo! Que touro? Ora veja! Se pára a cochilá e depois qué que a gente repita o que já disse. Mas não me dobro! Só conto se ele pedir!

O Felix encheu o mate e começou a chapar de vagarinho, dizendo para si que não perguntava o resto da vida do Capitão. Que fosse tudo para o Inferno!

— Não pergunte, não pergunte e pronto! Intão isso é medos de se contá as coisa? Pára pela metade e pergunta o que já contou só prá saber se a gente tá acordado devéras. Eu não sou como ele que dorme com a bomba na boca enquanto os outros estão esperando p. b. mate. Nunca mais ele me pega prá escutá causo!

Ficaram um pouco em silêncio até que ambos falaram ao mesmo tempo.

— Cumpá...

— Intão...

Uma risada forte serenou os dois e a história continuou.

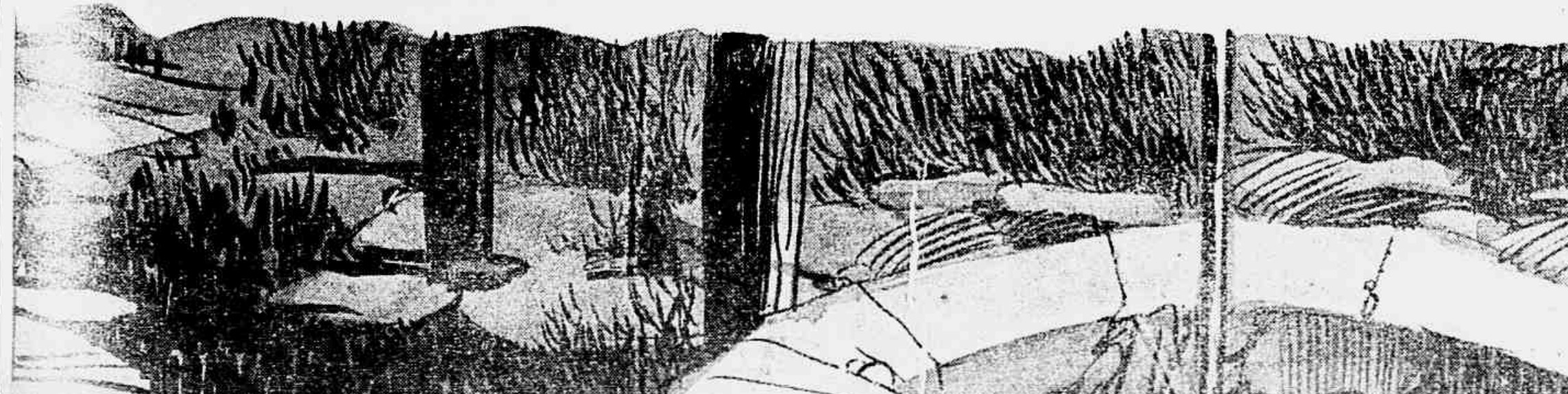
"Não que eu tivesse me dobrado", — pensou o Felix. "Eu ia era dizer outra coisa. Continuo porque ele ia pedi, sinão eu não seguia".

— Depois de quase dois meses apareceu o Socó com o tal tourito. Até o patrão pensava que ele tinha morrido por aí ou ficado nalgum rancho com alguma... bueno, tu sabe. E des desse dia foi a sina dele andar caçando ladrão. Dai um tempo houve aquela farra de noventa e três. Ó beleza, seu! Quase nem era preciso recultá gente que a peonada tava se oferecendo. E se os patrão não dexavam fugia tudo. Até os negro velho de puxar água e remendar arreio também iam. O Socó foi o primeiro. Quando souberam que ele tinha se escapado não houve mais quem quisesse ficar nas casas. O seu João não queria que o Socó fosse. — "Tava pereisando de gente ansim na estancia. Mas qual! Não vê que ele ia ficar pur aqui se tinha loucura pur um entrevéro! Até vou te contar uma dele. Tu decerto ainda te lembra daquela vez que apareceu um padre aqui no rincão?"

— Sim, um tal de seu Vigário. Pur sinal que me batizou o Tico e a Nena, que era de colo ainda.

— Isso mesmo. Andô aqui e ensiná o Socó a rezar. Ele tinha aprendido com a mãe, mas ela morreu deixando ele piá ainda e cumu no galpão ninguém rezava, foi se esquecendo. Pois foi e pediu pro seu Vigário que ensinasse e o seu Vigário ensinou. E não é que todas as noites o Socó rezava um terço prá haver revolução? Digo porque vi. Queria uma revolução prá poder brigá bem a vontade, e agora que havia uma bem verdadeira ele ia deixar de ir? Ora, o patrão que fesse caçar zorrilho que ele ia se divertir um pouco, mudar de ares, pelear, dar um

(Continua na pág. 52)



A. PACHECO



A VIDA DE GOYA

(FRANCISCO JOSÉ GOYA Y LUCIENTES — 1746 - 1828)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com o Livraria do Globo, de Porto Alegre)

A ESPANHA produziu dois supremos artistas — Velázquez, o Sereno e Goya, o Turbulento. Semelhantes em seus gênios, eram diferentes em tudo mais. Velázquez revelou-se um sorridente espectador da tragicomédia da vida. Goya, um ator violento. Velázquez, o filósofo, sacudia a cabeça com displicência e dizia: "Que loucos são os mortais!" Goya, o lutador, brandia o punho ameaçadoramente, e gritava: "Que velhacos são os mortais!" E ele próprio não foi o menor dos velhacos. Velázquez e Goya eram ambos espanhóis pelo coração. Mas o espírito dos quadros de Velázquez era preliminarmente nacional, e Goya sempre foi universal. Velázquez foi um cidadão da Espanha. Goya, um homem do mundo. Velázquez pintou a vida de seus compatriotas. Goya representou a vida do gênero humano.

Dos pintores do mundo, Goya é um dos mais compreensivos. Pode muito bem ser chamado o Shakespeare do pincel. Sua imaginação abrangia tudo. A finalidade de seu gênio incluía retratos, paisagens, cenas mitológicas, histórias realistas, representações simbólicas, tragédia, comédias, sátira, farsa, homens, deuses, demônios, felizes, o visto e o não visto e — como no caso do gênio extravagante de Shakespeare — uma excursão ocasional pelo obscuro.

Fisicamente, esse atrevido cavaleiro do florete e do pincel era mais impressionante do que bonito. Tinha a figura de uma atleta, embora fosse um pouco mais baixo do que a altura média. Seus traços eram grosseiros e irregulares, mas

animados pelo fogo de uma irreprimível impetuosidade. Seus profundos olhos escuros podiam subitamente brilhar com a impudência de uma criança antes de fazer uma impertinente travessura. Seu nariz era grosso, carnudo, sensual. Os lábios eram firmes, agressivos e cínicos. Além disso, abaixavam-se nos cantos às vezes, num sorriso de afável jovialidade. Seu rosto era redondo, sensível, rosto meigo de um amoroso. Um amoroso da vida, da alegria, da beleza. Gostava de três coisas com a mesma intensidade: namorar uma rapariga, lutar num duelo e pintar um quadro. Com que perfeição o falecido Douglas Fairbanks teria representado esse audacioso, inquieto, namorador, corajoso, fanfarrão e sonhador Don Juan de Saragoça!

Francisco José Goya y Lucientes, filho de um camponês da província de Aragão, nasceu a 13 de março de 1746 — num período em que a arte espanhola estava em declínio. O realismo vermelho-sanguíneo de Velázquez e Ribera, havia degenerado em anêmicos figurinos rosa-e-branco dos artistas sem inspiração do século dezoito. Esses artistas eram de talento medíocre. O mundo estava velho e cansado. Dormia sob a neve de uma das épocas invernosas da história. Ninguém suspeitava, quando Goya vagueava pelos campos de sua aldeia natal, "Fuendetodos", que ali estava o jovem capaz de fazer brotar uma nova primavera. E Goya, de todos era o último a pressentir seu destino. Para

deixar suas ocupadas mãos livres de qualquer prejuízo, divertia-se fazendo esboços dos campos que se estendiam pela estrada de Saragoça.

Um dia, em 1760, um monge passeava lentamente pela estrada, lendo seu breviário. Uma sombra apareceu em seu caminho. Levantando os olhos viu um jovem rapaz desenhando na parede de um celeiro com um pedaço de carvão. Sendo conhecedor de arte, o monge parou, examinando o trabalho do rapaz. Admirou-se da aptidão do jovem. — "Leve-me à casa de seus pais", disse ele. "Quero conversar com eles".

Quando chegou à casa de Goya, não teve dificuldade em persuadir seus pais a confiar o filho a seus cuidados. Foi esse monge anônimo o responsável pelo despertar do latente gênio de Goya e pela renascença da pintura espanhola.

★

Goya tinha quinze anos quando iniciou o seu aprendizado como artista. Graças à recomendação de seu benfeitor eclesiástico, foi admitido no estúdio de Don José Lujan Martinez. Ali permaneceu durante cinco anos, adquirindo uma exuberante virtuosidade na cor e no desenho, uma apaixonada admiração por Velázquez e um cordial desprezo pelos convencionalismos acadêmicos de seus companheiros artistas. Papar um deles apenas tinha leve respeito — o pintor chamado Francisco Bayeu. Apesar de Bayeu ser doze anos mais velho do que Goya, tornaram-se os dois discípulos de Lujan grandes amigos.

"Grandes" em mais de um sentido. Goya e Bayeu eram a vida do estúdio e o rumor da cidade. Ardentes em seu trabalho, violentos em seus prazeres e indiferentes às suas consequências, atraíam-se alegremente no sorvedouro do mundo aragonês, cantando, dançando, bebendo, amando, brigando, entremeando tudo isso com mortes ocasionais. Goya estava sempre à frente das batalhas de rua. Em um adesses batalhas, derivadas ninguém sabe de que fútil desculpa, três

moços pertencentes à facção rival foram abandonados mortos no solo. Alguém avisou Goya de que a Inquisição pretendia prendê-lo. Embrulhou apressadamente o que lhe pertencia, e deixou Saragoça ao cair da noite encaminhando-se para Madrid.

Aí, sua reputação como artista o havia precedido. Bayeu, que chegara a Madrid pouco antes dele, apresentou-se ao alemão Mengs, superintendente das Belas Artes de Madrid. Mengs, um pouco mais que um medíocre pintor e um pouco menos que um medíocre professor, estava nessa época decorando o palácio real de Madrid. De todos os discípulos que o ajudavam nesse trabalho, exigia uma obediência de escravo e uma fiel imitação de suas idéias inexpressivas. Ofereceu-se para empregar Goya em seu estúdio como um de seus assistentes. Este, cujas idéias artísticas eram superiores às de Mengs, recusou a oferta.

Goya viera a Madrid não para assegurar um emprego, mas para continuar sua educação. Apesar de sua enorme confiança na própria habilidade, não se sentia ainda inteiramente preparado para entrar numa carreira profissional. Acreditava fortemente na fórmula: muito fácil adquirir, por um difícil aprender. Baseado nesse princípio, passou os dias estudando os tesouros artísticos da capital, e as noites conquistando os corações das "señoritas" e "señoras". Uma mulher que era para ele igualmente desejável e acessível, fosse solteira ou casada. Muito poucas puderam resistir a sua impetuosa atração. Com uma espada ao lado e uma guitarra nas mãos, vagueava pelas ruas cantando e abrindo caminho nos corações das mulheres, cujas furtivas mensagens escritas voavam até ele por trás das janelas fechadas. As mulheres o adoravam, e os homens o invejavam com loucura. E tinham toda razão.

Mais cedo ou mais tarde, essa descuidada procura de proibidas aventuras de amor chegaria ao ponto de prejudicá-lo. E de fato esteve quase a lhe custar a vida. Certa manhã, foi encontrado a um canto

Em baixo: Retrato da esposa de Goya, pelo famoso artista. Da coleção do Museu do Prado, de Madrid. A esquerda: Goya (Francisco José Goya y Lucientes), o grande intérprete da alma espanhola.



da rua com um punhal cravado profundamente nas costas. Com o fim de protegê-lo dos olhos da Inquisição, que se encontravam em toda parte, seus amigos esconderam-no durante algum tempo. Depois que recuperou a saúde, mandaram-no sair de Madrid.

Dessa vez Goya navegou para a Itália. Ai também, como em Madrid, fez seu próprio aprendizado, estudando os grandes mestres. Aplaudiu a geométrica precisão de seus desenhos, louvou a sutileza de seus claros-escuros, admitiu a acuidade de suas observações, respeitou o fogo de seu gênio — e recusou-se a ser influenciado por qualquer um deles. Porque em toda sua vida, a inspiração era mais interior do que exterior. Não foi produto de qualquer escola. Sua arte foi estrita e completamente pessoal.

★

Na Itália, como em Saragoça e em Madrid viveu uma vida de perigosas e românticas aventuras. "Uma vez", conta o Señor Cardarera, "Goya, numa aventura arriscadíssima, gravou seu nome, com um canivete, na lanterna da cúpula de Miguel Angelo, num canto de determinada pedra ainda não alcançada por nenhum dos outros artistas, alemães, ingleses ou franceses, que o haviam precedido na louca ascensão". E noutra circunstância "fez o circuito do túmulo de Cecilia Metella, equilibrando-se apenas na estreita projeção da cornija".

Eram essas somente as preliminares de perigosas aventuras. Encontrou uma jovem em Roma, apaixonou-se por ela e propôs-lhe casamento sem o consentimento de seus pais. Prevenidos a tempo, os pais mandaram-na para um convento. Goya decidido a reaver a noiva, tentou entrar à força no convento e raptá-la. Foi capturado e entregue à polícia. Roubar uma freira da Igreja Sagrada era uma falta grave. Somente a intervenção do embaixador espanhol pôde salvá-lo. Castigado, temporariamente, Goya abandonou sua impossível conquista e voltou a Madrid. Ali, já havia esquecido sua fuga

intempestiva. Mais uma vez encontrou seu velho amigo Bayeu e, descobrindo que amava a irmã do amigo, casou-se com ela, fixando-se, afinal. Seus dias de estudante estavam terminados. De novo o Superintendente das Belas-Artes ofereceu-lhe um emprego. Dessa vez, Goya aceitou o oferecimento. Tendo consentido em seguir as instruções de seu patrão germanico, transformou as figuras mitológicas sem vida artística, nelas soprando o espírito de homens e mulheres vivos.

Até então Goya nada fizera para que fosse aprovada sua classificação entre os genuínos artistas do mundo. Era visto simplesmente com um rapaz brincalhão, dono de um pincel inteligente. Agora, contudo, revelava-se a um público deslumbrado rapaz brincalhão, mas de talento. Seu desenfreado poder imaginativo, seu desenho destemido, sua utilização dos efeitos de cor, seu humor e seu infalível instinto do dramático, despertaram entusiasmo mesmo num intratável tradicionalista como o próprio Mengs. E assim os conhecedores de arte de Madrid, que procurava em vão os sinais de uma nova vida na arte nacional, saudaram o trabalho de Goya com verdadeiro entusiasmo. Goya aceitou esse reconhecimento público de seu gênio com a mesma segurança com que aceitou os sorrisos das senhoritas. Nunca sofreu de excessiva modéstia nem de excessiva vaidade. Era apenas consciente do poder superior que possuía. "Compreendera agora (com a idade de trinta anos)", escreveu Charles Yriarte, "que lhe bastava ter o pincel nas mãos para tornar-se um grande pintor".

★

Durante quinze anos manejou o pincel para o prazer de sua própria geração e o enriquecimento das gerações futuras. Começou pela pintura de gênero, histórias em cores tratando das diversas atividades do povo — claras, vibrantes e vigorosas cenas de jogos, procissões, toureadas, bandoleiros, mascaradas, galanteios, seduções, danças, banquetes, pique-

niques, vagabundagens, brigas, reconciliações — em suma, todo o panorama da vida espanhola no século dezoito. Esses quadros nem sempre são apreciáveis no desenho. Alguns dos touros e às vezes mesmo as figuras humanas aparecem desenhadas em exageradas proporções anatómicas. Mas esses exageros são sempre intencionais. Eram calculados para produzir um definido efeito dramático. Quando se elha para eles tem-se a impressão de que se a natureza não produziu tais criaturas, "deveria" ter produzido. Porque Goya é um pintor mais pictórico do que fotográfico. É um realista com imaginação. E sua arte é tão viva, tão ardente, tão impetuosa, que acende uma centelha simpaticamente de compreensão no mais ocioso de seus espectadores.

Nesse primeiro período de sua arte. Goya conheceu um mestre, Velázquez. Faz uma série de águas-fortes, em que reproduziu os melhores quadros de Velázquez. Reproduzir, no entanto, é um termo errado. Seria mais exato dizer que ele os "tornou a criar". Porque Goya nunca foi um imitador. Como Shakespeare, punha sua marca característica em qualquer idéia que viesse à forja de sua personalidade universal. Nas águas-fortes que Goya publicou em 1778 não fez injustiça nenhuma a Velázquez, prestou-lhe, ao contrário, um grande favor. Como se houvesse pedido emprestado uma quantia de dinheiro a um amigo e depois o houvesse pago com juros. Essas águas-fortes têm hoje valor incalculável.

Além das pinturas de gênero e das águas-fortes Goya executou, nessa época, duas pinturas religiosas, "Cristo na Cruz" e "São Francisco Pregando". Esses quadros, apesar das cores luminosas e do desenho, são inferiores a seu outros trabalhos. Goya não se sentia à vontade nesses assuntos. Não era uma natureza religiosa. Esses dois quadros têm todas as qualidades artísticas, meno uma: reverência.

Para seus contemporâneos, contudo, a pintura religiosa de Goya era tão satisfatória como seus outros quadros e águas-fortes. O público espanhol aclamou

suas virtudes e esqueceu suas faltas. Agora o idolatram como o pintor nacional e obrigavam a Academia de São Marcos, apesar do ciúme de alguns acadêmicos, a admiti-lo como membro. De acordo com isso, a 7 de maio de 1780, Goya foi publicamente honrado com o título de "acadêmico por merecimento".

★

Tendo provado sua maestria na pintura de gênero e na água-forte e sua habilidade para despertar o entusiasmo do público, através de sua pintura religiosa, Goya voltou-se então para outro ramo da arte — o retrato. Ai alcançou sucesso com grande rapidez. Ser pintado por Goya tornou-se a moda — na realidade a "paixão" da época. Da manhã à noite seu atelier era procurado por clientes ricos e nobres. E isso era o mais surpreendente, porque nunca iludia nenhum de seus retratados. Pintava-os como eram, em toda a sua imperfeição física e com todas as suas inferioridades morais. "Aqui estamos, parecem dizer ao espectador, um punhado de tão rematados velhacos como sempre gostará de ver". Isso é especialmente evidente nos dois retratos de "Maja", pessoa desconhecida, mas que se acredita ter sido a Duquesa de Alba, e no retrato do "Rei Carlos IV e Sua Família".

As duas "Majas" são dois quadros da mesma mulher, exatamente na mesma posição e com a mesma expressão no rosto. Num dos quadros ela está nua, e no outro vestida com uma longa e transparente camisa de fina seda branca, firmemente enrolada em torno de todo o contorno de seu corpo lascivo. Muitos de seus contemporâneos insinuavam haver Goya pintado a maja vestida para o marido e a Maja nua para ele mesmo. Em ambos os quadros está reclinada num divã, com os braços cruzados embaixo da cabeça, levantada por um travesseiro, e o corpo meio voltado para o espectador. A perna direita pousa levemente sobre a perna

(Continua na pág. 50)

A esquerda: Goya -- A infanta Maria Josefa. Da coleção do Museu do Prado, de Madrid. A direita: Goya -- D. Francisco, filho de Carlos IV. Da Coleção do Museu do Prado, de Madrid.



Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO

PEQUENO DICCIONÁRIO LUSO-BRASILEIRO DE VOZES DE ANIMAIS, organizado por Júlio de Lemos — Edição da "Revista de Portugal" — Lisboa, 1946.

Fermou-se, não há muito tempo, nos Estados Unidos, uma comissão de homens de ciência e cinematografistas, destinada a fixar as vozes dos pássaros e, tanto quanto possível, averiguar se esses sons formavam, na melhor das hipóteses, melodia — espécie de romãça sem palavras e de bem poucas notas — ou uma verdadeira linguagem. Entendendo talvez a delegação que as aves da cidade se não prestavam a experiências e provas bastante concludentes, resolveu levar os seus trabalhos para as campos mais tranquilos e as mais remotas florestas. A expedição, custeada por vários institutos de história natural, levava considerável bagagem e devia acarretar despesas correspondentes a uma boa fortuna. De lá, porém, se esperavam revelações de alto valor científico, talvez a solução definitiva desta questão: se os pássaros não falam uns com os outros ou se somos nós que, os não entendemos. Como se vê, por muito dispendiosa que se tornasse tal empreendimento, valia a pena.

Não se veio a saber — não o sabemos nós, pelo menos — que novos dados para a ornitologia resultaram daquela tentativa magistral. E já lá vão anos. Agora, porém, nos chega um telegrama de Londres, que constitui talvez um êxito, uma consequência das certezas então adquiridas. Possivelmente, foi animado por tão expressivo exemplo que o ornitologista do Ministério da Agricultura da Grã-Bretanha, Sr. Howard Lantum, entrou a estudar aturada e intensamente o assunto, até chegar a esta conclusão: cada espécie de aves tem a sua linguagem própria, com a qual exprime tudo o que pensa; nós, homens, é que não conseguimos compreender o que dizem os animais, como estes, em muitos casos, nos compreendem, a nós. Tomando por exemplo o cervo, afirma o Sr. Lantum que esses carnívoros alado dispõe de um vocabulário de dezenove palavras básicas — e algumas surpreendentemente concisas ou sintéticas. Assim, quando a ave emite um som semelhante

a "grou", refere o correspondente, na nossa linguagem, a "um homem com uma espingarda". Inegavelmente, é curioso, sensacional, científico — e acredite quem quizer.

O dicionário organizado pelo Sr. Júlio de Lemos não pretende dirimir a importante questão: se os chamados animais, alados ou ápteros, se entendem uns aos outros, por meio de termos isolados ou frases, mais ou menos como nós. O seu objectivo consiste em indicar como os homens de letras consagrados em Portugal e Brasil designaram, exclusivamente pela sua própria impressão ou adotando verbos e outras formas já para o mesmo fim usadas, a maneira como os animais se fazem ouvir e, tanto quanto esteja ao nosso alcance, entender. Em extensa introdução nos fala o Sr. Lemos da estima pelos animais, por entre numerosas citações de zoófilos, desde São Francisco de Assis até Axel Munthe, com as suas memórias do Monte San Michele, e Colette, com o seu livro de fantasias e contos, cujo protagonista é Toby-Chien. O dicionário propriamente dito ocupa cerca de cento e vinte páginas de vasto formato, além de extensa parte biligráfica. E, por entre as cinematopias ou particularidades de definição se encontraram: relativamente à abelha, bezoar (Cochlo Netto); sussurrar (Camões); zunzenar (Fernandes Costa); para o abestruço, rugir e tam-tam; águia, grasnar e guinhar; anlorinha, chalar, chichirrear, querechichilar, gazerar, papear, tringar, trissar, araponga, ranges, retinir; arara, chalar, uivar; besouro, resmungar; bode, bodejar, cascalhar, gaguejar; boi, arruar, bramar; burro, azurrar, patejar, resbunar, zornar; caboré, regougar, rolejar, etc.

Todos os vocábulos trazem o nome do escritor respectivo. E pelos que aí ficam se pode imaginar que riqueza e singularidade de designações o estudioso encontrará no dicionário do Sr. Júlio de Lemos.

NO REINO DA BICHOLÂNDIA, histórias para crianças por Mário Cordeiro. — Desenhos de Belmonte. — Irmãos Pongetti, editores. — Rio de Janeiro, 1941.

O Sr. Mário Cordeiro começa por dizer aos seus leitores ou, por intermédio das mães e das babás, aos seus ouvintes, que os casos nestas páginas contados realmente aconteceram, quando os animais falavam. E não apenas nisso eles se equiparavam aos homens de hoje. Tinham as suas localidades organizadas, com as suas lojas de comércio, as suas oficinas, fábricas, hospitais, academias etc. Viviam sob o regime monárquico, com um rei que, naturalmente, era sempre o leão. E em alguma coisa bem considerável e bem ditosa se mostravam superiores ao gênero humano: Entre eles não havia lutas nem rivalidades nem dissensões de espécie alguma. A sua harmonia era perfeita.

Nem sempre os leves, risinhos, histórias que se seguem àquela explicação inicial a justificam ou lhe correspondem. Pouco importa. As crianças não fazem questão de relação lógica entre o que se lhes promete e o que se lhes dá. Exigem apenas do narrador que as divirta. Entre os guris a noção de crítica se assemelha à dos cronistas teatrais que, sendo a peça "feita exclusivamente para rir", a dispensam de qualquer outra condição autoral.

O autor do *Reino da Bicholândia* lança mão frequentemente deste cómodo curso: o emprego de anedotas mais ou menos conhecidas, mais ou menos engenhosamente adaptadas à inteligência e ao interesse do seu público. Algumas dessas facécias são até de origem moderna ou atual. E o último capítulo evidentemente alude à terminação de um regime que os comentaristas só puderam combater...

depois de desaparecido. Tudo isso está certo e conforme as regras do teatro popular. Também neste as invenções felizes e as boas pilhérias são geralmente dos outros. Gênero revista, livro para crianças... Mais uma vez os extremos se tocam.

Ilustram o livro ligeiros e engenhosos desenhos de Belmonte.

ALVORADA, versos de Selene de Medeiros. Prefácio de Afrânio Peixoto — Irmãos Pongetti editores — Rio de Janeiro, 1946.

Eis a nova poetiza brasileira. Veio-nos da Bahia, com escala pelo Rio Grande do Sul e por este mesmo Rio em que vivemos e onde a poesia é sempre bem-vinda — mesmo porque em parte nenhuma é de mais. Poeticamente e através da livraria a Sra. Selene de Medeiros, acaba de chegar. E, para ela, chegar foi vencer. A sua apresentação "oficial", no salão contíguo à biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa, corres-

pondeu o êxito de uma revelação verdadeiramente sensacional. Um auditório, além de numeroso, dos mais cultos, a consagrou, aplaudindo-a com ardor excepcional e exigindo-lhe versos que não estavam no programa e que nem por isso ela recitou com menos sentimento ou menos arte...

No magistral e formoso prefácio deste livro, fala Afrânio Peixoto, enlevadamente, da Condessa de Noailles, nas letras Ana de Noailles, mas sem estabelecer especialmente pontos de comparação. Nem seria caso disso. A poesia de Ana de Noailles paira quase sempre em puras transcendências e na estreme espiritualidade; a Sra. Selene de Medeiros dá às suas criações um sentido directo, presente, humano, que vem, não apenas do ideal da poetiza mas também da sensibilidade da mulher. Nos presentes versos, as duas condições se relacionam e ditosamente se irmanam. Como vulgar mas tão eloquentemente se diz, foram feitas uma para a outra. A autora da *Alvorada* imprime a riqueza e a nobreza da sua emotividade aos assuntos que se lhe deparam e que ela espontaneamente vai convertendo em cadências e rimas. A sua arte não é unicamente sugestiva: apreende os temas e os objectos, observa-os, estudado-os dentro de si, transforma-os em beleza e comoção próprias. Assim se nos oferecem as paisagens e os quadros que começam nas *Estampas da minha terra*, a primeira parte do volume, e se repartem pelas bases da vida da criatura — menina, moça, esposa, mãe. Este livro corresponde ao álbum de um espírito e à biografia de um coração.

Quizerámos reproduzir integralmente *Iaiá da Bahia*, uma das peças que mais entusiasmaram o alto público reunido, naquela tarde, no salão da A. B. I. Não nos permite a distribuição do espaço destinado a esta notícia; limitar-nos-emos às cinco últimas estrofes:

*Nas mãos traz segredos de coisas gostosas,
moqueca, xin-xin, carurús, acaçós...
Pois nelas também artes há voluptuosas,
carícias que fazem ligeiras, dengosas,
e que outra morena de certo não faz...*

*Iaiá que distila os mais lentos venenos,
do corpo onde pairam ressaibos de flor...
Veneno no riso, nos languês acenos,
no abismo macio dos braços morenos,
no beijo que mata, que mata de amor...*

*Iaiá da Bahia tão bem integrada
nas salas mais ricas, nas salas mais chãs...
Ox a frente do seu taboleiro sentada,
vendendo bolinhos, vendendo cocada,
ao vivo repique dos balangandãs...*

*Iaiá da Bahia que foi noutros mundos,
Cléopatra, Safo, Belkiss, Salambo...
Que traz de outras eras os modos oriundos,
o grave mistério dos olhos profundos
que envolvem de trevas quem neles tombou...*

*Iaiá, foi você, com seu fino sorriso,
que aos dias primeiros da nossa criação,
maçãs foi tirar ao jardim do paraíso...
Provou... gostou muito... perdeu todo o riso...
Ficou de castigo nos braços de Adão!*

DE UM LUGAR ONDE NUNCA É PECADO AMAR, versos de F. Mara — Rio de Janeiro, 1946.

A Sra. F. Mara é, nos seus versos, pelo menos, uma grande amorosa. Deve estar em idade disso e ninguém dirá que lhe não assista tal direito.

Além do amor consagrado a Apolo, distribue esta poetiza as abundâncias da sua sensibilidade por outros deuses e também por simples mortais. A um destes confessa, explicando-a, a razão de tal liberalidade. É um dos inimigos da alma e a Sra. Mara o nomeia no remate de um soneto. Inimigo que, a pretexto de fraqueza, é de certo o que mais perigosamente exerce a sua força... Nem por isso a autora do presente livro o detesta; ao contrário, a ele se refere com um misto de júbilo e gratidão. E frequentemente, por estas páginas além, vai rimando "desejo" com "beijo", fora as vezes em que essas palavras aparecem mais ou menos distantes uma da outra.

Cumprido, porém, dizer que nem todas as poesias glosam o mesmo tema ou o tratam com a mesma espécie de emoção. Em algumas domina a feição puramente lírica, a nota docemente apaixonada. E o soneto que vamos reproduzir celebra a formosura casta de Iracema, com uma profusão de termos indígenas em que não há apenas um *tour de force*, mas, ainda uma vez, a destreza técnica e a veemência de expressão patenteadas em todo o livro.

*"Além muito além daquela serra que
ainda azula no horizonte, nasceu Iracema..."*

JOSÉ DE ALENCAR

*Virgem das virgens, casta e tímida Iracema,
de lábios com mais mel que o favo da "jacy"!
Indiana, tu traíste o "cauin" de "jurema"
que faz adormecer nas noites da "jacy"!*

*Teu passo é mais veloz que o voar da "guira" ou da "ema".
A "traíra" conhece o filho do "moacy"...
Não ouves o "boré" e o grito da "pocema"?
São teus irmãos, que já defendem sua "iby"!*

*Na "taba", a "inubia" toca; o guerreiro "pagé"
vibra a "matraca"; e eis o "oitibó" e surge a "andira",
e o "boicinga" atroa o grito de terror!*

*Nos ares passa a asa egourenta do "anagé"...
A "jussara" e a "craulá", do "urá", ninguém mais tira...
E o canto da "jandaia" enche tudo de dor!*

RECEBEMOS:

O Barão do Rio-Branco e a Diplomacia Brasileira, de Teixeira Soares, trabalho destinada às celebrações do centenário do nascimento do grande estadista e primeiramente publicado no *Jornal do Comércio*. — Oficinas gráficas da Imprensa Oficial de Porto Alegre, 1946.



Angela Lansbury, a jovem estrela inglesa, da M.G.M., que pouco a pouco vem se impondo à admiração dos seus fans, graças ao seu talento e à sua beleza.

FAZEM bem os homens que não gostam de mulheres que discutem política. Se ao menos elas o fizessem com conhecimento e convicção, dizem eles, mas, o que acontece é que em geral emitem opiniões alheias que não compreendem bem e que muitas das vezes são duvidosas. E isto, infelizmente é verdade. Não discutimos política porque ela nos interesse ou porque tenhamos dela um conhecimento profundo. Nada disso! E' que por "snobismo" deixamos de lado, por algum tempo a vida alheia para nos ocuparmos com superficialidade e volubilidade de cousas que deveriam ser encaradas com maior seriedade.

Discutimos política por "ouvir dizer"; raramente temos sobre o assunto, uma opinião própria e com isso nos tornamos pretenciosas e antipáticas. Não faz muito tempo, pouco antes, aliás, das últimas eleições, tive ocasião de comparecer a uma reunião onde um grupo de senhoras mais ou menos "granfinas" discutiam política com um entusiasmo

e uma ignorância de pasmar. Uma delas mudou de opinião três vezes, com respeito ao seu candidato! Cada qual procurava impressionar mais a platéia esquecendo interiormente que impressionariam muito, mas muito mais se escolhessem assunto mais feminino, mais de acôrdo com as suas condições de mães, esposas e donas de casa.

Esteja certa, minha amiga, que nada rouba tanto a feminilidade à mulher do que a discussão de assuntos que não só desconhecem como não lhe dizem respeito.

E' claro, que estão excluídas daquelas mulheres de real valor, as que fazem política com conhecimento de causa e que com espírito esclarecido dão opiniões e indicações preciosas, enfim as que, ocupando cargos elevados na política, deles se prevalecem para dar maior expansão aos seus sentimentos humanitários. Essas merecem a minha mais profunda admiração.

K I T T Y

NOS BASTIDORES FEMININOS





SAMUEL GOLDWYN APRESENTA

NÃO É UM FILME, mas um desfile de belezas... De moças escolhidas a dedo entre as mais belas e mais distintas de Hollywood... Samuel Goldwyn envia ao Brasil um grupo de seis moças embaixatrizes da graça, do encanto, da beleza, da elegância e da distinção das mulheres americanas.

Aqui temos três, das seis que nos visitarão em breve: Irene Vernon, Karen X. Gaylord e Martha Montgomery, com suas sugestões às elegantes do Brasil. Irene Vernon, num maravilhoso modelo para jantar, de crepe branco, todo bordado em "pailleté". E a encantadora Miss Montgomery numa original "toilette" para jantar, de seda

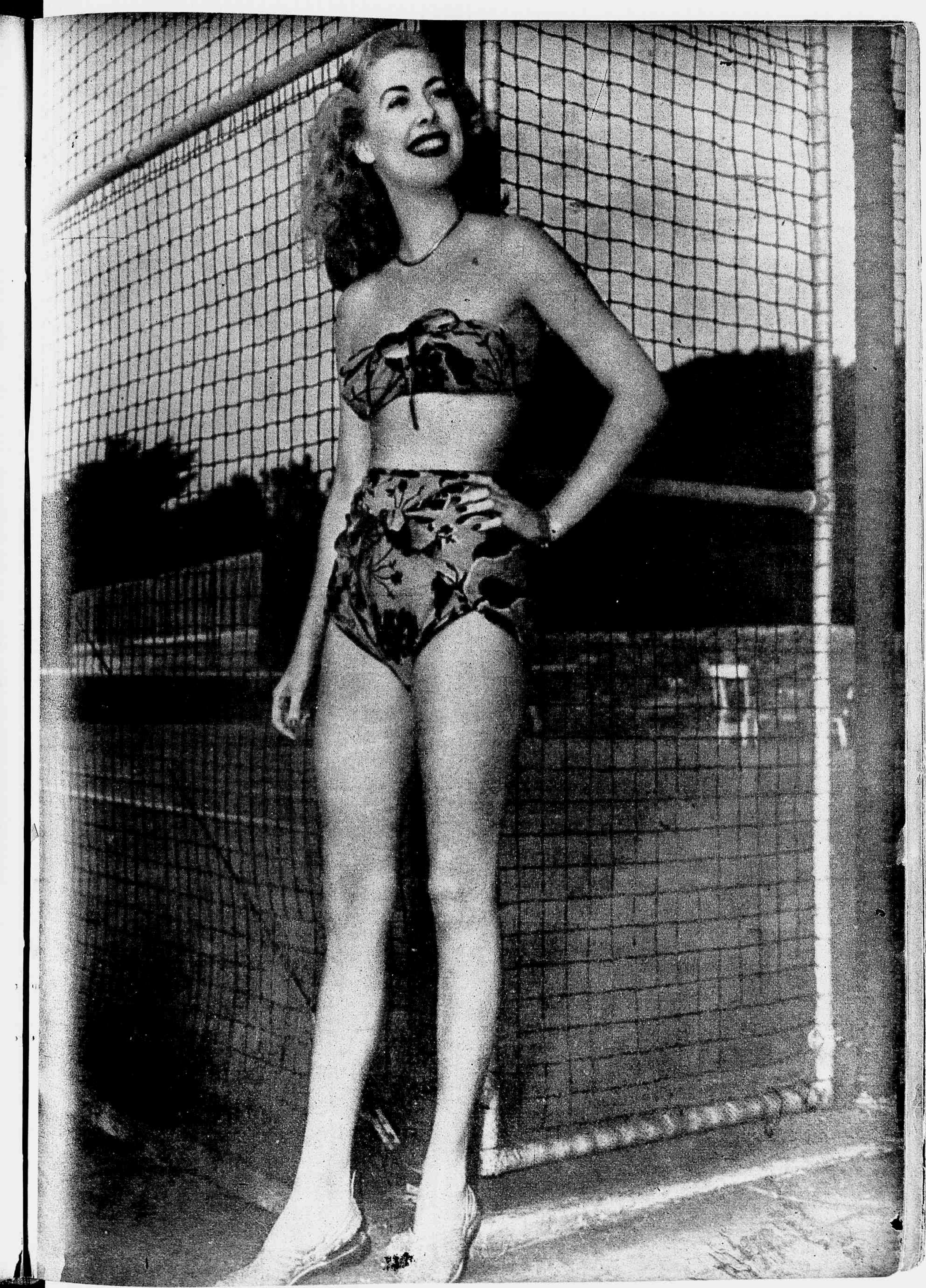
preta, com listras brancas. Um ombro nu e outro coberto e com manga comprida. Grande apanhado de flores na cintura. Martha Montgomery, num elegante "tailleur" para meia estação. É de flanela listrada, fechando com um só botão. "Cartola" de feltro marinho, com vên da mesma cor.



Karen X. Gaylord, um vestido para a tarde de cetim preto, com listras verdes muito estreitas. Mangas largas, punhos originais com enfeite de "ciré". Largo cinto de

crocodilo. Ainda Karen. Agora com um "tailleur" de gabardine. O casaco é arredondado e com botões cobertos com o mesmo tecido. Finalmente, a plástica de Martha

Montgomery, dá mais realce a este interessante "maillot". O "short" é formado por diversos lenços que se cruzam e amarram na frente. — (Fotos da RKO Radio Films).





TRÊS MODELOS DE OLIVIA DE HAVILLAND

A ENCANTADORA OLIVIA DE HAVILLAND, em fotos da Universal Pictures, oferece às nossas leitoras e suas fãs, três deliciosos modelos para ocasiões diversas. Olivia, que é tida como uma das mais perfeitas belezas do cinema, acha que a mulher verdadeiramente "chic" é aquela que consegue se tornar atraente vestindo-se com simplicidade e discrição. E agora, os modelos, na página à esquerda: Uma sala de linho "tootal" amarelo canário com estampado marinho, ela usa uma blusa simples, azul marinho, cuja nota original consiste nos "colares", feitos com o tecido da sala; à direita, de inspiração oriental é este modelo de crepe branco para jantar. A saia cai em "drapé-bouffant", abrindo acima do tornozelo para facilitar o andar. Grandes rosas em tom vivo na cintura. Em baixo, para os bailes no verão, Miss de Havilland sugere este modelo juvenil e alegre, de "batista" bordada, com mangas fôfas que deixam os ombros nus, e na cintura fita de veludo preta com ramo de flores.





PARA A NOITE

A esquerda : modelo em seda branca com transpasse na blusa e mangas japonesas; saia "godet" bem ampla. Lantejoulas douradas formando barras na blusa, e espalhadas pela saia. A direita : elegantíssimo vestido em "jersey" de seda preta, mangas três-quartos, botões fantasia, largo cinturão em cetim verde pálido. Saia com original drapeado.



UMA ESTRELA NA INTIMIDADE

GAIL Russell, "estrela" da Paramount, é uma moça culta, que aproveita os seus momentos de folga para mais ainda desenvolver o seu espírito e inteligência. Com a sua família, ela habita num bangalô, um subúrbio de Los Angeles, e ali passa a maior parte do seu tempo disponível, em suas distrações favoritas. Aqui a vemos com o seu cãozinho "Smithreens" que causa inveja a muito moço bonito de Hollywood. Uma pintora que pinta... Miss Russell tem de fato grande talento nessa arte... Palavras cruzadas dão trabalho ao cérebro e avivam a inteligência, diz ela.





O Homem do Trem

SÔ vento e poeira na plataforma. Vento e poeira carregada de carvão. Trem mesmo nada. Nem sequer um sinal lá longe, onde o horizonte deixava de ser horizonte e virava algo indeciso.

Evaristo Tomé de Souza pisava e repisava o mesmo chão escuro, danado de raiva com o maquinista, com o chefe de estação, com os governos municipal, estadual e federal. Andar pelo interior era aquilo. Já não tinham conta os minutos perdidos naquela estaçãozinha sem banco, sem café, sem privada. E nem podia calcular durante quanto tempo ainda esperaria ali. Só vento, poeira e carvão. Sabia que o atraso era certo. Lembrou-se de uma história. "Era uma vez um trem que jamais chegava no horário. Um dia, porém, aparecera à hora certa. Só que era do dia anterior..." Lembrou-se, mas não achou graça nenhuma. Continuava era danado da vida. Olhava de má vontade as caras de outros, também à espera, e desviava o olhar, quando pensava que alguém poderia aproximar-se dele para entabolar palestra. Era de pouca conversa. O próximo pouco lhe interessava. Que cada um fosse vivendo para o seu lado. Tinha a sua vida. Levava-a a seu modo. O menor número possível de relações. Sómente com aqueles que intercediam na sua existência. Na cidade que ia deixando, por exem-

plo, relacionara-se com o gerente do hotel, o menino do elevador, o garçon e o carregador. Saira ignorando os nomes deles e pouco se lhe importava. Se gostasse de conversar, talvez o tempo andasse mais depressa. Mas não gostava. Preferia continuar consigo mesmo.

Olhava e tornava a olhar a linha férrea a perder-se de vista. Mas nada. Só o tempo passava.

Afinal, um apito distante e a fumaça mais perto anunciaram o trem, o qual, como todo verdadeiro trem que se preza, lá veio chegando, no seu atrazo perfeitamente normal.

Pegou as malas, acelerou o passo, acompanhou o vagão e arrumou-as pela janela, marcando um dos lugares. Súbito recordou-se de um sujeito, não sabia mais onde, dizendo a outro que "traseiro era que marcava lugar" e tratou de acomodar-se e aguardar as manobras de costume. Sentia as pernas cansadas... Sentou-se, indiferente às conversas dentro do carro. Havia arranjado o seu lugar. Agora pouco se lhe davam as reclamações ou as queixas dos demais. "Cada um por si e Deus por todos". No fundo pensava como isso seria possível, se havia tanta gente procurando onde se sentar.

Foi quando surgiu o homem. Evaristo tinha notado a boina dele marcando a outra metade do banco. Vira-o aproximar-se, acompanhado de outro de cha-

péu na cabeça. Passaram junto dele e ficaram em pé, no meio do carro. Notou o olhar dele para a boina. Calculara bem. Era o dono. Evaristo examinou o espaço vazio no banco, depois olhou para o homem, para as suas costas largas, para as suas mãos grossas, os seus quadris volumosos... e teve medo. Aquela massa humana ia ocupar o espaço da boina. Um corpanzil roliço, sem ossos, ia roçar o seu ombro, o seu braço, as suas costas, e esfregar-se nele por horas e horas, enquanto durasse a viagem, enquanto o trem sacolejasse por aquelas paragens.

Nisto o homem descançou a mãos no encosto do banco, olhou Evaristo e um sorriso passou pela sua face, semelhante a uma onda na praia. Face redonda, e toda cara esparramada. Enviou a Evaristo um olhar direto, sem desvios, enquanto continuava a palestra. Não era mais apenas ao seu companheiro a quem se dirigia, não. Era a todo o carro. E também a ele - Evaristo. A Evaristo, que não desejava conversa com pessoa nenhuma, que não queria prestar atenção a ele e que virou o rosto, fugindo do seu sorriso convidativo, sorriso de quem dizia: "é com você também, amigo, que estou falando".

O trem corria e Evaristo olhava pela janela, lá fora, onde sabia que não encontraria a cara do homem. Mas cansou-se de espiar mato. Endireitou-se. Olhou

para a frente. Enfadou-se. "Viagem chata..." Sete horas de sacolejo... E estava apenas começando". Voltou a espiar o meio do carro e escutou. A voz do homem continuava, martelada, constante, inapagável. Evaristo encarou-o. Ele parecia esperar isto. Pegou de surpresa o olhar dele e atirou-lhe outra vez o sorriso amigo, "entra, amigo, é com você, eu também falo com você". Dessa vez Evaristo ficou sem jeito de desviar a vista assim de súbito. O homem aproveitou a oportunidade e encaixou na conversa uma pergunta. Poderia ser dirigida a qualquer pessoa, mas que era especialmente dirigida a Evaristo. Diante da fisionomia descansada, desprevenida, quase ingênua, sentiu-se desarmado. Não quis responder, mas esboçou um vago sorriso. Era o máximo que concederia a um desconhecido, com quem não desejava entrar em intimidades. E' verdade que daí a um instante ele viria sentar-se ao seu lado e exigir a sua atenção.

Encolheu-se, e, quando o homem quis exigir mais, espiou a estrada, que vinha daquelas paragens para onde ele ia. Olhou, olhou, olhou. Mas tudo cansa. E a estrada era alguma coisa do "tudo". Cansou Evaristo.

No meio do carro, o homem. Havia outros. Mas para Evaristo só existia ele, plantado ali, contando...

— Ora não acha ?



Ah! desta vez não havia dúvida, era exclusivamente a Evaristo que ele se dirigia.

Ficou sem jeito. Impossível deixar de responder. Mas disse o mínimo. O mínimo possível em tal situação. Esse mínimo era "que achava".

Então o homem largou o de chapéu na cabeça e veio para o lado dele. Sentou-se no lugar que se reservara, abarrotou o banco, fuçou, e, pronto, acomodou-se.

Evaristo sentiu-se perdido. Quis olhar a estrada, fingir sono, pensou em ir ao lavatório e ficar lá até o fim da viagem.

"Viagenzinha dura não? — Já fiz uma vinte vezes essa zona. Daqui até Goiaz, passando por São Paulo, conheço tudo... Uma vez ficamos dez horas por aqui. É horrível, andar nesse trem sem carro restaurante..."

A voz saía macia, contínua, acompanhada de palminhas, de leves puxões e de pequenos toques no braço de Evaristo. Os assuntos se sucediam com facilidade e se multiplicavam. Evaristo viu-se, de repente, pensando no que uma pessoa pode arrastar para contar aos parentes, aos conhecidos, ou a um simples companheiro de viagem. O homem contava. Narrou a história de outra viagem de trem. Falou da profissão. Contou vários casos acontecidos com ele. Era antigo comerciante. Depois de 30 anos de luta, aposentara-se. Fazia apenas pequenos negócios, mais por uma questão de hábito do que por necessidade.

Fora visitar um amigo e agora estava de volta.

Conhecia o itinerário de todos os trens do país, pois já o percorrera todo de ponta a ponta. Era viúvo. Os filhos estavam crescidos e não necessitavam mais dele. Tornara-se um velho sem responsabilidades. Negociara com gado, fora farmacêutico, conhecia os preços do mercado, já curara uma vaca de bicheira, possuía dinheiro no banco (não disse quanto), internara uma louca (que não conhecia), por sua conta, quebrara um braço, prestara serviço militar, (tendo sido roubado num capote no primeiro dia de recrutamento) não gostava de jogar, mas conhecia todos os jogos, bebia vinho ou cerveja, fora dono de uma serraria, gozava de regalia em quase todos os hotéis do país, sabia o nome dos ministros.

Evaristo olhava-o admirado como se fosse um mágico tirando coelhos, ovos, lenços e baralhos do chapéu.

E o trem corria e a máquina apitava.

— Foi quando eu enviuei...

Evaristo continuava prestando atenção.

— Nem queira saber... continuou. Eu gostava de minha mulher. Era um anjo. Quando nos casamos... foi um dia de festa...

Voltou ao princípio:

— Morreu de parto. Era outro... Porque comigo não é sópa... Nunca neguei fogo. Você ainda é menino.

E o homem ria e sorria, e gracejava e puxava Evaristo e tocava-lhe no ombro. Depois quis saber quem era Evaristo. De onde vinha e para onde ia. Sem perceber, Evaristo foi sol-

tando a língua. Veio-lhe o desejo de contar coisas.

— Eu também. Uma vez... viajando.

O homem puxava-o pela manga:

— Pois a primeira doença que eu peguei, quem curou fui eu mesmo. Nenhum médico dava jeito. Foi a cousa pior que já senti. Queria esconder em casa e meu pai acabou descobrindo...

— Eu também... a primeira foi uma coisa estúpida...

Evaristo escolhia as palavras, ainda hesitante.

E o trem corria. Corria sobre os dois trilhos, ladeados de mato, mato.

— Só machos, tive oito... Mas não foram criados como eu, não. Eu mesmo ensinei as coisas...

Perguntou se Evaristo tinha filhos.

— Não. Não tenho. Fiz oito anos de casado...

E o homem narrava coisas, olhava pela janela e explicava a paisagem. E o trem corria. Corria sempre. A máquina resfolegava, atirando para o ar um penacho de fumo. No começo uma nuvem. A nuvem se esgarçava e a fumaça dissolvia-se no espaço por cima dos carros. Depois ficava para trás.

O homem calou-se. Olhava em silêncio a terra fugindo em grandes pedaços. Então Evaristo começou a contar. Sentia-se bem, abrindo-se assim como o companheiro. Gostava do seu emprego, não havia dúvida, mas não havia coisa melhor do que poder uma pessoa escolher o

seu gênero de vida. Em seguida, falou da mulher, de como desejavam um filho. Pormenorizou. Ele não era o culpado. Era ela. Fazia revelações e não sentia mais acanhamento em entrar nessas intimidades".

Historiou o namoro, depois o noivado. Passou a falar da infância. Tinha nascido na pobreza, mas sempre soubera conduzir-se na vida. Preferiu-se a um curso de engenharia, que não havia conseguido levar adiante por falta de recursos e no fracasso na Escola Militar por causa do coração. Narrava casos passados com ele, inclusive episódios de sua vida íntima, os amores frustrados, pequenas humilhações, vantagens, golpes de audácia, passagens em que demonstrara coragem...

E repisava, voltava, variava de assunto com tanta naturalidade como se aquele homem

(Continua na pág. 56)

Antologia Brasileira do Conto

MILTON PEDROSA é um dos novos de Minas Gerais. Iniciando-se na vida literária através de uma série de reportagens e entrevistas com as figuras mais destacadas do mundo intelectual de Belo Horizonte, material de seu livro "Escritores na província", Milton Pedrosa já tem um volume esgotado, "Minha turma", e vem de publicar, em Belo Horizonte, o volume de contos "A face de Marta", que tem sido muito bem recebido pela crítica. É desse volume o trabalho que estampamos nesta página.



"BRILHA" SEMPRE !

Em todas as atividades, ela brilha sempre porque a par do apuro no vestir, mantém seus cabelos bem penteados, brilhantes, sadios e juvenis. E consegue-o usando Brylcreem que dá brilho, fixa sem emplastar, permitindo repentejar. Brylcreem tonifica a raiz do cabelo evitando a caspa. Isento de goma, amido, alcool e sabão. É produto positivo e científico! Experimente após o permanente. Brylcreem comprado, cabelo penteado!

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM
O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO

Metrolina

antisséptico.
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

José Iturbi tem saudades do Brasil

(Continuação da pág. 31)

Até gosto do "boogie-woogie". É um gênero de música que poderá bem tornar-se clássico, com o passar do tempo. Quem sabe? Quando a valsa apareceu não era considerada outra coisa senão música de segunda ordem. Hoje é de primeira...

José Iturbi nasceu em Velência, na Espanha, e quando criança era considerado pelos habitantes daquela cidade um menino-prodígio. Era filho de um afinador de pianos e começou a ensinar música com a idade de sete anos. Os habitantes da cidade de Velência fizeram então uma subscrição, para mandá-lo cursar um conservatório, onde pudesse aperfeiçoar e desenvolver seus conhecimentos sobre a divina arte.

Hoje José Iturbi é um dos maiores cultores da música contemporânea e o seu interesse artístico não permanece apenas no terreno da música clássica. A música popular também encontra nele um bom intérprete. É um compositor de largos recursos e está firmando o seu nome como "astro" de cinema. Começou em filmes musicais e agora já vem aí fazendo papéis principais em filmes de certa intensidade dramática. Dentre os filmes em que já apareceu podemos citar "Romance no México" (Holiday in Mexico), com Walter Pidgeon, Ilona Massey, Jane Powell; "Duas garotas e um marujo" (Two girls and a sailor); e outros.

Seu último filme é "The birds and the bees", no qual o famoso pianista e compositor aparecerá ao lado da não menos famosa cantora Jeanette MacDonald. Como se vê, esse filme reúne em seu "cast" dois talentos a serviço da boa música.

E a próxima película do popular ator e maestro, segundo informações que colhi com ele próprio na Metro-Goldwyn-Mayer, será "Triumph of music", no qual ele fará o papel de protagonista. Os outros artistas que integrarão o elenco dessa película ainda não foram designados. "Triumph of music" apresentará ao público as mais famosas composições musicais de todos os tempos. Será, realmente, um verdadeiro "triumfo da música"... da boa música.

Antes de nos despedirmos, José Iturbi recordou o êxito de seus concertos de piano no Rio de Janeiro e as homenagens que recebera dos cariocas, declarando:

— Dirija em meu nome uma saudação aos "fans" do cinema e da música do Brasil. E não se esqueça de dizer que tenho muitas saudades de sua bela terra!

Grandeza e decadência da tapeçaria francesa.

(Continuação da pág. 32)

A esses quadros sobrecarregados, mas executados com grande mestria os artesãos franceses opõem, mais tarde, as encantadoras tapeçarias chamadas "Mil Flores". Voltando das guerras da Itália, o rei e a corte trazem lembranças empolgantes: a visão de uma vida mais suntuosa, em que a elegância reina em todas as coisas. As novas tapeçarias refletem, pois, este desejo de vida mais refinada: sobre um fundo geralmente muito escuro brilham mil flores como um deslumbramento multicolor de prado na primavera, por cima desse conjunto precioso, como um tapete de pedrarias, destacam-se alguns personagens com seus belos trajes de veludo e ouro, senhores ou damas nobres caçam ou fazem música. A famosa série da "Dama de Unicorn" mantém a mesma tradição e a mesma estética em que subsiste ainda algo dessa pureza de estilo da Idade Média, posta a serviço do refinamento, recentemente introduzido, pelos costumes da Renascença.

Estrai vai, pouco a pouco, se afirmando e anuncia o encaminhamento para nova concepção da tapeçaria: a transposição do quadro do pintor, sua submissão a esse quadro e a renúncia à sua primeira tradição, que era a de conservar na parede, o sentido plano. As tapeçarias executadas, então, de acordo com os artistas encarregados de decorar o Palácio de Fontainebleau, contrastam de tudo o que até aí se vinha fazendo nessa arte. As bordaduras adquiriram importância cada vez maior e renunciou-se a perspectiva, criação dos desenhistas da Idade Média.

Os assuntos são diferentes como o são os trajes das personagens e até o estilo do desenho. Já então, o artesão renuncia, pouco a pouco, às suas prerrogativas para submeter-se, embora de modo incompleto ao artista. — (Copyright do S.F.I.).

A VIDA DE GOYA

(Continuação da pág. 37)

esquerda. As curvas do corpo, a quase sonolenta voluptuosidade dos olhos e o se-

dutor e sutil sorriso dos lábios, tudo isso parece concentrado num único pensamento "Quero ser desejada". O quadro produz um estranho efeito. Atrai e repele ao mesmo tempo. É belo em sua torpeza e torpe em sua beleza. A interpretação do duplo retrato está largamente escrita em cada linha, em cada traço — "Que velhacas são as mulheres... Mas que "desejáveis" velhacas!"

O outro retrato, o do "Rei Carlos e Sua Família" é bem mais indicativo do desprezo de Goya pela raça humana. Carlos IV conferiu a Goya o título de Primeiro Pintor. Mas Goya, como é evidente por esse quadro, não conferiu a Carlos IV o título de Primeiro Espanhol. Os traços do rei e da maioria dos membros da família real são extremamente vulgares. Parece uma família de trabalhadores fantasiada com roupas régias. O rei, com seu nariz aquilino e um sorriso afetado de auto-satisfação; a rainha, com os gordos braços nus, o rosto papudo e as roupas com pesados brocados, brincos nas orelhas e a fisionomia inchada num ar de pomposa insipidez; os príncipes e princesas de sangue, doze ao todo, cada um com um rosto tão inocente de pensamentos como a dos mais moço de todos, uma criança de peito nos braços da ama — tudo isso pintado com um inexorável pincel representando o que na realidade eram, um quadro da Realeza Decadente. No entanto, o rei e a rainha orgulhavam-se desse quadro porque viam nele o que desejavam ver — uma grande família imperial pintada em proporções colossais numa tela de enorme tamanho. Como Goya deve ter sorriso secretamente ao olhar esse seu trabalho terminado — uma ninhada de lastimáveis mortais, com corpos de titã e almas de pulgas!

★

Atualmente temos cerca de duzentos retratos que se conhece como tendo sido pintados por Goya. Quase todas as celebradas personagens da época submeteram-se, numa ocasião ou noutra, a ter seus retratos perpetuados por esse inexorável realista do pincel. O resultado é um eloquente comentário das loucuras e franquezas da Espanha do século dezoito. Mas esses retratos formam somente uma

(Continua na pág. 52)

MÚSICA

Os que não resistiram ao colaboracionismo

"Os governos passaram e eu continuei regendo uma orquestra", disse Furtwängler — Gigli, Cortot, Lifar, Strauss e outros renegados — A doutrina da contemporização.

Por ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

A vida não é mais um manso lago azul, como quer o soneto famoso. O pior, porém, é que ainda existe quem admita o artista a retratar, em águas calmas, uma visão de serenidade, quase de bemaventurança. O nosso mundo é um mundo torturado. A nossa música, a música de nosso tempo, não pode ser tranquila e plácida. Tornam-se cada vez mais raros os momentos de tréguas entre duas batalhas: depois da paz conquistada, a luta pela consolidação da paz. E os nervos não têm descanso.

A incompreensão do papel do artista na construção de condições de vida justas — um ambiente de liberdade, dentro de um quadro de segurança — tem sido alvo de inúmeros equívocos. É evidente que não cabe, aqui, advogar a filiação imediata de todos os compositores e intérpretes a um partido qualquer e a subordinação total e absoluta de sua atividade artística ao ideal do progresso. Mas, por outro lado, o isolamento já agora é monstruoso. O isolamento é uma inconsciência. Cada noturno caricioso trai, na brusca tensão de sua factura, o espectro da hora presente, a chama, o fogo sagrado, a inspiração altíssima do artista consciente.

Porque a arte, em nossos tempos, adquiriu, justamente, este alto grau de consciência que lhe permite transformar os reflexos inevitáveis do meio que se introduzem na obra, condicionando-a até certo ponto, em uma tarefa deliberada, e, assim, o que, em todos os tempos, foi fenômeno mecânico — um homem respirando uma atmosfera, a sociedade formando os caracteres — passou a "esforço consciente".

Essa observação, de caráter geral, não prende o artista dentro de um esquema ideológico. As trombetas soaram, todos tomam posição. E cada um, segundo a consciência, que lhe dita o procedimento, se enfileira no grupo que lhe parece dotado da solução mais perfeita. O que não é possível, a esta altura, é ficar à margem, é negar-se ao combate. Agindo assim, muita gente se revela...

Aqueles que se aninharam em confortáveis poltronas, de idéias confortáveis, pois é impossível conciliar o sono, dentro da balbúrdia, tal o entrechoque das armas e as lamentações.

O artista não pode ficar como aquele pobre homem que, no meio de um bombardeio, gritava: Não tenho nada com isso! Eu não fiz nada a ninguém! Eu não quis a guerra!

O que falava dessa forma foi a primeira vítima. E os tímidos que presenciaram essa história aprenderam, então, a lutar e a vencer. O ideal perdido nas nuvens não funcionava. A doutrina do "vire a outra face" foi, momentaneamente suspensa, porque alguma coisa vital estava em jogo: a própria condição indispensável da sobrevivência, para que, novamente, o homem pudesse fugir ao sonho, alçar o voo. Um decreto do século XX determina, inexoravelmente: "Ficam, de agora em diante, abolidas todas as torres de marfim. Parágrafo único: Revogam-se as disposições em contrário".

Disposições em contrário eram sustentadas, antes desta última guerra por homens de grande prestígio, cuja palavra vinha ao encontro dos anseios daqueles que desejavam enganar-se a si próprios.

(Continua na pág. 56)

Encanta!
— diz a simpática esposa
do grande galã de cinema
CHARLES BOYER
"Me fascina o TANGEE com 'efeito
de pétala' e, principalmente, o
vibrante Tangee Red-Red!"

**Obtenha o que
encanta ao homem
do seu coração!**

Quando aplicar um tom TANGEE
verá surgir em seus lábios, como
se fosse natural, um fulgor discreto e, ao mesmo tempo, uma
suavidade gentil, garrida e juvenil que atrairá irresistivelmente
porque expressa a plenitude da vida. Este é o resultado do famoso
"efeito de pétala", exclusivo de
TANGEE.

O BATON
Tangee

Em tons
primorosos
Red-Red
Medium-Red
Theatrical
Natural
Gay-Red

USE TANGEE PARA
SE VER... A MAIS LINDA
QUE PODE SER!



livros

PROPORCIONAM
PRAZER E SAUDE.
OS TRADICIONAIS

QUINADO
DOS-PINTO

VINHOS
RAMOS-PINTO

SEMPRE PREFERIDOS





A ARTE DE FAZER LETRAS

PARA os que aspiram ser autores de letras de canções populares, aqui transcrevemos os conselhos de Buddy Kaye, um dos mais populares "letristas" norte-americanos e autor dos versos dos conhecidíssimos "foxes": "Till the end of time" e "Full moon and empty arms": "Ao invés da crença geral, a letra de uma canção é tão importante quanto a própria música, ou mais do que esta. Sabemos muito bem que a melodia é mais cantável e audível. Ela, entretanto, depende poderosamente da originalidade ou do lirismo das palavras acompanhantes. Quando se quer escrever uma canção, deve-se escolher antes de tudo o título pois este nos conduzirá fatalmente ao encontro do tema lírico. Vários são os processos de se crismar uma canção. Pode ser uma confissão: "Não sorrirei nunca mais" ou "Não zombes de minha dor". Um nome de mulher: "Gilda", "Josefina" ou de um lugar qualquer: "Bahia", "Belém". Às vezes, para não ficar tão seco, usam-se títulos como estes: "Bahia de todos os santos" ou "Cristo nasceu em Belém".

Como o espaço é pequeno, prometemos voltar com a continuação desses conselhos.

F.C.S.

300 CABROCHAS

Samba de José Batista e H. Lobo

Gravação de Flora Matos

Foi o Salgueiro que chegou
ô ô ô ô ô
Com mais de trezentas cabrochas
Tamborins tem mais de mil
Salve a cor ô ô ô ô
Salve as cabrochas do Brasil.

Eu sou a Risolêta do 122
Que não gosta de falsa
Por que o pau come depois
Quem sac na nossa escola
Não sac em outro lugar
Salgueiro tem o seu nome
E é preciso respeitar.

ANDA LUZIA

Marcha de João de Barro

Anda Luzia
Pega o pandeiro e cai no Carnaval,
Anda Luzia
Esta tristeza te faz muito mal
Esta tristeza te faz muito mal

Apronta a tua fantasia
Alegre o teu olhar profundo,
Que a vida dura só um dia, Luzia!
Não se leva nada deste mundo.

DULCINEA

Samba de Antonio Almeida e Ataulfo Alves

Ai, Dulcinea, Dulcinea,
Não faz assim comigo, não
Você nem faz idéia, Dulcinea
Como dói meu coração ai, ai, ai

E' excusado você fingir minha flor
Não querer mais meu carinho
Não querer mais meu amor
Pois, na verdade,
Você ainda me quer
Deixe de vaidade,
Volte pra casa mulher.

LOCO TURBION

Tango de Roberto Miró y Vicente Spina

Tengo miedo de encontrarla
y de nuevo recordarla

y achicar el corazón!
Tengo miedo que en sus ojos,
al mirar estos despojos
yo adivine compasión!
En mis días fué un dolor,
en mis sueños, fué un rencor
y en mi vida no hizo más que mal...
Me tortura este recuerdo
que me acosa y me persigue
en mis noches sin final!

II

En la fragua de espantos del sufrir,
ella puso entre brasas mi ilusión,
Me ha enseñado a morir,
porque ya no es vivir,
escuchando en las sombras su reír!
Y esa voz que me nombra sin cesar,
y que muerde las noches con su mal,
es un LOCO TURBION...
Una garra brutal,
que me estraña el corazón!

I (bis)

Yo me hundo en la locura
de un turbión; al recordaría
y al quererla con pasión,
Y el pensar en olvidaria,
es camino que conduce
a la desesperación!
Es tormento sin final
el fracaso de olvidar,
y es plegaria que no escucha Dios!
Es tortura interminable
el recuerdo de sus ojos
y el arrullo de su voz.

MIRA'NDOTE

Bolero de Luis Guevara

Sonando con tu amor se aviva mi
alegría...
mirándote vivir se aquieta mi dolor.
Te vas y tras de tí se van mis espe-
ranzas
si estás junto de mí no necesito mas.
Contigo brilla el sol en mi hora de
agonia
te quiero porque sí, te quiero y nada
más.
Pensando que te vas de pena muero...
mirándote no más puedo vivir.

A vida de Goya

(Continuação da pág. 50)

parte dos quadros em que Goya represen-
tou a comédia humana de seu tempo.
Pintou a vida agitada da cidade em "O
cantor Cego da Rua", "A feira de potes",
"A Mulher das Hortaliças", "Os Corre-
dores de Pernas de Pau", "O Carnaval",
"A Festa de Maio em Madrid", "O Hos-
pício" e "A Tourada". Imortalizou os tra-
balhos e as alegrias do povo em "A La-
vadeira na Lagoa", "A Colheita do Feno",
"O Ataque à Diligência", "A Viuva no
Poço", "O Casamento da Aldeia", "Os
carregadores de Água", "A Dança do
País", o "Gordo Polaco" e "As Estações".
Pintou os horrores da guerra — porque
apesar de seu espírito turbulento, odiava
as carnificinas organizadas — numa série
de devastadoras sátiras como "O Massa-
cre de 1808", "Sempre a Mesma Salvage-
ria", "Os Leitos da Morte", "O Enforca-
do", "O Garrote" (um modo espanhol de
estrangulamento com um colar de ferro
e um parafuso), "Homens Mortos Não
Contam Histórias", "Eu Vi os Horrores"
e "Não Há Ninguém para Ajudá-los".
Fortes, honestos, realistas, esses quadros
oprimem o coração e acusam a falta de
humanidade do homem para com o ho-
mem. Mas os mais característicos, talvez,
de todos os quadros de Goya, são os
seus famosos "Caprichos".

Esses "Caprichos", feitos em água-forte
e em aquarelas nunca encontraram pa-
ralelo, antes ou depois de Goya. São o
mundo inteiro visto através de uma lente
distorciva, representações meio reais e
meio fantásticas de bestas semelhantes a
homens e homens semelhantes a bestas,
cenários que pintam a rapacidade, a hipo-
crisia, a crueldade, a superstição, a licen-
ciosidade, a pomposidade, a violência, a
estupidez e o inevitável destino dessa
criatura chamada homem, que começava
a vida na esperança e a termina na mi-
séria. Um desses "Caprichos", intitulado
"Até a Morte", representa uma velha mu-
lher, cujas mãos e rosto já se acham re-
duzidos à aparência de um esqueleto,
olhando fixamente num espelho enquanto
coloca um alegre chapéu em seus cabelos
grosso ao mesmo tempo que suas com-
panheiras, olhando para a frente, tapam
a boca com a mãos, fazendo o possível
para esconder o riso. Em outro desses
"Caprichos", que traz o provocante títu-
lo "A Caça de Dentes", uma mulher ater-
rorizada é vista fugindo para o patíbulo,
à luz espectral da lua, e arrancando os
dentes de um criminoso enforcado. Seu
propósito é usar esses dentes como um
amuleto contra doenças. Ainda outro
"Capricho", intitulado "A Subida e a
Queda", pinta a fraqueza do homem nas
mãos do destino. Uma gigantesca figura
com pernas de cabra e rosto de demônio
pega um homem pelo tornozelo atirando-
o para cima, em direção ao céu. O homem
está satisfeito com sua boa sorte e suas
roupas caras. Há chamas jorrando de suas
mãos e de sua cabeça. E' um rei entre
seus companheiros, os homens! Em sua
estática alegria deixa de notar, pobre pe-
queno mortal, que outro homem como ele
mesmo fora lançado para o alto apenas
para ser atirado ao solo, de cabeça para
baixo. Esse pessimista "Capricho" traz o

seguinte comentário: "O destino é cruel
para com os que o cortejam. O trabalho
que custa subir às alturas se desfaz em
fumaça. Subimos somente para cair". E
assim por diante. Os "Caprichos" de
Goya são como um "Inferno" de Dante.
Mas, ao inverso de Dante, Goya pinta
não os sofrimentos dos mortos mas as tor-
turas dos vivos. E vê-se que Goya con-
siderava o Inferno da vida muito mais
trágico do que o Inferno da morte.

★

Os "Caprichos" de Goya fizeram-no
cair no desagrado da Inquisição. Porque
em muitos de seus "Caprichos" atacou as
práticas dessa atroz instituição medie-
val. A Espanha tornou-se para Goya
um lugar insalubre. E por isso, nos
adiantados setenta anos, esse velho-jo-
vem aventureiro embrulhou seus pin-
céis e quadros e foi terminar os dias
no exílio, na cidade francesa de Bordéus.
Aí encontrou grande número de seus
compatriotas, refugiados da tirania do
novo rei espanhol, Fernando VII.

Fixando-se na colônia espanhola de
Bordéus, Goya começou a pintar nova-
mente. Sua vista estava agora tão fraca
que era obrigado a pintar com o auxílio
de lentes de aumento. Ainda assim, algu-
mas das pinturas que executou nesse pe-
ríodo, especialmente as miniaturas que
pintou em pedaços de marfim, estão entre
os mais raros patrimônios do mundo.

Enquanto sua vista enfraquecida resis-
tia até o fim, ficava inteiramente surdo.
Um de seus amigos o descreve sentado a
um cravo, tocando uma toada espanhola
e inclinando o ouvido em direção ao ins-
trumento, no vão esforço de captar os
amados sons de sua terra natal.

No princípio da primavera de 1828,
mandou uma carta a seu filho Xavier, que
lhe escrevera de Madrid, contando que iria
vê-lo. "Querido Xavier", disse ele, "não
tenho nada a dizer, exceto que estou en-
tusiado pela perspectiva de o ver, e
que estou doente. Deus permita que viva
até poder abraçá-lo. Minha alegria seria
então completa. Adeus".

A 16 de abril fez sua jornada final. En-
terraram-no discretamente em Bordéus.
Somente em 1900 os restos mortais do
exilado Primeiro Pintor da Espanha fo-
ram trazidos para Madrid. Fizeram-lhe
enfim um esplêndido funeral. Seu cai-
xão era puxado por oito cavalos enfeitados
com plumas douradas e acompanhado
por oito lacaios de cabeleiras salpi-
cadas de ouro. Toda a população de Ma-
drid foi vê-lo passar. Era pena que Goya
não estivesse vivo para pintar o último
dos "Caprichos" de seu cínico destino.
Poderia ter sido a maior de suas obras-
primas.

(Do livro "Vida de Grandes Pintores").

GENTE DOS PAGOS

(Continuação da pág. 35)

pouco de trabalho pro trabuco que já
tava se enferrujando. Quando a peonada
dos Guabijús, e depois toda moçada do
rincão, soube que ele tinha se escapado,
não houve quem ficasse parando rodeio,
laçando no mais, remendando arrelo, lus-

(Continua na pág. 54)

O BAILE DE FORMATURA DA ESCOLA SUPERIOR DE COMERCIO



Os aspectos fotográficos acima foram colhidos pela objetiva da REVISTA DA SEMANA num intervalo do imponente baile promovido pelos alunos da Escola Superior de Comércio que colaram grau recentemente. No grupo acima, vê-se, cercado pelos alunos, agora diplomados, o professor Dr. SPINOSA ROTHIER, que parabenizou a turma. A festa, que decorreu num ambiente de distinção e alegria, foi realizada no salão da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro.

Quando a morte ajuda a viver...

(Continuação da pág. 12)

recebidas. Quando entregou a alma ao Criador tinha guardado quatro contos de réis, uma verdadeira fortuna naquela época, há quase trinta anos atrás. Esse dinheiro, sem ninguém saber porque, foi deixado em testamento para o médico que tratou dele nos últimos dias de vida. O doutor era também exqu岸ito. Gastou todo o dinheiro, ou quase todo, num processo que ele próprio havia inventado, para mumificar o cadáver do sapateiro. O processo que o homem inventara ou aprendera, não sei, aprovou completamente. Quando cinco anos depois abrimos a cova de Michelín, o diabo do sapateiro estava tal qual no dia do enterro. Enterramos novamente o "gajo" e demos tempo ao tempo. Dezesete anos mais tarde, tornamos a desenterrá-lo. Novamente o encontramos perfeito. Os vermes não conseguiram atacá-lo. Depois disso, a Prefeitura ordenou que o enterrássemos de uma vez para sempre. Assim o fizemos. Enterramo-lo bem fundo e nunca mais o procuramos. E' bem capaz de estar ainda hoje em bom estado. Mas temos ordem de não abrir mais a sua cova, que já se perdeu entre muitas outras. Aquele pão-duro ficou com um jazigo perpétuo de graça... Que ele descanse em paz...

TEORIAS SOBRE A DESINTEGRAÇÃO

— O português Manoel, falando como se estivesse

dando aula no anfiteatro da Faculdade de Medicina, declarou-nos, em seguida:

— O que dá cabo do corpo da gente são uns bichinhos que vivem debaixo da terra. E' a própria terra. Há certa qualidade de solo que devora o corpo mais depressa do que outros. Ora, quando os caixões são depositados em buracos abertos nesse paredão que o senhor está vendo, enche-se a cavidade de cal e fecha-se com uma tampa de concreto. Nos lados onde o sol bate o dia todo não há decomposição perfeita e, quando, cinco anos depois vamos exumar os ossos, na presença de algumas pessoas, acontece encontrarmos os corpos ainda quase perfeitos.

— Que fazem vocês?

— Se o nicho no ossuário está pago, fechamos novamente a abertura e esperamos mais uns dois ou três anos. Se, entretanto, no fim de cinco anos ninguém veio reclamar os ossos, vai o esqueleto com o resto do sebo que está aderente para o forno da cremação. Lá o fogo dá conta de tudo. O senhor sabe que os defuntos enxundiosos têm mais facilidade para resistir à ação dos vermes? No fim de cinco anos ainda existe muita gordura que não foi comida. Os magrinhos vão mais depressa...

O coveiro mira-nos de alto a baixo, calculando bem os nossos pobres 55 quilos de peso, e estima:

— O senhor, por exemplo. Depois de dois anos debaixo da terra estará todo comido. Estará puro esqueleto.

Agradecemos com um sorriso forçado a amabilidade do português.

A CIENCIA CONFIRMA

O coveiro, falando com sua experiência de trinta e cinco anos de profissão, estava sendo exato. Quando consultamos os trabalhos do médico e professor francês Robinet constatamos a veracidade do que em tom de brincadeira ouvimos no cemitério. A composição química da terra dos cemitérios influi poderosamente para a destruição do nosso organismo. No seu trabalho "Serão os cemi-

térios focos de infecção?", o dr. Robinet prova, e isto há cinquenta anos atrás, que o campo-santo não constitui, em hipótese alguma, foco de contaminação para os seres vivos. O médico francês, em certos trechos da obra, nos

Por que precisam as mulheres de dois reguladores?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, éles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc.

O Regulador Xavier N.º 2: para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flôres brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a éle. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acôrdo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



**PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.**

NUNCA EXISTIU IGUAL

dá informações interessantes sobre o poder comburent das diversas terras. Assim, por exemplo, na cidade de Genebra, a decomposição completa do corpo humano demora 20 anos, em Leipzig 15 e em Milão, 10. A química, entretanto, resolveu esse fraco teor de combustão, adicionando às terras escolhidas para sepultamento os ingredien-

tes necessários. Foi também constatado que em certas regiões tropicais há solos que "devoram" os cadáveres em apenas 14 meses. O coveiro Manoel, cinquenta anos depois, confirmava, sem o saber, as afirmações do médico francês.

A VIDA DE MANOEL GOMES DA SILVA

Um outro Manoel, este com o sobrenome de Gomes da Silva, também veterano no Cajá, pois há 20 anos enterra e desenterra os seus semelhantes, falou sobre sua vida e a de seus companheiros de profissão.

— A vida aqui dentro, como o senhor vê, não é má. Trabalha-se muito, mas é uma profissão razoável. Para regularizar nossas finanças dependemos, apenas, do aumento que pleiteamos. Eu, por exemplo, tenho cinco filhos que dependem do meu esforço.

— Seus filhos pretendem seguir a mesma profissão?

— Absolutamente. Em geral os brasileiros, não sei porque, não gostam muito de trabalhar em cemitério, como já lhe disse o Antonio. O filho do Manoel Cunha veio certa vez para cá. Ficou pouco tempo. Não se acostumou. Abriu um botiquim e disse que isso não era serviço de seu feitio. Que eu salve nenhum filho de coveiro segue hoje em dia a profissão paterna. Nós já nos acostumamos e não pensamos em mudar de profissão. Começamos coveiros e morreremos coveiros.

Visão e doenças gerais

A sífilis, a tuberculose e outras moléstias crônicas, bem como infecções da vesícula biliar, dos dentes, das cavidades ósseas da face e outras, podem causar diminuição da visão e doenças dos olhos.

Quando sentir perturbações da visão, procure o oculista; mas submeta-se a rigoroso exame geral. Não dispense, outrossim, a reação de Wassermann, para o diagnóstico da sífilis, e o exame dos pulmões pelos raios X, para o da tuberculose.

Predisposição para varizes

A permanência em pé, por muitas horas, dificulta a circulação do sangue na parte inferior do corpo. Essa, uma

Gente dos Pagos

(Continuação da pág. 52)

trando as pistolas só pra enfeite, pra dizer que estavam limpas, que nunca se usava essas coisas. Só em penca quando havia trapaça, nalguma pulpéria, nalgum fandango mesmo em que dois homens quisessem a mesma china. No mais era pacata a vida. As vezes havia as ladroeiras, a senvergonhice dalgum carreteiro que carneava um capão e deixava o pelego esticadinho no meio da estrada, ou um que outro homem que roubava as filhas dos fazendeiros descuidados. Ou alguma morte de repente, coisa do diabo, que ninguém ficava sabendo como era e quem era que matava, como aconteceu com o finado Sebastião, que Deus o guarde. Depois se deu um caso assim com a filha do seu Tinoco, que amanheceu morta, ensopada de sangue, ao lado do bambusal que ficava nos fundos do rancho. Também ninguém pode descobrir. Quando o Socó chegou, todo de farda, o pessoal começou a chamar de Capitão e, como o nome pegasse, até hoje é Capitão pra cá e Capitão pra lá. No mesmo dia em que ele chegou, montado no mesmo gateado que o levára, cria da estância, e que depois morreu numa espera que fizeram pro Capitão lá prás bandas da Corunilha, nesse mesmo dia ficou sabendo da morte da Lina. Quis sair à procura do bandido e bateu esse rincão todo chegando em cada rancho e em cada pulpéria pra ver se descobria alguma coisa, mas qual! Já fazia mais de ano! Desse dia, ele, que era sempre um guri risinho e divertido, ficou assim quietar-

rão, silencioso, de pouca fala. Já arreparou?

— Já, eu até...

A cachorrada gritou interrompendo a conversa. O pessoal vinha de volta, trazendo atravessados no lombinho os corpos frios, já molhados de sereno, daqueles que haviam saído para roubar e que não mais voltariam para os ranchos. Chegaram em silêncio respeitando os defuntos.

O velho Felix pegou um dos corpos e ia levando-o para o galpão quando um dos peões gritou forte, por trás dos cavalos que estavam desencilhando:

— Ai, não, que eu não posso dormir com cheiro de defunto!

— Aonde? — perguntou o velho arquejando com o peso.

— No galpão de cima.

E lá se foi ele, arrastando os pés, resmungando com o fardo muito pesado para suas forças. Estava ficando fraco, acabado, não prestava mais! Nem mesmo um diabo desses podia levantar, ele, que em anos atrás segurava um tourito pelas guampas "no mais". Sentia lentamente que a força ia lhe faltando à medida que chegavam os anos.

A lua já não estava no céu e, pouco a pouco, das bandas do nascente, vinha levantando um claro quase imperceptível, que se alongava pelas coxilhas embaciando-se na cerração que vinha levantando dos baixios e banhadas.

Para não se darem o trabalho de deitar por tão pouco tempo um dos peões jogou um pau de lenha nas brasas que ameaçavam extinguir-se, enquanto os outros se acocoravam ao redor do fogo ou pelos

das causas de dilatação das veias das pernas e que pode dar origem a varizes, feridas e úlceras.

Se tiver predisposição para varizes, procure ocupações que não obriguem a longa permanência em pé.

Água, veículo de doenças

Desde épocas remotas se atribui à água usada na alimentação a propagação de certas doenças. Estão neste caso, entre outras, as febres tífica e paratífica. Hoje está comprovado experimentalmente que a água de consumo é um dos fatores da propagação dessas moléstias.

Evite as febres tífica e paratífica fervendo ou, pelo menos, filtrando a água destinada a beber.

Roupas de verão

Ar livre e ar fresco constituem tônico insubstituível, que a natureza dá gratuitamente. A pele precisa de ar. Camisetas e "sweaters", nos dias quentes, são um contrasenso: impedem que o ar circule sobre a pele, dando-lhe sensação de bem estar e roubando-lhe o excesso de calor.

Nos dias quentes, evite qualquer espécie de agasalho. Prefira as roupas leves, folgadas e porosas.

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 65 — 1.ª Loja

**AOS SRS. DISTRIBUIDORES E
ASSINANTES DESTA REVISTA**

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.



Em São Paulo...

e sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 225110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas

cantos, sobre toras de madeira falquejada.

O moleque estava cabeceando de sono quando um grito do Felix veio sobresaltá-lo e ele se encolheu com medo de alguma pancada.

— A água tá fervendo! Te meche, plá, que a gente tá aqui, seca por um chimarrão.

O pretinho pulou do banco e foi campear a cuia. Remecheu os pelegos, as cobertas amontoadas no canto onde sempre ficava a dita cuia, "mas quê nada! a desgraçada não aparecia mesmo! E era a única, que a outra o Castelhana quebrara!"

— Apura, seu! — resmungou o velho, mas era um resmungo de cachorro quando já vai ferrar os dentes nas pernas de alguém.

O negrinho pererecou, correu por aqui, correu por ali, e nada! Estava de peso mesmo! A bicha tinha sumido que nem boi alçado quando se esconde no mato e nem isso de rastro!

— Ora veja, seu porcaria! Será que eu tenho de ir com um rebenque prá fazer tu encontrar essa cuia?

— Ai! Negrinho do Pastorejo! me acuda! Adonde é que tá essa marvada? Me acuda que eu boto ali na mangueirão da recolhida um toquinho de vela! Ai, Negrinho!

E o plá falava baixinho, com os olhos amarelados rasos de lágrimas. Um soluço mais forte e mal contido denunciou-lhe a tristeza e Tiburcio que estava por ali levantou e segurou um de seus bracinhos finos.

— Não chora por isso! Um home não chora, inda mais plá de galpão! Hay que se corajudo, seu! Bamo! Pára cum isso! Choradeira é prá muié.

— Mas a cuia? Adonde é que tá?

A talburdia do galpão acordou o Dionísio. O velho esfregou os olhos avermelhados pelo cochilão.

— Quem haverá de dizê! Tanta balburdia, tanto estrupício, por uma cuia! Vai lá, plá, lá na ramada e traz uma que eu deixei lá. Tanta gritaria só por uma cuia! Inda se fosse por muié... Quem haverá de dizê!

Um bocejo largo abofou o grito de alegria do moleque, que saltou em disparada e voltou logo, ofegante, trazendo a cuia numa das mãos, erguendo-a bem alto como um troféu.

O dia foi clareando mais e mais, até que quando chegou o Castelhana com a recolhida, fazendo um barulho de trovão, o sol estava de fora, mergulhando tran-

quillo nas águas do riacho que passava mais adiante.

Sairam dois rapazes de dentro do galpão e foram encilhar os cavalos e mais dois para cavar e enterrar os mortos.

O Capitão acordou com a conversa da peonada e depois de um bocejo bem espichado estirou as pernas e levantou meio encurvado.

Chegou-se para a roda do mate e logo o plá lhe alcançou a cuia. Estava descuidado, pensando na china que deixara no Passo das Pedras, quando ouviu a conversa de que já iam enterrar os mortos.

— Diz que já tão de cova aberta, — falou o plá com os olhos muito arregalados. — O seu Beto mandô dizê que o seu Capitão fosse lá dá uma olada.

O negro passou a cuia para outro e levantou ajeitando o cinturão de couro de

veado. Saiu para fora do galpão, deu uma olhada nos arreios, emalou o poncho, acomodou o chapelão na cabeça puxando as abas para os olhos, e deu "até logo" para a peonada.

— Daqui já me vou. Digam pro seu Maneca que tudo foi feito como ele queria. Fica aí com vocês o resto do bando. Onde é que botaram eles?

— Tão na dispensa, com tramela e ca-deado.

— Bem... Intão, até outro dia.

— Até...

E ele deu de rédeas e o cavalo rodopiou deixando marcas fortes no chão ainda molhado de sereno.

— Home bom como o quê! — disse baixinho o Dionísio, vendo-o sumir na estrada.

— Bem bão, — repetiu o plá, olhando para a moeda amarelinha que o Capitão deixara em sua mão magra e áspera.

*Uma carícia
perfumada!...*



De inebriante perfume e suave como uma carícia, — o Pó de Arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos...

Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo! Por isso o Pó de Arroz Lady é o mais usado e preferido no Brasil, há mais de trinta anos.

O Pó de Arroz Lady apresenta-se em cinco tonalidades: Branco, Rosa, Raquel, Ocre-claro e Ocre-escuro.

PÓ DE ARROZ

Lady

É O MELHOR E NÃO É O MAIS CÁRIO!

★ A VENDA EM TODO O BRASIL ★

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA PARTE

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

Realce seu Encanto embelezando seu Cabelo



Para realçar a beleza do seu rosto e aumentar seu encanto pessoal, proporcione aos cabelos a vitalidade e o brilho que lhes assegura o Tricófero de Barry. Famosa loção rejuvenescedora, Tricófero de Barry vem sendo usado, com pleno êxito, há mais de um século, por todos os que desejam eliminar a caspa, evitar a queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos, e as afeições do couro cabeludo. Adote Tricófero de Barry — e verificará, por si mesma, o acerto da sua escolha.

Tricófero de Barry

EM USO DESDE 1801

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA PARTE



Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA

O HOMEM DO TREM

(Continuação da pág. 49)

fosse um velho amigo, um irmão, de quem nada precisasse esconder. Sentia-se à vontade, bem disposto e contente com o encontro.

“E por que não contar? Por que esconder?” — pensava. Somos todos humanos. Temos os mesmos desgostos, as mesmas aventuras e dissabores”. Aliava-se de um grande peso. Narrara até uma briga, na qual levava a pior e que terminara com sua fuga. Explicou-se, deu uma interpretação arranjada na hora. E sentia-se satisfeito. Era como um fardo que tivesse atirado fora. Era outra pessoa. Não era mais o Evaristo parado na estação, evitando conversas. Era um homem que abria o livro onde estavam escritos os seus pequenos triunfos, os seus fracassos, as fundas humilhações de todos os dias, as pequenas misérias, dificuldades financeiras e domésticas.

O homem escutava e olhava lá fora. O trem corria, separava a terra em dois pedaços. Dentro do carro Evaristo era como se estivesse no espaço. Continuava embebido na sua história, tão embebido que o trem parou e ele não teve consciência disso. Só percebeu quando o homem se levantou para apanhar as malas.

— E' aqui que eu desço...

A princípio não sentiu. Depois viu o homem sumir-se no meio dos carregadores, de gente que aparecia e desaparecia na estação, deixando-o só, com a sua história truncada pelo meio.

E agora, que ele se fora, sentia maior a necessidade de contar a sua vida, de abrir-se como ele, como a um irmão.

A máquina recomeçou a bufar e o comboio se pôs em marcha outra vez. Nunca mais o veria. Espiou o interior do carro e viu gente se acomodando. De repente, sentiu-se só e sem apoio num mundo hostil. E bruscamente sentiu como se todos aqueles dissabores, as pequenas humilhações, as suas intimidades, a doença da mulher, tudo que acabara de revelar, lhe fosse atirado à face, novamente, em presença de todos. Sentia-se envergonhado de si mesmo. E como se de novo estivesse vivendo tudo de uma só vez. A

vida amargava. O mundo era hostil. Era preciso defender-se.

Um velho veio e sentou-se ao seu lado, no lugar deixado pelo homem.

Evaristo fechou os olhos e fingiu que dormia.

A máquina apitava, o comboio corria e, dentro de um carro, um homem triste e amargo defendia-se contra o mundo hostil que o cercava.

Música

(Continuação da pág. 51)

Assim Cortot, Strauss, Gieseking, Lifar, Furtwängler, Gigli. Estes tomaram um caminho e, quando acordaram do seu sonho, estavam no coração do reduto dos inimigos da humanidade — uns na Alemanha nazista, outros na Itália fascista, outros ainda entre os traidores da França humilhada.

ACUSAÇÃO E DEFESA

Porém eles agora voltam, com seus argumentozinhos tortos, e esperam encontrar na tolerância dos vencedores um refúgio para a sua eterna complacência. Já estão habituados a falar a linguagem dos conquistadores. E, se a Justiça, por acaso, é que vem, triunfante, eles aceitaram, tranquilamente a Justiça, como aceitaram, com idêntico animo, o seu oposto.

Desse tipo é a defesa de um regente como Furtwängler, que compareceu tranquilo diante da Comissão que o ia julgar.

“Os governos passaram e eu limitei-me a reger uma orquestra”.

Nenhuma outra frase encontrou ele para dirigir aos seus juizes. Roma estava em chamas e Nero tocava o violino. A situação é idêntica, porque homens como Furtwängler foram, de certo modo, responsáveis pelo incêndio. A única diferença é que ele tinha nas mãos uma batuta em vez de um arco e regia, em vez de tocar. Expressa, assim, a concepção nazista, por omissão. E, na verdade, a música que ele trazia naquele momento era um símbolo. A Alemanha de Hitler gostaria de se ver assim: regendo, para um mundo obediente. E que a melodia ouvida fosse o Horst Wessel. Eram até capazes de con-

sentir em estabelecer uma hierarquia; primeiros violinos, segundos violinos... “Em um estado totalitário, somos forçados a certas contemporizações”, prosseguiu Furtwängler.

Está errado. Sua sempre foi a doutrina da contemporização, porque só pedia ao mundo sossego para contemplar, embevecido, o próprio umbigo. Outros que morram, para garantir-lhe esse privilégio. E agora que a estrada foi calçada de cadáveres, Furtwängler reivindica o seu passe para livre trânsito pelo caminho da liberdade.

Assim Cortot, que, recentemente, estreou na Inglaterra, sob uma tempestade de vaias e aplausos misturados, representa, com atitude semelhante, a mesma posição. Não perderam esses artistas a sua “preciosa” dignidade: não foram arrastados pelo chão, não sentiram nos lábios o gosto da lama, não provaram o pão amargo, porque estes, repitamos, são os homens que contemporizaram. Tantos privilégios, por um artista surdo — porém não da surdez magnífica de Beethoven, que ouvia os gemidos do povo, ainda que seus tímpanos não vibrassem. Tantas franquias em troca de um artista cego — porém não da cegueira sublime de Homero, que não lhe impediu de pintar o quadro vivo da Grécia. Cego à realidade, isso sim, surdo aos lamentos, isso sim é que eles foram. Porém não lhes sobrou nem a desculpa da mordida. Foram mudos voluntários, ou, melhor, talvez tenham falado, porém sua voz trêmula só conseguiu entoar uma fraca lã ao opressor.

A Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface “Brilhante” ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface “Brilhante” permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface “Brilhante”. Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

Anuncia-se, como um régio presente, a vinda de Beniamino Gigli ao Brasil, ainda este ano. Não creio que os brasileiros recebam o velho tenor com cordialidade. Sobram motivos para que o povo se recuse a estender a mão ao artista que deleitava com sua arte aos fascistas enquanto estes iam buscar armas nas mãos dos nazistas para matar os nossos soldados. Se a guerra, os anos da guerra são para Gigli, como os de paz, séries de datas de espetáculos, para nós serão sempre outras tantas séries de datas, como a que marca Monte Castelo, outras tantas datas, e todas elas inesquecíveis.

Linfar, sem o velho esplendor, gordo do alimento nazista, exibiu-se na França. Furtwängler está, novamente, regendo. Gigli enfrenta os públicos hostis. Walter Gieseking, aquele extraordinário pianista que aliou a arte de seu mestre Debussy, ao vigor e a laborioso acabamento do gênio alemão, já se exhibe para os aliados, esquecido de seus dias de "Heil Hitler!" E' preciso que um protesto se levante. Todas essas figuras desbotadas, todos esses bonecos armam-se para a reconquista do mundo. Que diferente tratamento, que honra nos resta então, se volvermos a uma perigosa tolerância, para a dignidade, a altivez de Schöenberg, o tremendo libelo que foi o destino de Pablo Casals, os artistas que lutaram, como aquele poeta que Franco mandou matar: Frederico Garcia Lorca? "Hay sangre en la calle", escreveu ele. Que os homens que fizeram a paz não cedam àquele grito: "Yo no quiero verla!" E' preciso ver esse sangue e vê-lo, sobretudo, naqueles que se besuntaram com ele, carniças que conquistaram o "favor" de viver, pago com a vida dos que só aceitariam o reconhecimento do direito de viver e de ser livre.

Os cães na guerra

(Continuação da pág. 16)

de cavado, foram encontrados um fasilmetralhadora e certa quantidade de munição e alguns explosivos.

Mick, Rex, Gyp e os seus companheiros têm apenas um treinador, cada um deles. Esse treinador é o responsável pelo seu tratamento e alimentação. Os sargentos-lanceiros que cuidam dos cães

começaram seu trabalho na Alemanha, na Britain's Royal Engineers' Dog Training School.

Os cães, já treinados em descobrir minas, foram ensinados a encontrar objetos comuns de metal. O método de treinamento é simples. Usa-se como isca pedaços de carne em vasilhas de metal, que eram escondidas no chão. E cada vez que os cachorros as descobriam eram recompensados com o saboroso conteúdo das mesmas.

A quantidade de carne foi gradualmente reduzida e o tamanho das vasilhas foi

também aumentado, até que os cães começaram a associar a descoberta de objetos de metal com a recompensa. Assim é que eles foram treinados para atingir a grande eficiência que apresentam hoje.

Informaram-me que qualquer cachorro pode prestar esse serviço, contanto que seja dotado de inteligência canina normal e olfato agudo. O segredo do êxito é bom treinamento, bom tratamento, trabalho não exagerado e... o mais importante... boa recompensa cada vez que fazem uma descoberta. — (Copyright do British News Service).

REUNIÃO DE EMINENTES HOMENS DE CIENCIA

PITTSBURGO (SIPA). — Um grupo de homens de ciência de reputação mundial, que figuraram proeminentemente em certas notícias relacionadas com a guerra finda, reuniram-se há pouco com o fim de trocar impressões sobre o objetivo comum de contribuir, cada qual na esfera das suas próprias atividades, para tornar a vida do governo humano muito mais grata do que é hoje.

O pretexto dessa reunião foi o centenário do nascimento de George Westinghouse, fundador da Westinghouse Electric Corporation, e entre as personalidades presentes contavam-se alguns dos sábios que tiveram uma intervenção na criação da bomba atômica, a que se deve a súbita conclusão da guerra com o Japão, e outros que sobremaneira se têm distinguido no campo da medicina, da biologia, das comunicações, da educação e da eletricidade.

"Não poderia acentuar-se demasiado a importância dessa reunião de sábios", declarou o Sr. M. W. Smith, vice-presidente da mesma empresa, sob cujos auspícios se efetuou a conferência. E prosseguiu: "poderá assim cada um deles penetrar-se dos problemas científicos que preocupam os seus colegas, coordenar os conhecimentos adquiridos e assentar as bases para a futura investigação com o fim de facilitar o progresso da civilização". Acrescentou que a sessão inaugural, sob a presidência do dr. Robert E. Doherty, reitor do Instituto Tecnológico Carnegie, seria consagrada à discussão do tema "A ciência e a civilização".

Falou primeiro sobre "A moral no campo da ciência" o dr. Archibald V. Hill, secretário para o estrangeiro da Real Sociedade Britânica. O dr. Isaiah Bowman, reitor da Universidade de Johns Hopkins, pronunciou um discurso sobre "A composição social do poder científico"; e Sr. George W. Merck, presidente de Merck & Company, dissertou sobre "as consequências, em tempo de paz, do emprego de armas biológicas na guerra", e o dr. L. W. Chubb, diretor dos laboratórios de investigação científica da Companhia Westinghouse, falou sobre "Os irmãos de armas da ciência".

Verificou-se também uma série de discussões, dirigidas pelo dr. Frank B. Jewett, presidente da Academia Nacional de Ciências, acerca de "O futuro da energia atômica", na qual tomaram parte os seguintes especialistas na matéria:

O dr. J. Robert Oppenheimer, professor de física na Universidade da Califórnia, que planejou, organizou e dirigiu o laboratório especial instalado na cidade neo-mexicana de Los Alamos, onde foi aperfeiçoada a bomba atômica; o dr. Enrico Fermi, professor de física na Universidade de Chicago, que em 1938 obteve o prêmio Nobel pelos seus trabalhos relativos ao "bombardeio" dos átomos; o dr. W. Edward Chamberlain, professor de radiologia na Escola Médica da Universidade de Temple; e o dr. Hugh S. Taylor, decano da Escola de Altos Estudos da Universidade de Princeton, que foi quem descobriu o catalizador mais eficaz para produzir água pesada, por meio da ação recíproca do hidrogênio e do vapor.

O dr. Vannevar Bush, diretor geral da Investigação e Fomento Científico dos E.U.A., e que durante a guerra foi chefe do Alto Comando Científico da nação, dissertou sobre "Como elaborar planos para a ciência"; o dr. Edward Warner, presidente do Conselho Interino da Organização Provisória Internacional da Aviação Civil, falou sobre "A aviação nos transportes"; o vice-Almirante Emory S. Land, ex-presidente da Comissão Marítima dos E.U.A., em cujo caráter dirigiu o desenrolar do maior plano de construção de navios mercantes que qualquer nação já levou a cabo, discursou sobre "A marinha no transporte"; o dr. Cornelis B. van Niel, professor de microbiologia da Universidade de Stanford, falou sobre "Luz e vida, a fotossíntese".

"O dr. George W. Beadle, professor de biologia da mesma universidade, falou de "A radiação de alta frequência e os genes"; o dr. Selman A. Waksman, professor de microbiologia da universidade de Rutgers, e descobridor da nova e maravilhosa estreptomicina, referiu-se a "O micróbio, amigo e inimigo do homem". O dr. Linus Pauling, do Instituto

PARA DEFENDER SUA SAUDE
exija um refrigerador:



NEVE
QUE PROPORCIONA:
FRIO CONSTANTE
GÊLO PURO
HUMIDADE DO AR
E... É ECONÔMICO

Exposição Permanente
Indústrias NEVE Ltda.
Rua Rosa e Silva, 74
(esq. Praça Marechal Deodoro)
Fones: 5-1311 • 5-1322

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

Tecnológico da Califórnia, ocupou-se de "A arquitetura molecular e a reação biológica"; o sr. Charles W. Kellogg, reitor do Instituto Elétrico Edison, tratou da "Energia elétrica, base do império industrial"; e o dr. Karl L. Compton, reitor do Instituto Tecnológico de Massachusetts, debitou um discurso para defender a tese segundo a qual "o progresso da engenharia e da ciência em geral constitui um seguro contra a agressão e a crise econômica".

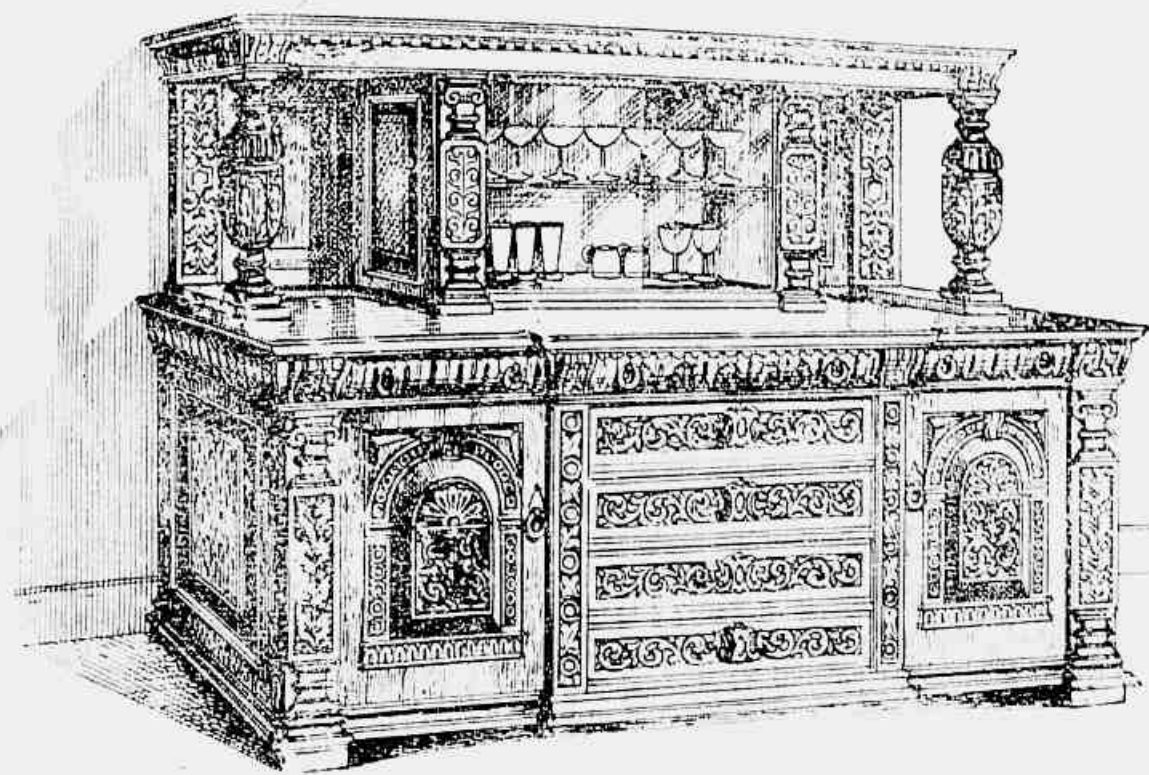
RUGOL
O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE



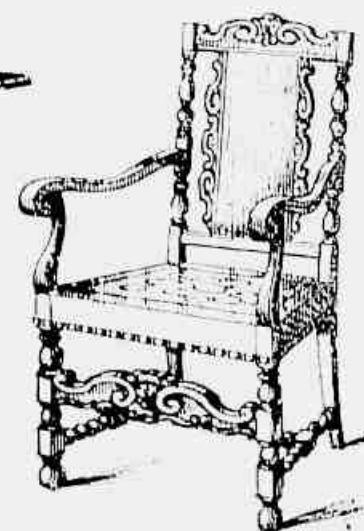
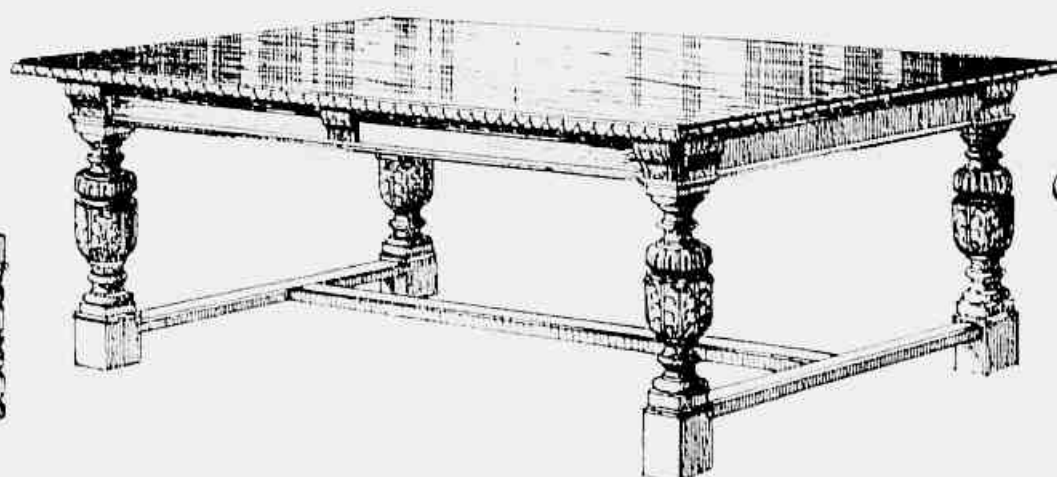
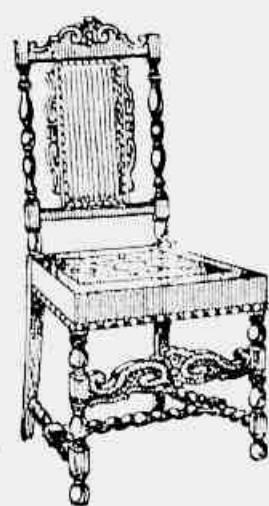
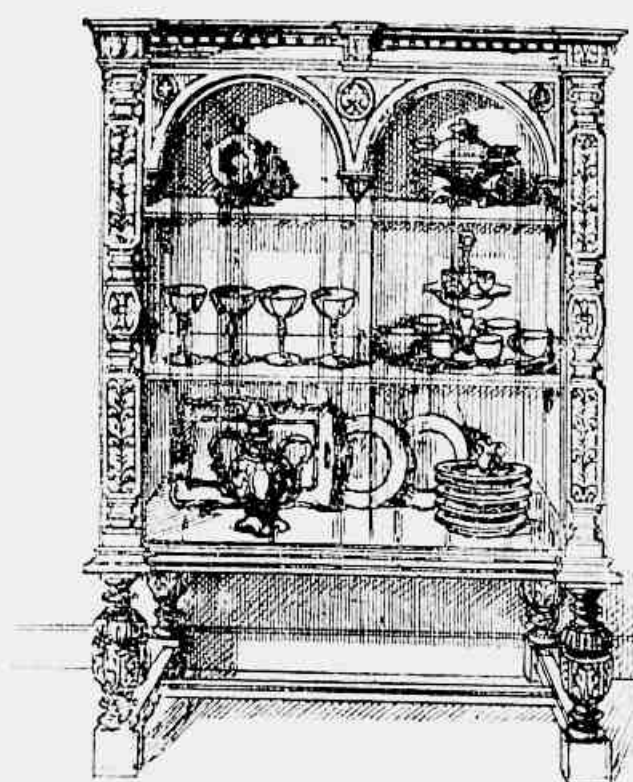
JOCKEY CLUB MUNDANO

Continua alcançando o mais amplo sucesso a temporada do Turf de 1947. Ao Hipódromo da Gávea ocorre semanalmente uma multidão de aficionados do nobre esporte que, num ambiente de entusiasmo e alegria, assiste ao desenrolar dos mais sensacionais páreos ali realizados. As fotografias que estampamos nesta página foram colhidas durante a realização de um dos últimos "meetings" organizados de acordo com o programa do corrente ano.





SALA DE JANTAR TUDOR



A estilização, quando baseada no puro estilo genuíno, sem arranjos e exageros de linhas, longe de se tornar ridícula e espalhafatosa, constitui um motivo de apuração estética, que não se encontra em geral nas peças originais. E se isto acontece em todos os ramos de arte, mormente é notado no mobiliário e na arte decorativa. Como exemplo do que acabámos de afirmar, apresentamos a sala de jantar acima, trabalhada em madeira nobre. O faqueiro, a cristaleira e a "étagère", bem como a mesa, são cobertos todos por uma camada de vidro ou cristal, que empresta um traço de modernismo ao mobiliário, sem lhe tirar entretanto as características do estilo. Os assentos das cadeiras são de couro lavrado.



SALA DE JANTAR TUDOR



MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Hollywood



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz